



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CAMPUS TRINDADE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN

LAURA ZIMMERMANN FLORES

**DESIGN DE INTERIORES E A CONSIDERAÇÃO DO USUÁRIO NO CONTEXTO DE ENSINO DE  
PROJETOS: uma abordagem pela Gestão de Design.**

Florianópolis

2020

Laura Zimmermann Flores

**DESIGN DE INTERIORES E A CONSIDERAÇÃO DO USUÁRIO NO CONTEXTO DE ENSINO DE  
PROJETOS: uma abordagem pela Gestão de Design.**

Dissertação submetida ao Programa de Pós  
Graduação em Design da Universidade Federal de  
Santa Catarina para a obtenção do título de Mestre  
em Gestão de Design.

Orientadora: Prof. Dra. Giselle Schmidt Alves Díaz  
Merino.

Florianópolis

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Flores, Laura Zimmermann  
DESIGN DE INTERIORES E A CONSIDERAÇÃO DO USUÁRIO NO  
CONTEXTO DE ENSINO DE PROJETOS : uma abordagem pela Gestão  
de Design. / Laura Zimmermann Flores ; orientador, Giselle  
Schmidt Alves Díaz Merino, 2020.  
137 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós  
Graduação em Design, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Design. 2. Design de Interiores. 3. Ensino de  
Projeto. 4. Usuário. 5. Gestão de Design. I. Merino,  
Giselle Schmidt Alves Díaz . II. Universidade Federal de  
Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Design. III.  
Título.

Laura Zimmermann Flores

**DESIGN DE INTERIORES E A CONSIDERAÇÃO DO USUÁRIO NO CONTEXTO DE ENSINO DE  
PROJETOS: uma abordagem pela Gestão de Design.**

O presente trabalho em Nível de Mestrado foi avaliado e aprovado por banca  
examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Milton Luiz Horn Vieira, Dr.

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Profa. Angélica de Souza Galdino Acioly, Dra.

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi  
julgado adequado para obtenção do título de mestre em Gestão de Design.



Documento assinado digitalmente

Ricardo Triska

Data: 12/02/2021 15:09:42-0300

CPF: 376.496.809-59

---

Prof. Ricardo Triska, Dr.

Coordenador do Programa de Pós Graduação em Design



Documento assinado digitalmente

Giselle Schmidt Alves Díaz Merino

Data: 12/02/2021 15:04:59-0300

CPF: 712.441.589-68

---

Profa. Giselle Schmidt Alves Díaz Merino, Dra.

Orientadora

Florianópolis, 2020.

Este trabalho atravessou comigo um período de gravidez, de licença maternidade, de duas coordenações de curso acompanhadas de docência e por fim uma pandemia, e o entrego ao meio acadêmico com muito orgulho. Dedico-o à minha filha e aos meus pais e padrasto, que com o exemplo e com palavras me ensinaram que o estudo é o melhor caminho para a evolução e crescimento de um ser humano.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e ao Programa de Pós Graduação em Design por permitirem que eu contribua com o meio acadêmico, educacional e profissional de Design e Design de Interiores por meio desta pesquisa. Ainda, agradeço pelo consequente desenvolvimento pessoal e profissional que adquiri ao vivenciar todas as experiências oferecidas pelo programa, incluindo as aulas de excelente qualidade, a vivência e troca constante com colegas e professores e o convívio junto ao Núcleo de Gestão de Design (NGD).

Agradeço à minha orientadora Profa. Dra. Giselle S. A. D. Merino e ao Prof. Dr. Eugenio A. D. Merino pelo acolhimento excepcional que tiveram comigo ao ingressar no programa, pela paciência diante de meu momento de gestação, pelas palavras sempre muito carinhosas e por me ensinarem no dia a dia que trabalho e estudos precisam ser equilibrados com a vida familiar. No NGD, nosso laboratório e segunda casa de muitos, aprendi o verdadeiro significado de acolhimento. Lá conheci pessoas sempre dispostas a ajudar, a abraçar, a ouvir, a estarem abertos para ensinar e aprender juntos. Agradeço a todos os “NGDais”, especialmente aos meus parceiros de trabalho Leandro, Júlia e Leticia, que me ensinaram tanto sobre um mundo de pesquisa novo pra mim, que foram pacientes em meio aos imprevistos da maternidade, e que sempre me receberam com sorrisos e abraços em nossos encontros. A vocês, agradeço pela amizade.

Agradeço à minha filha Carolina que gentilmente dividiu o momento de descoberta de sua existência com o da aprovação no tão querido Programa de Pós Graduação em Design da UFSC. Ainda agradeço a ela que permitiu o desenvolvimento de artigos e trabalhos após seu nascimento dividindo, algumas vezes, seu espaço em meu colo com um notebook. Agradeço à minha família, que sempre me apoiou, incentivou e não mediu esforços para que eu conseguisse conciliar Mestrado, Maternidade e Trabalho. Agradeço aos meus queridos pais Janete e César, padrasto Claudio, irmãs Bruna e Luisa por tornarem os meus momentos de ausência quase imperceptíveis para minha filha, pela disponibilidade infinita em cuidar dela, pelas refeições prontas, pelas conversas que não me deixaram desistir.

Agradeço à minha amiga, ex-chefe e segunda mãe Cida, que me acompanhou desde a concepção do meu projeto, pelas trocas diárias no e por flexibilizar as jornadas de trabalho pra que eu pudesse concluir minha pesquisa com mais leveza. A todos, muito obrigada!

*O design do sistema é definitivamente crucial para  
o sucesso da experiência com o produto ou serviço. (BEST, 2012)*

## RESUMO

Esta pesquisa foi motivada a partir de casos observados empiricamente referentes ao processo projetual de estudantes de Design de Interiores em Cursos de Nível Técnico e Superior, nos quais identificou-se a não familiaridade com procedimentos que envolvem contato com usuários na busca por informações que devem servir de subsídio ao Programa de Necessidades e conseqüentemente ao desenvolvimento das fases práticas do desenvolvimento de projetos. Essa pesquisa buscou identificar como se dá a consideração do usuário no desenvolvimento de projetos de Design de Interiores no contexto de ensino de projeto. Para isso, utilizou-se da abordagem da Gestão de Design a fim de compreender os processos de projeto; articular as áreas que compreendem os estudos acerca da relação usuário-ambiente; e por fim, integrou novos processos às metodologias já vigentes nesse contexto. A pesquisa possui natureza básica, de objetivo exploratório-descritivo e de abordagem qualitativa e foi desenvolvida em três fases. A primeira fase traz uma Fundamentação Teórica, que explorou os temas de Gestão de Design; Design de Interiores e o Processo de Projeto, incluindo o Ensino de Projeto. Ainda na Fase 1, por meio da abordagem da Gestão de Design articulou-se as disciplinas que estudam a relação usuário-ambiente, especialmente a Psicologia Ambiental, o Design de Interiores e a Ergonomia do Ambiente Construído, situando-as dentro das grandes áreas da Arquitetura e do Design. A segunda fase traz um Levantamento do Panorama de Ensino em Design de Interiores, inicialmente por meio da busca por Cursos Superiores em Design de Interiores em IES públicas no Brasil, nas quais foram identificadas e desenhadas as metodologias de projeto aplicadas (com base em seus Projetos Pedagógicos) e nelas identificados os momentos de contato entre designer e usuário. Ainda na Fase 2, nas etapas subsequentes, um questionário foi aplicado com professores de Cursos de Design de Interiores (Superiores e Técnicos) para levantamento do panorama de ensino de projeto de Design de Interiores em um contexto local, na Grande Florianópolis-SC. A terceira e última Fase deste trabalho traz uma contribuição em formato de Fichas Orientativas que visam sistematizar a coleta inicial de informações junto aos usuários nos momentos que precedem a concepção projetual. Essas fichas foram desenvolvidas a fim de auxiliar o designer na organização do processo de coleta, registro e síntese de informações objetivando um projeto que coloque o usuário no centro do desenvolvimento de projetos em prol da geração de ambientes que promovam o bem-estar e a qualidade de uso.

**Palavras-chave:** Design de Interiores; Ensino de Projeto; Usuário; Gestão de Design; Metodologia de projeto.



## **ABSTRACT**

The motivation of this research was the empirical observation of cases regarding students' design processes from Technical and Higher Level courses of Interior Design. Unfamiliarity with user-centered procedures was identified as the basis of information to substantiate the briefing and consequently, the development of the practical stages of project development. The present study sought to identify how the user is taken in consideration during the development of Interior Design projects in the context of Project Teaching.

This research used the Design Management concept in order to understand design processes; articulate the areas grasping the studies about user-environment relationship; and finally, integrate new processes into the methodologies usually applied in its context. The nature of its research is basic, with an exploratory-descriptive goal and a qualitative approach and was developed in three phases. The first phase brings Theoretical Foundation, which explores the themes of Design Management; Interior Design and the Design Process, including Project Teaching. The disciplines about user-environment relationship, specially Environment Psychology, Interior Design, Ergonomy of the Built-Environment were articulated during phase 1, being positioned in the macro areas of Architecture and Design. The second phase brings a survey about the teaching overview in Interior Design, beginning with Higher Courses in Interior Design from public Higher Technical Institutions in Brazil, in which the applied design methodologies were identified and designed (based on their Pedagogical Projects and contact between designer and user). Still in Phase 2, in the subsequent stages, a questionnaire was applied with teachers from Interior Design Courses (Superiors and Technicians) to survey the panorama of teaching Interior Design projects in a local context, in region of Florianópolis-SC. The third and final phase of this work brings a contribution in the form of Guidance Cards that aim to systematize the initial collection of information from users in the moments that precede the project design. These forms were developed in order to assist the designer in organizing the process of collecting, registering and synthesizing information aiming at a project that puts the user at the center of the development of projects in favor of the generation of environments that promote well-being and quality of use.

**Palavras-chave:** Interior Design; Project Teaching; User; Design Management; Design Methodology.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Caracterização da Pesquisa .....	23
Figura 2: Fases da Metodologia de Gibbs (2010), com sinalização dos momentos de contato com cliente ou usuário .....	41
Figura 3: Fases da Metodologia de Ching e Biggeli (2013) e a sinalização dos momentos de contato com Cliente ou Usuário.....	42
Figura 4: Fases da Metodologia de por Karlen (2009) e sinalização dos momentos de contato com Cliente ou Usuário .....	44
Figura 5: Fases da Metodologia de Gurgel (2007) e sinalização dos momentos de contato com Cliente ou Usuário .....	46
Figura 6: Fases da Metodologia de Oliveira (2016) e e sinalização dos momentos de contato com Usuários .....	47
Figura 7: Relação entre as disciplinas que abordam as relações pessoa-ambiente .....	52
Figura 8: Modelo esquemático de MEAC (VILLAROUCO, 2008).....	56
Figura 9: Relação percebida pela autora entre APO, PN e o desenvolvimento de projetos	70
Figura 10: Síntese das Fases da Pesquisa .....	72
Figura 11: Temas pesquisados na Fase 1.....	73
Figura 12: Atividades desenvolvidas na Fase 2 da pesquisa .....	74
Figura 13: Passos desenvolvidos na Etapa 1 da Fase 2 .....	76
Figura 14: Passos desenvolvidos na Etapa 2 da Fase 2 .....	77
Figura 15: Passos desenvolvidos na Etapa 3 da Fase 2 .....	79
Figura 16: Divisão do questionário para fins de organização.....	80
Figura 17: Passos desenvolvidos na Etapa 4 da Fase 2 .....	80
Figura 18: Passos desenvolvidos na Etapa 5 da Fase 2 .....	82
Figura 19: Etapas e Passos da Fase 3.....	83
Figura 20: Motivadores para desenvolvimento da Fase 3 .....	83
Figura 21: Passos desenvolvidos na Etapa 1 da Fase 3 .....	85
Figura 22: Blocos de Referência do GODP.....	86
Figura 23: Passos desenvolvidos na Etapa 3 da Fase 3 .....	87
Figura 24: Passos desenvolvidos na Etapa 1 da Fase 2 .....	88

Figura 25: Posição de apresentação de respostas do questionário (Parte 1).....	89
Figura 26: Sexo dos Respondentes - Parte 1 do questionário.....	90
Figura 27: Idade dos Respondentes - Parte 1 do questionário .....	91
Figura 28: Nível do Curso no qual lecionam - Parte 1 do questionário.....	92
Figura 29: Posição de apresentação de respostas do questionário (Parte 2) .....	92
Figura 30: Nuvem de palavras - conceitos mais apontados como “Ponto de Partida” .....	93
Figura 31: Nuvem de palavras para ilustrar os termos mais apontados para a questão das “Etapas” .....	95
Figura 32: Posição de apresentação de respostas do questionário (Parte 3).....	99
Figura 33: Ajuste dos Blocos de Referência, propostos por Merino (2016), para a disciplina de Design de Interiores.....	111
Figura 34: Itens Mensuráveis e Não-Mensuráveis no ambiente .....	116
Figura 35: Ficha Orientativa Bloco Produto + Ato Observar .....	118
Figura 36: Ficha Orientativa Bloco Usuário + ato de ouvir.....	120
Figura 37: Ficha Orientativa Bloco Contexto + ato de registrar .....	122

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: IES Federais com Curso Superior em Design de Interiores e as Bibliografias para Metodologia de Projeto .....	39
Tabela 2: Métodos/Técnicas de APO levantadas por Bastos (2015).....	68
Tabela 3: Instituições de Ensino da Grande Florianópolis com formação em Design de Interiores .....	78
Tabela 4: Apresentação das respostas obtidas com a Situação 1.....	101
Tabela 5: Apresentação das respostas obtidas com a Situação 2.....	105
Tabela 6: Apresentação das respostas obtidas com a Situação 3.....	108
Tabela 7: Autores e sua consideração sobre o Programa de Necessidades e/ou Briefing.	114

## LISTA DE SIGLAS

<b>ABD</b>	Associação Brasileira de Design de Interiores
<b>AET</b>	Análise Ergonômica do Trabalho
<b>AMT</b>	Avaliação CMacroergonômica do Trabalho
<b>APO</b>	Avaliação Pós Ocupação
<b>CST</b>	Curso Superior de Tecnologia
<b>DMI</b>	Design Management Institute
<b>EAC</b>	Ergonomia do Ambiente Construído
<b>E-MEC</b>	Sistema Eletrônico do Ministério da Educação
<b>ENEAC</b>	Encontro Nacional de Ergonomia do Ambiente Construído
<b>GODP</b>	Guia de Orientação para Desenvolvimento de Projetos
<b>HCD</b>	Human Centered Design
<b>IDEO</b>	Empresa Internacional de Design Consultoria e Inovação
<b>IEA</b>	International Ergonomics Association
<b>IES</b>	Instituição de Ensino Superior
<b>IFAL</b>	Instituto Federal de Alagoas
<b>IFMG</b>	Instituto Federal de Minas Gerais
<b>IFPB</b>	Instituto Federal da Paraíba
<b>IFSP</b>	Instituto Federal de São Paulo
<b>MEAC</b>	Método de Avaliação do Ambiente Construído
<b>NBR</b>	Norma Brasileira
<b>PN</b>	Programa de Necessidades
<b>PPC</b>	Projeto Pedagógico de Curso
<b>RPA</b>	Relação Pessoa-Ambiente
<b>UFBA</b>	Universidade Federal da Bahia
<b>UFG</b>	Universidade Federal de Goiás
<b>UFU</b>	Universidade Federal de Uberlândia

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO .....	16
1.2 PERGUNTA DE PESQUISA.....	19
1.3 OBJETIVOS .....	19
1.3.1 Objetivo Geral.....	19
1.4 JUSTIFICATIVA E MOTIVAÇÃO .....	19
1.5 ADERÊNCIA AO PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM DESIGN .....	21
1.6 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA.....	22
1.7 CARACTERIZAÇÃO GERAL DA PESQUISA .....	23
1.8 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....	24
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>25</b>
2.1 GESTÃO DE DESIGN .....	25
2.2 DESIGN DE INTERIORES E O PROCESSO DE PROJETO .....	27
2.2.1 O Ensino de Projeto .....	34
2.2.2 Mapeamento de IES com Cursos Superiores em Design de Interiores.....	37
2.3 O USUÁRIO E O AMBIENTE .....	50
2.3.1 Metodologias de Avaliação Ambiental - Ergonomia do Ambiente Construído (EAC).54	
2.3.2 Psicologia Ambiental .....	57
2.3.3 Programa de Necessidades e Avaliação Pós-Ocupação: As etapas de contato com o Usuário.....	60
<b>3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>72</b>
3.1 FASE 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	73
3.2 FASE 2 – PESQUISA DE CAMPO: LEVANTAMENTO DO PANORAMA DE ENSINO .....	74
3.2.1 Fase 2 – Etapa 1: Mapeamento de Métodos Utilizados na Academia (IES FEDERAIS)75	
3.2.2 Fase 2 – Etapa 2: Seleção de Docentes Grande Florianópolis.....	77
3.2.3 Fase 2 – Etapa 3: Elaboração de Instrumento de Coleta de Dados.....	78
3.2.4 Fase 2 – Etapa 4: Coleta de Dados.....	80
3.2.5 Fase 2 – Etapa 5: Organização dos Dados Coletados .....	82
3.3 FASE 3 – SISTEMATIZAÇÃO PARA COLETAS INICIAIS .....	82

3.3.1 Motivadores para a Fase 3 .....	83
3.3.2 Fase 3 - Etapa 1.....	84
3.3.3 Fase 3 - Etapa 2 e 3.....	86
<b>4. RESULTADOS .....</b>	<b>87</b>
4.1 FASE 2 – PESQUISA DE CAMPO: LEVANTAMENTO DO PANORAMA DE ENSINO .....	88
4.1.1 Parte 1 dos Questionários – Perfil do Respondente .....	89
4.1.2 Parte 2 dos Questionários – Metodologias e Ferramentas.....	92
4.1.3 Parte 3 dos Questionários – Situações Hipotéticas.....	99
4.2 FASE 3 - SISTEMATIZAÇÃO PARA COLETAS INICIAIS.....	110
4.2.1 Etapa 1 – Base: Blocos de Referência (GODP).....	110
4.2.2 Etapa 2 – Fatores a serem levantados no Pré-Projeto.....	113
4.2.3 Etapa 3 – Fichas Orientativas .....	117
4.3 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	122
<b>5. CONCLUSÃO .....</b>	<b>128</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>131</b>
<b>APÊNDICE</b>	<b>137</b>

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

A ampla gama de áreas de atuação do profissional de Design traz para o contexto de ensino a responsabilidade de preparar o estudante para diversas atuações. No entanto, não é nas especificidades que o profissional ganha destaque quanto às suas habilidades profissionais, mas ao saber que todo o profissional de projeto precisa aprender a entender problemas que as pessoas acham difícil de descrever e, dar a elas boas soluções (LAWSON, 2011). Assim, trata-se não apenas de áreas de atuação relacionadas à escolha e aplicação de materiais, cores, formas e texturas, mas uma profissão que exige um leque multidisciplinar e vasto de habilidades humanas. Nesse sentido, Best (2012) afirma que embora existam alguns conceitos gerais, processos e habilidades comuns a todas as disciplinas de Design, cada disciplina seguirá seu próprio processo específico de projeto. Segundo Elali (1997) o estudo da relação pessoa-ambiente envolve múltiplas áreas, como Psicologia, Sociologia, Antropologia, Arquitetura, entre outras, e é um erro estudá-las isoladamente entendendo apenas suas especificidades. Para a autora, o foco deve estar em conhecer como relacionam-se entre si.

No universo do desenvolvimento de projetos de ambientes o relacionamento entre as áreas se dá durante todo o processo de projeto, desde a abordagem com o usuário para levantamento de informações até o acompanhamento final de execução: cliente, usuário, designers, arquitetos, engenheiros, profissionais de manutenção, construção civil, marcenaria, marmoraria entre outros desenvolvem uma mesma linguagem para que possam comunicar-se de maneira efetiva, em prol da construção de um ambiente satisfatório. Lawson (2011) aponta que cada profissional, dentro da sua especialidade, tem uma contribuição para dar ao projeto. Certamente, cada um estará condicionado pela sua formação e pela tecnologia que conhece. O desafio que se apresenta na atualidade é a interação entre todas as áreas que lidam com o projeto, e principalmente, como não deixar que os interesses do usuário percam-se ao longo do caminho devido às diferentes visões. Segundo Best (2012) o Design possibilita uma abordagem integrativa e holística para os desafios que se apresentam, já que segue um modelo de resolução de problemas centrado nas pessoas.



O Design, por sua vez, atua a partir de dois papéis: o designer criativo, que pensa no ambiente com o foco nas pessoas, e o designer gestor, que integra as áreas que abordam os temas. Martins e Merino (2011) afirmam que o designer gestor não precisa atuar e nem especializar-se em todas as áreas que o Design, com seu caráter multidisciplinar, abrange, mas possui a função de gerenciá-las, implementá-las e integrá-las. A ambiência<sup>1</sup> é tida por diversos autores como parte fundamental na contribuição do bem-estar e qualidade de vida de usuários, e por isso, compreender o processo projetual de ambientes conhecendo o contexto usuário-ambiente e a abordagem do usuário no processo de projeto torna-se subsídio para a atividade de Gestão de Design apresentada neste pesquisa.

Segundo Grossman e Araújo (2009), os usuários demandam, além de segurança, ambientes confortáveis e saudáveis nos aspectos físicos, mentais e emocionais. Identificar as reais necessidades do usuário para transpô-las em forma de requisitos de projeto é a grande responsabilidade do profissional projetista. A participação colaborativa de usuários e projetistas na elaboração de projetos de ambientes tem sido objeto de estudos da Ergonomia Ambiental, por meio de métodos específicos e estudos sistemáticos de avaliação e adequação do ambiente construído às tarefas. (PAIVA E VILLAROUCO, 2012, p. 56). Ninguém melhor que o próprio usuário para identificar as qualidades e fraquezas de um projeto, já que este é quem de fato vivencia o espaço. A Psicologia Ambiental, segundo Moser (2005) é uma disciplina que trata do indivíduo enquanto ser que pensa, que sente e que age, de um lado, e do ambiente, de outro lado. Trata-se a Psicologia, portanto, de uma disciplina que lida com o indivíduo em sua relação com o ambiente.

Para Mozota (2011) o Design pode se posicionar dentro de quatro poderes num modelo de gestão: como diferenciador, integrador, transformador e como bom negócio. A autora pondera que, a vantagem competitiva pode assumir duas formas: Design como diferenciador e Design como coordenador ou integrador. Assim, com objetivo de compreender o ambiente e sua relação com o usuário, recorre-se nessa pesquisa ao estudo de disciplinas como a Psicologia Ambiental, Ambiência, Ergonomia do Ambiente Construído, Arquitetura, Design de Interiores e à Gestão de Design enquanto abordagem.

---

<sup>1</sup> É o espaço, arquitetonicamente organizado e animado, que constitui um meio físico e psicológico, especialmente preparado para o exercício de atividades humanas. (Dicionário Aurélio)

Atualmente, uma das áreas que se ocupa do estudo e desenvolvimento de ambientes interiores é o Design de Interiores. De acordo com o Ministério da Educação, os cursos de Design de Interiores fazem parte do campo de conhecimento do Design, caracterizado pelo desenvolvimento de projetos para ambientes, produtos, processos e ideias, e seguem parâmetros curriculares próprios. Segundo Bastos (2015) o campo diferencia-se da Arquitetura por conta do objeto trabalhado, sua escala de intervenção e elementos envolvidos, tendo em vista que a arquitetura dedica-se à macro e mega escala e o Design de Interiores se ocupa de intervenções em proporções menores.

O processo de projeto que conhecemos na atualidade surgiu como reação a mudanças no contexto social e cultural. (LAWSON, 2011, p.34). Best (2012) afirma que designers trabalham tanto individualmente como em equipes, em grupos de uma só disciplina e também de múltiplas disciplinas (interdisciplinares). Podem e precisam trabalhar em ambientes tranquilos propícios à reflexão e à análise, mas também em equipes colaborativas (p.46). No entanto, “para que as aplicações do Design sejam feitas de forma adequada, é necessário que se estabeleçam parâmetros do processo que o envolve, e isso se chama metodologia do projeto” (MARTINS E MERINO, 2011, p.82).

Assim, o ensino de projeto surge nesta pesquisa como o contexto. Compreender o processo de projeto existente no meio acadêmico, assim como as disciplinas envolvidas, as etapas e ferramentas utilizadas no levantamento de informações permite ao Gestor de Design contribuir com os processos a fim de aperfeiçoá-los. Lawson (2011) aponta que não existe nenhum método infalível de projetar, uma vez que a solução de um projeto jamais será lógica, e portanto o profissional deve ter a habilidade de controlar e variar seu processo de acordo com cada situação. Porém, o autor afirma que boa parte dos projetos é encomendada por clientes, e não por usuários porém, é nesse último que o sucesso do projeto se concentra.

Assim, esta pesquisa permeia diversas disciplinas para compreender o processo de projeto de ambientes, e se utiliza da Gestão de Design para identificar a inserção do usuário neste processo, em especial no contexto de ensino. Dessa maneira, a Gestão de Design atua como articuladora de diversas disciplinas e como gerenciadora de um processo já existente, mas que se mostra deficitário no que tange a abordagem do usuário.

## 1.2 PERGUNTA DE PESQUISA

*Qual é o processo de projeto proposto no contexto de ensino em Design de Interiores e como leva o usuário em consideração?*

## 1.3 OBJETIVOS

A seguir estão apresentados o objetivo geral e os objetivos específicos que serviram de orientação para o desenvolvimento desta dissertação.

### 1.3.1 Objetivo Geral

Identificar como se dá a consideração do usuário no desenvolvimento de projetos de Design de Interiores no contexto de ensino de projeto.

#### 1.3.1.1 Objetivos Específicos

- Compreender os conceitos de Gestão de Design, Design de Interiores, Processo e Ensino de Projeto;
- Mapear e identificar as áreas de estudo que abordam a relação Usuário-Ambiente;
- Identificar, na literatura, as propostas metodológicas para desenvolvimento de projetos utilizadas no contexto de ensino de projeto em cursos de Design de Interiores e como consideram o usuário;
- Analisar a consideração do usuário no desenvolvimento de projetos de Design de Interiores em Cursos Técnicos e Superiores da Grande Florianópolis;
- Sistematizar a coleta inicial de informações que precedem o desenvolvimento de projetos de Design de Interiores.

## 1.4 JUSTIFICATIVA E MOTIVAÇÃO

Moser (2005) afirma que cada pessoa tem atitudes individuais com relação ao seu ambiente físico e social, modificando-o, percebendo e avaliando-o de maneiras diferentes, e da mesma maneira o ambiente o modifica e influencia as suas condutas. A projeção de ambientes, atualmente, é atividade presente na atuação profissional de designers, designers de interiores e arquitetos, no entanto, poucas são as propostas

metodológicas de projeto voltadas especificamente ao desenvolvimento de ambientes interiores.

O Brasil possui 7 Instituições de Ensino públicas ofertando atualmente cursos voltados ao desenvolvimento de projetos de espaços interiores- com diferentes denominações (E-MEC, 2019). As propostas metodológicas específicas apresentadas também são poucas, totalizando apenas 4 (3 internacionais e 1 nacional). Analisando-as percebe-se que, em geral não incluem diretamente o usuário em seu processo de projeto, sugerindo o contato com “cliente ou usuário” nos momentos de entrevista inicial e apresentação final de resultados. Ainda, não foram identificadas propostas que sistematizassem a abordagem junto aos usuários no momento inicial de projeto, nem mesmo como a coleta de informações que subsidiam seu desenvolvimento devem ser realizadas.

Oliveira (2016) realiza um vasto estudo acerca das metodologias projetuais existentes na literatura, em especial na área de Design de Interiores e Arquitetura, e quando necessário de Design como atividade generalista. O autor soma a isso uma pesquisa junto a profissionais de Design de Interiores atuantes no mercado de trabalho, a fim de compreender as metodologias utilizadas em sua prática profissional. Oliveira constata, que “os métodos utilizados pelos profissionais de Design de Interiores através de suas ferramentas (ou técnicas) são insuficientes para garantir de forma plenamente satisfatória os critérios de usabilidade aos usuários.” (p.28)

Cabe ressaltar que espaços interiores, diferentemente de projetos industriais de produto, são únicos, não desenvolvidos em série e dificilmente repetidos em sua forma e significação, o que justifica um olhar único para cada usuário e suas necessidades. Segundo Bestetti (2014) a tradução dos estímulos ambientais promovidos pelo projeto de Design é definida como percepção e depende das experiências vividas, dos valores culturais do local onde o cada ser humano pertence. Cabe ao designer não apenas ouvir, mas olhar para o usuário e suas necessidades, suprindo-as com soluções que garantam a qualidade do projeto, sempre em prol do seu bem-estar físico e psicológico. Segundo Lawson (2011), os estudantes dessas áreas projetuais costumam ser incapazes de indicar os efeitos que as informações coletadas (seja com usuários ou clientes) tem na solução final de projeto.

Entende-se, portanto, a importância em dedicar atenção ao contexto de ensino de projeto de espaços interiores visando a formação de profissionais mais comprometidos e habilitados para lidar com as informações que subsidiam os projetos.

Somado às questões supra citadas, um envolvimento pessoal da autora com o ensino de projeto em cursos de Design de Interiores, incluindo a prática de 8 anos de docência em Cursos Técnicos e Superiores em Design de Interiores, motivam o desenvolvimento desta pesquisa, a fim de promover uma visão mais humana para os usuários e sistematizada para o processo de coletas, contribuindo para o contexto de sua formação.

É por meio da Gestão de Design, com sua abordagem holística, que tornou-se possível compreender mais profundamente, tanto o contexto de ensino de Projeto em Design de Interiores, quanto às relações que o usuário estabelece com os ambientes interiores em que vive. Ainda, a Gestão de Design promove nesta pesquisa, a integração de novos processos às metodologias já existentes, sistematizando as coletas iniciais de informações que subsidiam o projeto e trazendo um novo olhar para os usuários no contexto de Design de Interiores.

#### 1.5 ADERÊNCIA AO PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM DESIGN

A presente pesquisa possui aderência ao programa de Pós-graduação em Design a medida que entende o Design como inovação, metodologia e técnica resultando na melhoria de processos a partir da linha de pesquisa adotada, Gestão de Design.

A Gestão de Design surge nesta pesquisa como:

- abordagem utilizada para compreender os processos de projeto utilizados no contexto de ensino de Design de Interiores;
- articuladora dos estudos e disciplinas que abordam a relação usuário-ambiente;
- integradora de novos processos às metodologias já consolidadas no contexto de Design de Interiores.

A concepção de ambientes é realizada atualmente por diferentes profissionais (arquitetos, designers de interiores, engenheiros civis), e o estudo das relações

estabelecidas entre usuário e ambiente são abordadas por diferentes disciplinas (Arquitetura, Design, Ergonomia, Psicologia Ambiental), cada qual sob sua ótica. O Design, a partir de seu enfoque centrado no usuário, dará um olhar inovador aos estudos das relações pessoa-ambiente, utilizando-se da abordagem holística e articuladora da Gestão de Design, contribuindo para os processos metodológicos existentes.

Esta pesquisa também integra o Núcleo de Gestão de Design (NGD) e o Laboratório de Design e Usabilidade (LDU). O núcleo de pesquisa procura compreender como o Design pode contribuir estrategicamente nas organizações, em seus produtos e serviços, tendo como foco de suas ações o ser humano (projeto centrado no usuário) e trabalhando com o Design Universal, Design Inclusivo e Design Saúde. O NGD e o LDU possuem como missão investigar, aplicar e disseminar o Design e a ergonomia como ferramentas estratégicas para as organizações, tendo como base a competitividade, a diferenciação e a sustentabilidade, aplicada a projetos, produtos e serviços com ênfase no Design Universal – Inclusivo. (NDG/LDU, 2017).

## 1.6 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

Esta pesquisa se delimita a identificar e analisar a consideração do usuário nas metodologias de projeto de desenvolvimento de ambientes utilizadas no contexto de ensino de Design de Interiores da Grande Florianópolis entre os anos de 2018 e 2019. A escolha pela localização se dá pela atuação profissional da autora em cursos de formação técnica e superior em Design de Interiores nos municípios de Florianópolis e Palhoça - ambos na Grande Florianópolis. A região da Grande Florianópolis possui um total de 3 cursos de graduação tecnológica (nível superior) em Design de Interiores com turmas em andamento - sendo dois em Florianópolis e um em Palhoça; e 2 cursos técnicos em Design de Interiores - sendo um em Florianópolis e um em Palhoça. Optou-se por trabalhar com ambas as tipologias de cursos - técnico e superior - visto que o tempo de duração é semelhante (de 2 a 3 anos). A pesquisa foi realizada com docentes de cursos técnicos e superiores em Design de Interiores que ministram ou já ministraram disciplinas de projetos nestes cursos.

## 1.7 CARACTERIZAÇÃO GERAL DA PESQUISA

Essa pesquisa se classifica como uma pesquisa de natureza básica, sendo “destinadas unicamente à ampliação do conhecimento” (GIL, 2017, p. 25) e objetivando “gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista (SILVA e MENEZES, 2005, p.20).

Ainda, esta pesquisa possui objetivo exploratório-descritivo, uma vez que busca conhecer em diferentes fontes os processos de projeto, tanto propostos pela literatura para uso em sala de aula, como os próprios *modus faciendi* dos docentes, que trazem o olhar do profissional para o contexto de ensino, tendo como foco verificar a abordagem realizada (ou sugerida pelo docente) junto ao usuário para busca de necessidades.

Quanto à abordagem do problema, se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, uma vez que encontrará informações de diversas fontes, que serão analisadas de maneira intuitiva, tendo como foco principal do estudo a correlação entre informações e a visão holística do processo.

Quanto aos procedimentos técnicos, a Fase 1 se apresenta como uma pesquisa Bibliográfica, a Fase 2 de Levantamento, incluindo questionários, pesquisa em documentação de Instituições de Ensino Superior, e em sua Fase 3 Sistemática, uma vez que relaciona as informações das Fases 1 e 2 em prol do desenvolvimento de um instrumento para coletas iniciais de projeto.

Na Figura 1 apresentada a seguir a caracterização desta pesquisa de acordo com sua natureza, abordagem, objetivo e procedimentos técnicos.

Figura 1: Caracterização da Pesquisa

Caracterização Geral da Pesquisa	NATUREZA	Básica
	ABORDAGEM	Qualitativa
	OBJETIVOS	Exploratório-descritiva
	PROCEDIMENTOS TÉCNICOS	Fase 1: Fundamentação Teórica Fase 2: Levantamento do Panorama de Ensino Fase 3: Sistematização para Coletas Iniciais

Fonte: A autora.

## 1.8 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

**Capítulo 1 – Introdução:** Traz a contextualização do tema para o leitor, além de expor a problemática de pesquisa e a justificativa, juntamente com a aderência do tema ao Programa de Pós-Graduação em Design, linha de pesquisa Gestão.

**Capítulo 2 - Fundamentação Teórica:** Expõe os temas sobre a qual esta pesquisa está inicialmente estruturada, na qual se encontra a revisão literária sobre Gestão de Design, Design de Interiores e os Processos Metodológicos, incluindo estudos sobre o Ensino de Projeto. Neste último, apresenta-se uma análise quanto às metodologias de projeto propostas para as disciplinas de projeto, segundo as bibliografias presentes nos ementários, de cursos superiores de Design de Interiores em IES federais do país. Por último, ainda na apresentação da Fundamentação Teórica, apresenta-se um panorama dos estudos que analisam as relações estabelecidas entre Usuário e Ambiente.

**Capítulo 3 - Procedimentos Metodológicos:** adotados para o desenvolvimento desta dissertação, e traz em forma de linha do tempo a maneira como as atividades foram distribuídas. Além disso, traz em formato de tabelas as Fases 2- Pesquisa de Campo e Fase 3 - Resultados do trabalho, apresentando as subetapas e atividades do desenvolvimento.

**Capítulo 4 – Resultados:** apresenta os resultados tanto da Fase 2 (Levantamento do Panorama de Ensino), que explora o meio acadêmico e de ensino de Design de Interiores quanto da Fase 3 (Sistematização para Coletas Iniciais), além de discutir os resultados em seu fechamento.

**Capítulo 5 – Conclusões:** traz um fechamento de toda a pesquisa somado às experiências e visão da autora durante o desenvolvimento desta pesquisa.

Após os cinco capítulos são apresentadas as referências e os apêndices.



## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 GESTÃO DE DESIGN

Este tópico da dissertação apresenta uma revisão bibliográfica acerca das definições de Gestão de Design e das competências requeridas a um Gestor de Design. A Gestão de Design será a abordagem pela qual a pesquisa se dará, principalmente por seu caráter gerenciador de processos.

Para Merino (2010) o termo Gestão de Design vem da tradução do termo *Design Management*, amplamente utilizado na Europa, Estados Unidos e outros países do mundo, para referenciar diversas ações, dentre elas gerenciamento de projetos. Além disso, a Gestão de Design ocupa-se do gerenciamento de pessoas processos e procedimentos que dão início a novos produtos serviços , ambientes e também experiências. (Best, 2012). A integração do Design com a gestão, dando surgimento a Gestão de Design, ocorreu na década de 60, na Grã Bretanha, com o objetivo de garantir a integração das agências de Design e as empresas, facilitando assim a comunicação e garantindo a uniformidade dos projetos (MOZOTA, 2011). Em 1975 é fundado o Design Management Institute (DMI) em Boston, podendo ser considerado uma referência de Gestão de Design da atualidade. Para o DMI (2013) a Gestão de Design torna-se presente nas tomadas de decisões das organizações, por meio da integração entre as equipes criativas e a administração, contemplando processos e estratégias, seja para o desenvolvimento de produtos, serviços, comunicações ou marcas projetadas, visando sempre o sucesso organizacional, inovação e qualidade de vida.

Mozota (2011) afirma que além de mediar a relação entre a cultura corporativa e a cultura de Design presente em uma empresa ou organização, o que distingue a Gestão de Design de outros processos gerenciais é a maneira pela qual identifica e comunica as oportunidades pelas quais o Design pode contribuir estrategicamente com uma organização. Segundo Best (2012) quando o processo de resolução de problemas está centrado nas recompensas financeiras e nos incentivos para a geração de lucros, o sucesso do projeto fica comprometido. Por ser o Design uma área que naturalmente trata da solução de problemas a partir das necessidades das pessoas, a Gestão de Design se mostra

como uma atividade propulsora de soluções práticas e muitas vezes inovadoras, atendendo à demandas reais e não apenas a necessidades do mercado (BEST, 2012, p.18).

Best (2012) ainda utiliza o termo “pontos de contato” para referir-se à maneira como o Design está tangível no cotidiano das pessoas, dos processos, projetos, produtos ou serviços, e que influenciam a maneira como uma organização ou marca é percebida. A autora afirma que novos processos podem ser integrados à metodologias já vigentes, onde um problema de Design torna-se uma oportunidade de Design. É a visão holística do gestor de Design, enquanto profissional interdisciplinar, que permite a introdução de um novo enfoque, ou ainda inserção de novos procedimentos ou stakeholders quando necessário (p.9). Segundo Demarchi (2011) o processo de Gestão de Design contempla uma série de métodos, adequados à natureza de cada projeto ou questões de Design. Quando a equipe envolvida tem caráter interdisciplinar, conhecer os métodos pertencentes às demais áreas e como integrá-los em cada estágio do processo também é função do Gestor de Design, principalmente por que, segundo a autora, o processo não é linear possuindo muitos ciclos de feedback os quais são definidos para permitir a natureza interativa do Design e acomodar os *insights* que ocorrem em cada estágio do processo. Para Martins e Merino (2011) o mercado mundial tem evidenciado, cada vez mais, a necessidade do emprego do Design, que deixa de ser visto apenas como a adição externa da estética, mas de forma concreta o desenvolvimento consciente de projetos em toda a sua complexidade. (p.06)

Para Mozota (2011), definir as competências do Design é discorrer sobre a natureza de uma profissão, sobre seus diferentes campos de intervenção e sobre os métodos utilizados pelos designers em seus projetos. Para Rubin (2012) trata-se de um processo de desenvolvimento de produto ou serviço compartilhado entre os designers e profissionais com visão sistêmica, ou seja, profissionais que tenham conhecimento de todas as etapas de criação em função do conjunto. Um grupo interativo, comprometido e aberto ao novo e ao inusitado.

Martins e Merino (2011) afirmam que a Gestão de Design sugere um ponto de vista “ampliado, integrador e interativo” com todas as instâncias que conformam o processo projetual. Para os autores, o gestor atua, por exemplo, integrando equipes que muitas vezes, em processos de projeto tradicionais, trabalham de forma isolada, sem

sistema de comunicação e intercâmbio de informações eficientes, o que torna propício o aparecimento de fragilidades no resultado final, seja ele um produto, um serviço, um ambiente ou um processo. Nesse sentido, a Gestão de Design envolve cada vez mais processos de trabalho colaborativos, evidenciando a dinâmica real entre pessoas, na qual cada membro possui funções, responsabilidades e deveres a cumprir como indivíduos, com agendas que compartilhem objetivos, responsabilidades, valores e crenças. (BEST, 2012, p.30-31). Por ser uma atividade articuladora e multidisciplinar, o Design atua como ferramenta estratégica, inserindo elementos de qualidade e valor e fortalecendo marcas. (MARTINS E MERINO, 2011, p.12)

Mozota (2011) traz o Design como agente diferenciador, quando a estratégia de atuação visa criar um serviço inovador, agregando valor à uma marca, produto, serviço, ou processo; agente transformador, quando a estratégia visa criar valor a partir da melhora do relacionamento entre a empresa e seu ambiente, antecipando a visão de futuros mercados, por exemplo, podendo afetar diretamente o posicionamento da organização; ou ainda como agente coordenador, quando o Design atua como uma ferramenta eficiente para o gerenciamento de novos produtos ou processos.

## 2.2 DESIGN DE INTERIORES E O PROCESSO DE PROJETO

Para Mozota (2011) a profissão de Design é atualmente um conjunto de profissões, havendo quatro tipos de Design que correspondem ao domínio chave através dos quais os profissionais são integrados na sociedade: Design de Ambientes, Design de Produtos, Design Gráfico e Design de Embalagens. Assim, o Design de Ambientes, para a autora é definido como aquele que engloba o planejamento de espaços e a criação de todos os espaços que fisicamente representam uma empresa – espaços industriais, áreas de trabalho, áreas de produção, espaços de uso comum (cafeterias, hall de recepção), espaços comerciais (boutiques, quiosques, esquinas de lojas de departamentos), e exposições e stands.

Ainda, a Classificação Brasileira de Ocupações do Ministério do Trabalho e do Emprego (CBO-MTE) descreve a atividade profissional dos Designers de Interiores de Nível Superior da seguinte maneira:

Projetam e executam de forma criativa e científica soluções para espaços

interiores residenciais, comerciais e institucionais, visando a estética, a eficiência, a segurança, a saúde e o conforto. Pesquisam produtos, materiais e equipamentos para elaboração e execução de projetos de interiores. (CBO, 2002, p. 417)

Em 12 de dezembro de 2016 foi sancionada a Lei nº 13.369 que reconhece a profissão de Designer de Interiores e Ambientes, estabelece a seguinte definição quanto a este profissional: “Designer de Interiores e Ambientes é o profissional que planeja e projeta espaços internos, visando ao conforto, à estética, à saúde e à segurança dos usuários, respeitadas as atribuições privativas de outras profissões regulamentadas em lei.”. Ainda, enquanto competências deste profissional, a lei determina:

I - estudar, planejar e projetar ambientes internos existentes ou pré-configurados conforme os objetivos e as necessidades do cliente ou usuário, planejando e projetando o uso e a ocupação dos espaços de modo a otimizar o conforto, a estética, a saúde e a segurança de acordo com as normas técnicas de acessibilidade, de ergonomia e de conforto luminoso, térmico e acústico devidamente homologadas pelos órgãos competentes;

II - elaborar plantas, cortes, elevações, perspectivas e detalhamento de elementos não estruturais de espaços ou ambientes internos e ambientes externos contíguos aos interiores, desde que na especificidade do projeto de interiores;

III - planejar ambientes internos, permanentes ou não, inclusive especificando equipamento mobiliário, acessórios e materiais e providenciando orçamentos e instruções de instalação, respeitados os projetos elaborados e o direito autoral dos responsáveis técnicos habilitados;

IV - compatibilizar os seus projetos com as exigências legais e regulamentares relacionadas à segurança contra incêndio, saúde e meio ambiente;

V - selecionar e especificar cores, revestimentos e acabamentos;

VI - criar, desenhar e detalhar móveis e outros elementos de decoração e ambientação;

VII - assessorar nas compras e na contratação de pessoal, podendo responsabilizar-se diretamente por tais funções, inclusive no gerenciamento das obras afetas ao projeto de interiores e na fiscalização de cronogramas e fluxos de caixa, mediante

prévio ajuste com o usuário dos serviços, assegurado a este o pleno direito à prestação de contas e a intervir para garantir a sua vontade;

VIII - propor interferências em espaços existentes ou pré-configurados, internos e externos contíguos aos interiores, desde que na especificidade do projeto de interiores, mediante aprovação e execução por profissional habilitado na forma da lei;

IX - prestar consultoria técnica em Design de Interiores;

X - desempenhar cargos e funções em entidades públicas e privadas relacionadas ao Design de Interiores;

XI - exercer o ensino e desenvolver pesquisas, experimentações e ensaios relativamente ao Design de Interiores;

XII - observar e estudar permanentemente o comportamento humano quanto ao uso dos espaços internos e preservar os aspectos sociais, culturais, estéticos e artísticos.

No Brasil, uma das principais instituições que representa os interesses dos profissionais de Design de Interiores é a ABD – Associação Brasileira de Design de Interiores. A ABD foi fundada na década de 1980 e possui entre seus associados mais de 5.000 inscritos – entre arquitetos, designers, designers de interiores (com formação em técnico, tecnólogo ou bacharelado). A atual diretora da instituição, Renata Amaral, defende que “a profissão exige muito estudo e que a ABD é extremamente rigorosa para aceitar novos membros”. A Associação tem como missão difundir a importância do papel profissional do Design de Interiores, bem como fortalecer o bom desempenho de suas atividades e contribuir com o aperfeiçoamento técnico e humano dos seus associados. A instituição conta com oito representações regionais, nos estados da Bahia, Rio Grande do Sul, Paraná, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo e no Distrito Federal, fazendo-se presente nos principais centros econômicos do país.

No que se refere à atuação profissional dos Designers de Interiores, o exercício projetual é a principal atividade, ponto de convergência e de síntese entre os diversos aspectos e condicionantes do espaço físico, dos clientes e usuários (BASTOS, 2015, P.19). Diversos são os profissionais que atuam com projetos de Design de Ambientes, sejam eles de grande ou de pequena escala. Pode-se citar, além do designer de interiores e ambientes, os arquitetos e designers generalistas. Cada qual com seu ponto de vista, observa o

processo de projeto e as necessidades requeridas pelo usuário de diferentes maneiras. Lawson (2011) defende uma visão de que os profissionais do Desenho Industrial e da Arquitetura possuem raízes diferentes, e por esse motivo há pouco contato entre os campos de atuação. O autor fala sobre a atividade de projetar, e como isso se apresenta de maneira diferente de acordo com a formação educacional básica e as aptidões dos perfis de alunos desses cursos. Para Best (2012) cada disciplina de projeto comporta seu processo e sua metodologia própria, adequados aos seus objetivos e resultados requeridos.(p.46) Para Lawson (2011) , a arquitetura é um dos campos com localização mais central nesse espectro da atividade de projetar, e provavelmente é sobre ela que mais se escreve (p.17). Kowaltowski et al (2006) apontam que o processo de projeto em arquitetura costuma contar com procedimentos comuns entre projetistas, no entanto não possui métodos rígidos ou universais , sendo o processo complexo e pouco externado pelo profissional.

A literatura orienta estudantes dessas áreas com métodos de projeto a serem seguidos. Em algumas encontra-se os termos “usuário”, mas o termo “cliente” - mesmo quando este usará o espaço - é mais comum de ser visto. Segundo Oliveira (2016) o ato de projetar requer criatividade, repertório de informação, conhecimento e experiência, além do desafio de definir os problemas do usuário com exatidão e conseguir propor soluções considerando todos os níveis de necessidades a serem atendidos. Para Karlen, (2009) há muito pouco escrito sobre as técnicas de planejamento espacial, principalmente a partir de um ponto de vista educativo. Segundo Oliveira (2016)

Naturalmente, por ser uma atividade praticada por três formações diferentes, não é exatamente um fator surpresa que cada profissional, à sua maneira, desenvolva suas atividades baseados em métodos de projeto aos quais tiveram acesso na academia e/ou seu *modus faciendi*. Ou seja, os profissionais, de posse do conhecimento que adquirem durante sua formação acadêmica, aplicam (ou tentam aplicar) os processos de projeto (métodos) conforme seu entendimento na busca da solução projetual pretendida. (p.17)

Oliveira ainda constatou, em pesquisa presente em sua tese, que o processo de trabalho praticado pelos profissionais que atuam com projetos de Design de interiores, independente de sua formação, considera as etapas básicas e comuns a métodos empregados no Design Industrial, Design de Interiores e Arquitetura, praticando de alguma

forma as três etapas básicas de um projeto: análise do problema, desenvolvimento de soluções e validação de soluções.

Para Higgins (2015) o designer carrega consigo a responsabilidade de criar espaços que atendam às necessidades emocionais, e que reinventem o modo como requisitos funcionais são atendidos. Moser (2005) afirma que as intervenções que se referem principalmente ao habitat estão baseadas em colaborações multidisciplinares entre arquitetos, designers e cientistas humanos. Independente da formação do profissional projetista, sugere-se levar em consideração estudos provenientes da psicologia ambiental e ergonomia para que, ao seguir a metodologia proposta, necessidades e questões do usuário não sejam perdidas ao longo do processo. Para Fontoura (2011) o Design é por natureza interdisciplinar. Há nele implícita uma vocação interdisciplinar, pois se trata de uma área propícia para o trabalho conjunto com outras áreas de conhecimento. Uma das características de uma atividade de Design é o envolvimento de inúmeros conhecimentos de domínios distintos. Assim, não é raro encontrar-se um designer caminhando por áreas de conhecimentos que a princípio não lhe dizem respeito. Gibbs (2010) afirma que nos últimos anos, os meios de comunicação desempenharam um papel fundamental na educação e na informação do grande público sobre todos os aspectos do Design de Interiores. Este fenômeno estimulou o grande interesse sobre esse segmento, gerando compradores e clientes do mercado de Design de Interiores mais conscientes e exigentes. O profissional designer de interiores carrega consigo grande responsabilidade, uma vez que projeta os comandos conscientes e inconscientes que definirão o comportamento das pessoas nos ambientes que as circundam (GURGEL, 2007).

Sem dúvida o processo de planejamento de projetos foi construído ao longo de anos de profissão. Para Oliveira (2016) “A atividade de Design de Interiores (como é entendida atualmente), estabeleceu-se em meados do século XVIII construindo um elo de interseção entre a Arquitetura e o Design.” Forty (2007) aponta que nesta época o Design das residências era realizado pelas mulheres sem formação ou estudos na área, mas que dotadas de atributos de delicadeza expressavam no lar suas personalidades. Rutchi, arquiteto importante da década de 1940 a 1970 é apontado por Dantas e Negrete (2015) como sendo, em 1960, defensor da ideia de que havia a necessidade no Brasil de um

arquiteto especializado em interiores, por que o arquiteto que projetou a casa ou o edifício, ou fábrica ou escritório, não costumava levar o projeto até às últimas consequências. A decoração de interiores, até o final da década de 1960, era praticada por profissionais das mais diferentes áreas, ou mesmo por simpatizantes, e portanto, devido ao grande leque de estilos aplicados nos projetos, surgiu grande demanda por profissionais especializados. Foi então, pela visão de Italo Bianchi, um cenógrafo e publicitário italiano, que surgiu o IADE - Instituto de Artes e Decoração, a “primeira escola específica com a finalidade de formar o profissional da decoração” (DANTAS E NEGRETE, 2015).

Segundo Oliveira (2016) inicialmente a área era chamada de arquitetura de interiores ou decoração de interiores, depois passou a ser chamada de decoração e mais tarde Design de interiores – cada uma dessas nomenclaturas indicando maiores ou menores interferências no ambiente. Para Gibbs (2010) o papel assumido por um designer de interiores deve ser “polivalente”, visto que deve contemplar eficiência, disciplina e aptidões comerciais.

A atividade de Design de Interiores, pela própria origem e formação, apresenta características híbridas, que irão desenhar uma profissão interdisciplinar e multidisciplinar. A interdisciplinaridade está caracterizada quando o conhecimento atravessa diferentes disciplinas no ensino e conseqüentemente na prática da atividade. A multidisciplinaridade assemelha-se à primeira, contudo o fenômeno ocorre simultaneamente. A atividade projetual dos profissionais de D.I. cruza diferentes práticas profissionais e conhecimentos teóricos de diferentes naturezas. (OLIVEIRA, 2016, p.22)

Segundo Azevedo (2012) o designer de interiores é um profissional que atua estética e criativamente por meio de técnicas e práticas voltadas a ambientes interiores, interpretando as interações existentes entre usuário e meio a fim de suprir suas necessidades por meio do projeto, atuando em parceria com psicólogos, arquitetos e engenheiros a fim de resolver os problemas identificados. Iwata, Rocha e Saleiro Filho (2003) afirmam que nas últimas décadas houve uma grande procura por profissionais que atuam na área de projetos de interiores, tendo em vista o reconhecimento da importância em investir em seu habitat. Para Oliveira (2016) deve-se considerar que a maior parte da existência humana ocorre em ambientes construídos, portanto o papel e as responsabilidades sociais dos profissionais de Arquitetura e Design de Interiores crescem a cada dia.



Munari (1998), em sua obra “Das coisas nascem coisas” aborda a importância de não se confundir um projeto criativo com um projeto sem método. Para ele “criatividade não significa improvisação sem método: dessa maneira só se cria confusão e planta-se nos jovens a ilusão de que artistas devem ser livres e independentes.” Para o autor, os valores objetivos do método devem servir como instrumentos de trabalho ao projetista. Para Oliveira (2016) o método de projeto em Design de Interiores exige certa complexidade, e pode advir de conhecimentos acadêmicos, técnicos ou ainda associados à prática e ao repertório do profissional.

Em projetos de Design de Interiores, em geral as metodologias diferem em suas técnicas se comparadas às propostas ao projeto de Design de Produto. Isso por que, no caso de projeto de ambientes costuma-se ter contato direto com o usuários e clientes, além disso, cada projeto será único, diferentemente do desenho industrial, que por vezes é replicado em maior escala e, portanto, não se garante o contato com o usuário final. Para Iwata, Rocha e Saleiro Filho (2003) o processo de projeto de interiores se assemelha, em partes ao projeto arquitetônico, diferenciando-se em sua escala, no entanto não deve-se encarar a ambientação como uma consequência do projeto de arquitetura, o que pode acarretar em problemas plásticos, funcionais ou de dimensionamento. Para Kowaltowski et al (2006) o processo de projeto é como um conjunto de atividades intelectuais que são organizadas em fases, cada qual com sua característica e resultado específico. Oliveira (2016) afirma que o termo “necessidade do usuário” tornou-se uma expressão chave em projetos dessa natureza, que atender a elas é o objetivo central de projeto, seja qual for o campo. Para Moreira e Kowaltowski (2009) o usuário é o elemento ativo do contexto, e o Programa de Necessidades (PN) - primeiro passo do processo de projeto - deve ser desenvolvido com foco no mesmo.

A metodologia projetual utilizada em projetos de interiores, em sua maioria, advém do processo de projeto arquitetônico, e portanto, embora possuam uma escala maior, são adaptados de maneira básica. Para Oliveira (2016) a ampliação da qualidade projetual pode ser adquirida pela contribuição dos ensinamentos da ergonomia. É o que afirmam Costa e Villarouco (2016), apontando que a ergonomia do ambiente, quando inserida já na fase projetual, atua como prevenção a possíveis problemas. Atualmente,

métodos que propõem o estudo do ambiente pós concepção, como Avaliação Pós Ocupação (APO) ou Metodologia Ergonômica do Ambiente Construído (MEAC), já auxiliam na elaboração de novos ambientes com fins de minimizar erros.

Tendo em vista que, um espaço de trabalho ergonomicamente adequado visa ajustar a situação de projeto ao homem, o projeto realizado deveria ter como elemento primordial o usuário do ambiente, em seus aspectos físicos, culturais, psicossociais e cognitivos. Desta forma, a avaliação ergonômica do ambiente consistirá em pesquisar referências para o projeto, no qual a investigação de atividade de trabalho não se limitará a descrever a ação humana, mas visará proporcionar conhecimento útil para ser utilizado em concepções de planejamento. (COSTA e VILLAROUCO, 2016)

No entanto, as autoras afirmam que o fluxo comum do processo de projeto arquitetônico não costuma prever a ergonomia em seus procedimentos, e portanto representaria romper com sua prática comum. Oliveira (2016) propõe uma adaptação do método tradicional de projeto de interiores (apresentado no item 2.2.2), adicionando em suas etapas um olhar para o usuário comumente verificado em avaliações ergonômicas, em especial na metodologia de avaliação do ambiente construído, proposta por Villarouco e Mont'alvão.

### **2.2.1 O Ensino de Projeto**

As disciplinas de projeto são comumente tomadas como aquelas que estruturam a organização dos componentes curriculares dos cursos de Design. Isto é compreensível, uma vez que se trata de disciplinas que abarcam e exploram os conhecimentos das demais disciplinas, definindo assim o perfil dos cursos e, conseqüentemente, de seus egressos. Observa-se que tanto os cursos de formação generalista como os de formação específica (produto, gráfico, interiores, moda) as disciplinas de projeto assumem o protagonismo perante as demais, ainda que as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) de 2004 permitam flexibilização para novas práticas pedagógicas (BERTONI; SILVEIRA E MEYER, 2015).

Para Iwata, Rocha e Saleiro Filho (2003) os cursos de Design de Interiores, geralmente com duração de dois anos, têm um perfil de graduação profissionalizante, visando preparar profissionais para o mercado em um curto espaço de tempo. Segundo os

autores esses cursos valorizam as poucas disciplinas de projeto e conseqüentemente o ensino de métodos projetuais nas mesmas.

Segundo Cruz, Souza e Horn (2012) ainda que o método de design seja próprio, ele se baseia em métodos científicos para que seus resultados sejam aceitos como verdadeiros. Friedman apud Bertoni, Silveira e Meyer (2015) afirma que, para enfrentar os desafios da contemporaneidade, a educação em Design não deveria permanecer baseada apenas em exercícios que treinam os alunos a melhorar ou reproduzir objetos. Ao invés disso, sugere uma ampla gama de habilidades e conhecimentos baseados em ferramentas intelectuais como pensamento analítico, lógico e retórico, habilidades de resolução de problemas e métodos da ciência. Lawson (2011) aponta que projetistas de Design tem características muito comuns que transcendem os locais de formação os ou campos específicos de atuação, isso por que possuem em comum o método de aprendizado denominado “ateliê de projeto”, onde os alunos aprendem fazendo. O autor alega que o problema deste método é que o estudante acaba por dar mais atenção ao resultado final do que ao processo de projeto como um todo. Outra questão apontada por Lawson é a questão de que, embora se tente buscar situações reais nesses estúdios de projeto, é muito difícil conseguir reproduzir o mundo profissional, com clientes, orçamentos, prazos e restrições de projetos reais. Já Cipiniuk e Portinari (2006) criticam o esforço excessivo em sistematizar as atividades do Design e caracterizá-lo cientificamente, o que provocou, por exemplo, a substituição da intuição criativa por métodos. Por outro lado, Oliveira e Mont’Alvão (2015) afirmam que a metodologia projetual é uma ferramenta eficaz na elaboração de projetos de Design, e que não coíbem o processo criativo do autor, servindo como instrumento norteador da atividade do designer.

Para Iwata, Rocha e Saleiro Filho (2003) a questão do método projetual no âmbito acadêmico tem por função principal a desmistificação do projeto, sua compreensão não apenas como uma ação criativa, artística, inspiracional, mas como um ato racional, que inclui métodos que podem e devem ser ensinados, reproduzidos. No entanto, para os autores, as questões de natureza psicológica que envolvem o processo de projeto não devem ser deixadas de lado, pois são habilidades a serem exercidas pelo profissional em

formação, bem como os referenciais teóricos e de projeto também devem embasar os processos intuitivos e criativos.

Refletir sobre as habilidades e competências que devem ser trabalhadas nos estudantes de Design é fundamental para implementar novos processos de projeto nos meios acadêmicos. Lawson (2011) define que no processo vernacular, o projetar está intimamente associado ao fazer. Porém defende em diversos trechos do seu livro a diferença entre o criar enquanto se fabrica (processo do artesão) e o projetar antes da execução (atividade de projetistas designers, arquitetos e outros). O autor aponta o desenho como a ferramenta principal de comunicação entre quem projeta, quem fabrica e para quem está sendo projetado. Aponta, assim, a diferença entre um “desenho de apresentação” e um “desenho de construção”. Além destes, o desenho de projeto é aquele que não existe para comunicar-se com os outros, mas para registrar o seu próprio processo de pensamento, que define o ato de projetar. Lawson ainda cita Jones (1970) quando define que o processo de “redesenhar até que todos os problemas sejam resolvidos” é uma das capacidades do projetista, que ele chama de “amplitude perceptiva”. Outra capacidade citada como intrínseca ao profissional projetista é a de tomar decisões durante os projetos, frente às situações complexas e variáveis também deve ser uma habilidade do projetista. Em geral, o que se conclui com o texto do autor é que existem habilidades genéricas que se aplicam a todos os tipos de práticas de projeto, como a criatividade por exemplo, porém algumas habilidades são específicas de cada tipo.

Com relação às etapas do processo de projeto, Lawson afirma que os alunos, de forma geral, não costumam conseguir relacionar o impacto que as informações iniciais geram no resultado final de projeto, tampouco na etapa de geração de alternativas. Ainda, afirma que é comum aos projetistas que, quando apresentam as soluções finais, percebem que as informações iniciais foram mal interpretadas. Em ambas afirmações percebe-se a dificuldade de associação ou aplicação entre informações coletadas e resultado de projeto. Outra questão apontada por este autor é a possibilidade de as etapas de projeto ocorrerem de forma não sequencial, ou seja, dependendo do projeto e do profissional um detalhe que seria decidido, pela ordem lógica, no final do projeto, pode ser eventualmente o ponto de partida para o desenvolvimento do mesmo. Munari (1998) ainda reforça que quanto mais

um problema de projeto se apresenta de maneira detalhada (por meio do uso de métodos de projeto), mais fácil se tornará o processo criativo do designer. Oliveira (2016) afirma

Naturalmente, cada profissional – dependendo de sua formação – adotará as práticas absorvidas durante sua formação profissional. Assim, o arquiteto adotará o método de trabalho que aprendeu durante seu curso de arquitetura; o designer tentará empregar um dos métodos de projeto que conheceu quando aluno e, naturalmente, tentará empregar (ou adaptar) o conhecimento às necessidades próprias da atividade; já o designer de interiores colocará em prática as fases do método de projeto comumente ensinado nas escolas brasileiras.

Nesse sentido, buscou-se identificar as principais referências metodológicas na área de Design de Interiores, atualmente propostas na academia. Para isso, uma pesquisa foi realizada junto ao sistema E-MEC, por cursos de graduação em Design de Interiores existentes no país.

### **2.2.2 Mapeamento de IES com Cursos Superiores em Design de Interiores**

Inicia-se este item, 2.2.2, enaltecendo que, o conteúdo apresentado abaixo, incluindo os subitens que trazem o mapeamento de métodos utilizados na academia (de 2.2.2.1 a 2.2.2.5), foram desenvolvidos na Fase 2 desta dissertação, denominada “Levantamento do Panorama de Ensino”, e foram pesquisados a fim de fornecer subsídios para o desenvolvimento da Pesquisa de Campo, realizada com docentes de cursos de DI da Grande Florianópolis. No entanto o resultado dos registros (Tabela de IES Federais com Bibliografias e figuras dos métodos) apresentou-se como um conteúdo com relevância substancial e correlação com o subcapítulo 2.2, que traz informações a respeito do Design de Interiores e do Processo de Projeto. Para facilitar esta compreensão, as figuras e tabelas do item 2.2.2 foram representadas em cores diferentes das demais da Fundamentação Teórica, em consonância com as demais figuras e tabelas da Fase 2.

A pesquisa por IES com Cursos Superiores em Design de interiores, realizada no sistema E-MEC resultou em 284 Instituições. Optou-se então por filtrá-los por Instituições Federais, tendo em vista que estas disponibilizam ao público seu Projeto Pedagógico de Curso (PPC) maneira *online*, sendo possível identificar a bibliografia das disciplinas junto ao ementário. Lista-se então as 4 Instituições Federais que possuem esta graduação, com a denominação de “Design de Interiores”: IFAL - Instituto Federal de Alagoas; IFPB - Instituto Federal da Paraíba; IFSP - Instituto Federal de São Paulo e IFMG - Instituto Federal de Minas

Gerais. Outras 3 Instituições de Ensino adotaram outras nomenclaturas, porém possuem abordagem de Design de Interiores. A UFU - Universidade Federal de Uberlândia tem como denominação do curso apenas “Design”, mas, segundo o E-MEC, no passado o curso era denominado Design de Interiores, e está atualmente unido ao departamento do curso de Arquitetura e Urbanismo possuindo esta abordagem em seu projeto pedagógico, fazendo parte portanto, de uma das áreas específicas de formação do egresso. No mesmo movimento, a UFG - Universidade Federal de Goiás também teve, no passado, o curso de Design de Interiores, porém com a denominação de Design de Ambientes. Em 2018 a UFG solicitou a incorporação deste curso junto ao curso de Design, a fim de aumentar as possibilidades de atuação do egresso. Já a Universidade Federal do Rio de Janeiro utiliza a nomenclatura de curso como “Composição de Interior” e também possui esta abordagem, assim como a UFBA, que possui como nomenclatura “Superior em Decoração”.

Nesse sentido, a Tabela 1 apresentada abaixo traz a Bibliografia Básica das disciplinas de Metodologia de Projeto ou, na sua ausência, de Projeto de Interiores (identificadas pela ementa, já que os nomes das disciplinas nem sempre referem-se à projetos).

*Tabela 1: IES Federais com Curso Superior em Design de Interiores e as Bibliografias para Metodologia de Projeto*

INSTITUIÇÃO DE ENSINO	DENOMINAÇÃO DO CURSO	BIBLIOGRAFIA BÁSICA
UFU Universidade Federal de Uberlândia	Design	GURGEL, Miriam. <i>Projetando espaços: guia de arquitetura de interiores para áreas comerciais</i> . 2ª ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2005. 301 p. 1 ex. KARLEN, M. <i>Planejamento de espaços internos</i> . 3ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2010. 240 p. MEEL, Juriaan van; MARTENS, Yuri; REE, Hermen Jan van. <i>Como planejar os espaços de escritórios: guia prático para gestores e designers</i> . Barcelona: G. Gili, ano. 144 p.
IFAL Instituto Federal de Alagoas	Superior de Tecnologia em Design de Interiores	LOBÄCH, Bernd. <i>Design industrial: bases para a configuração dos produtos industriais</i> . São Paulo: Edgard Blucher, 2001. MUNARI, B.. <i>Das Coisas nascem coisas</i> . São Paulo: Martins Fontes, 1998. 378p. BAXTER, Mike. <i>Projeto de produto: guia prático para o desenvolvimento de novos produtos</i> . (trad. Itiro Iida). São Paulo:Blucher, 2011.
IFPB Instituto Federal da Paraíba	Superior de Tecnologia em Design de Interiores	GIBBS, Jenny. <i>Design de Interiores: Guia Útil para Estudantes e Profissionais</i> . São Paulo: G. Gilli, 2005. GURGEL, Miriam. <i>Projetando espaços: guia de arquitetura de interiores para áreas residenciais</i> . São Paulo: Editora Senac. 2003. GURGEL, Miriam. <i>Projetando espaços: guia de arquitetura de interiores para áreas comerciais</i> . São Paulo: Editora Senac.2005.
IFSP Instituto Federal de São Paulo	Superior de Tecnologia em Design de Interiores	CHING, F.D. <i>Arquitetura de interiores ilustrada</i> .3. ed. São Paulo: Bookman, 2012 GURGEL, M. <i>Projetando espaços: guia de arquitetura de interiores para áreas residenciais</i> . 5. ed. São Paulo: SENAC, 2014. KOWALTOWSKI, D.K. et ali. <i>O Processo de Projeto em Arquitetura -Da Teoria à Tecnologia</i> . SãoPaulo: Oficina de Textos, 2011.
IFMG Instituto Federal de Minas Gerais	Superior de Tecnologia em Design de Interiores	MACHADO, Maria Lúcia. <i>Interiores no Brasil: a influência portuguesa no espaço doméstico</i> . São Paulo: Olhares, 2011. MORAES, Dijon. <i>Limites do design</i> . São Paulo: Studio Nobel. 1997 ROAF, S.; FUENTES, M.; THOMAS-REES, S. <i>Ecohouse: a casa ambientalmente sustentável</i> . 4ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2014. 488p.
UFRJ Universidade Federal do Rio de Janeiro	Graduação em Composição de Interior	ABRAÃO, Julia et al. <i>Introdução à ergonomia: da prática à teoria</i> . São Paulo: Edgard ucher, 2009. CÓDIGO de Obras do Município do Rio de Janeiro. 17.ed. Rio de Janeiro: Auriverde, 2012.** MANUAL para acessibilidade aos prédios residenciais da cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: PMRJ/FUNLAR/CVI Rio/IBAM, 2003. (download em www.ibam.org.br ) MOXON, Siân. <i>Sustentabilidade no design de interiores</i> . SL: Gustavo Gili, 2012. PANERO, Julius, ZELNIK, Martin. <i>Dimensionamento humano para espaços interiores</i> . São Paulo:Gustavo Gili, 2011. * Presente na Bilbiografia Complementar: GIBBS, Jenny. <i>Design de interiores: guia útil para estudantes e profissionais</i> . (S.L.): Gustavo Gili, 2010.
UFBA Universidade Federal da Bahia	Superior em Decoração	ARAÚJO, Anete Regis Castro de. <i>Espaço privado e relações sociais de gênero em Salvador. 1930 - 1949</i> , 2004. 326 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura. Universidade Federal da Bahia. Salvador. PESSOA, Fátima Fontenelle. <i>Um olhar para as residências de Salvador - século XIX</i> . Dissertação apresentada ao Mestrado em Artes Visuais da EBA/ UFBA, 2002. // // // // PESSOA, Yumara Souza. <i>Decoração soteropolitana na década de 70: cores, formas e representações</i> / Yumara Souza Pessoa - Salvador: 2007. 252 f. Orientador: Prof. Dr. Eugênio de Ávila Lins. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Escola de Belas Artes, 2007. CDU: 747 (813.8). PEVSNER, Nicolaus. <i>Origens da arquitetura moderna e do design</i> . Tradução : Luiz Raul Machado. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. // // TESTA, Neusa. <i>Estilos básicos em decoração</i> . Ediouro, 1981. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, NBR 5444. <i>Símbolos Gráficos para instalações elétricas prediais</i> . Rio de Janeiro, 1989.

Fonte: A autora.

Em alguns cursos, como o de Design da UFG, as disciplinas de Projeto possuem nomenclaturas mais abrangentes, como “Laboratório de Imersão”, funcionando como um módulo no qual o estudante opta pelo bloco de disciplinas que achar mais coerente à sua formação específica. Na ausência de bibliografia básica que aborde metodologia de projetos em tais disciplinas, buscou-se referências na listagem de bibliografias complementares. No caso da UFBA, o curso Superior em Decoração possui disciplina de Metodologia de Projeto, no entanto sua bibliografia refere-se aos conteúdos de Metodologia de Pesquisa. Sendo assim, optou-se por inserir a bibliografia da disciplina denominada Desenvolvimento de Projeto de Decoração Ambiental I.

Após este levantamento, sinalizou-se em vermelho as referências que apresentam alguma proposta metodológica de projeto específica para projetos de ambientes. Em seguida, um diagrama representando as etapas do método foi desenvolvido para cada uma das referências bibliográficas. Em alguns casos, como o proposto por Karlen (2009), o livro não apresenta uma representação gráfica original para a proposta, e portanto esta foi desenhada conforme descrição teórica do autor. Ao analisar as propostas metodológicas e o texto explicativo dos autores, identificou-se em vermelho as etapas nas quais os autores sugerem contato com o usuário ou, nos casos em que este não é apontado no processo, contato com o cliente.

O critério de escolha de metodologias foi determinado pelas bibliografias que possuem maior aderência ao projeto específico de Ambientes Interiores, excluindo-se aqueles mais genéricos - que tratam de outros assuntos que fundamentam projetos de Design - , os voltados ao projeto arquitetônico e/ou de produtos. Para Karlen (2009) Independente da formação profissional há uma sequência de tarefas estabelecida pelo profissional no momento em que começa a trabalhar no projeto. As metodologias são propostas tanto pela literatura proveniente da Arquitetura quanto do Design de Produtos, tendo ainda poucas contribuições específicas de bibliografias de Design de Interiores.

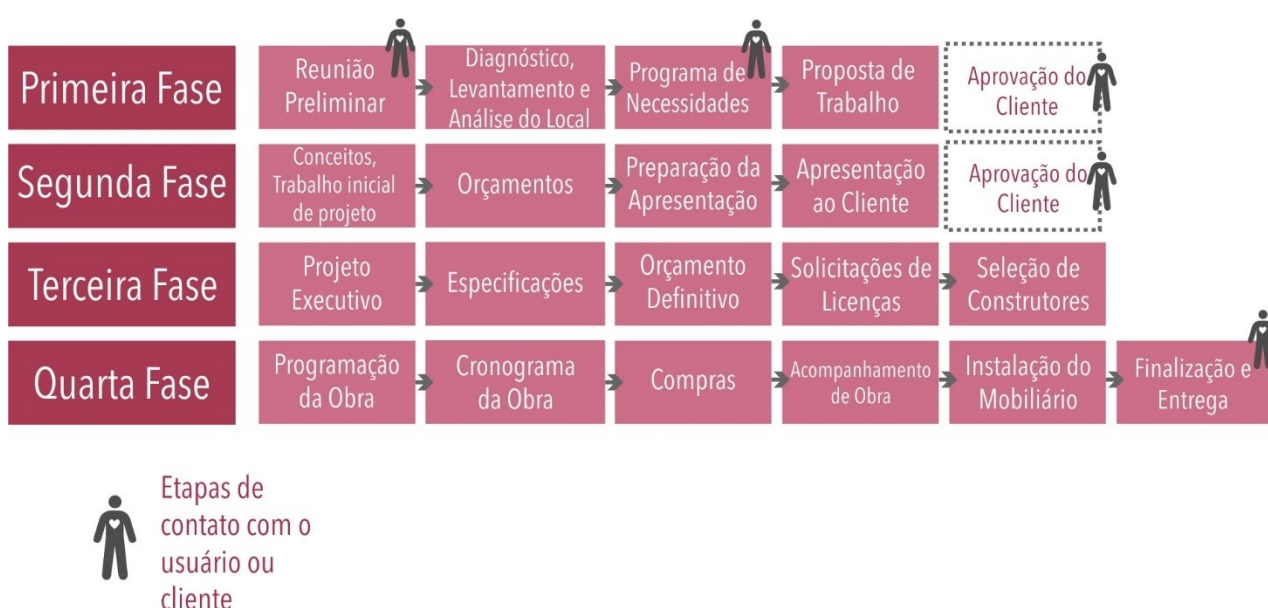


### 2.2.2.1 Metodologia de Jenny Gibbs (2010)

O método da autora possui uma estrutura linear, e os momentos do projeto que possuem consulta ao usuário e busca por suas preferências e necessidades são “Reunião preliminar” e “Programa de Necessidades”.

A seguir a Figura 2 traz uma representação das etapas da metodologia proposta pela autora com a sinalização dos momentos de contato com cliente ou usuário:

Figura 2: Fases da Metodologia de Gibbs (2010), com sinalização dos momentos de contato com cliente ou usuário



Fonte: A autora com base em Gibbs (2010)

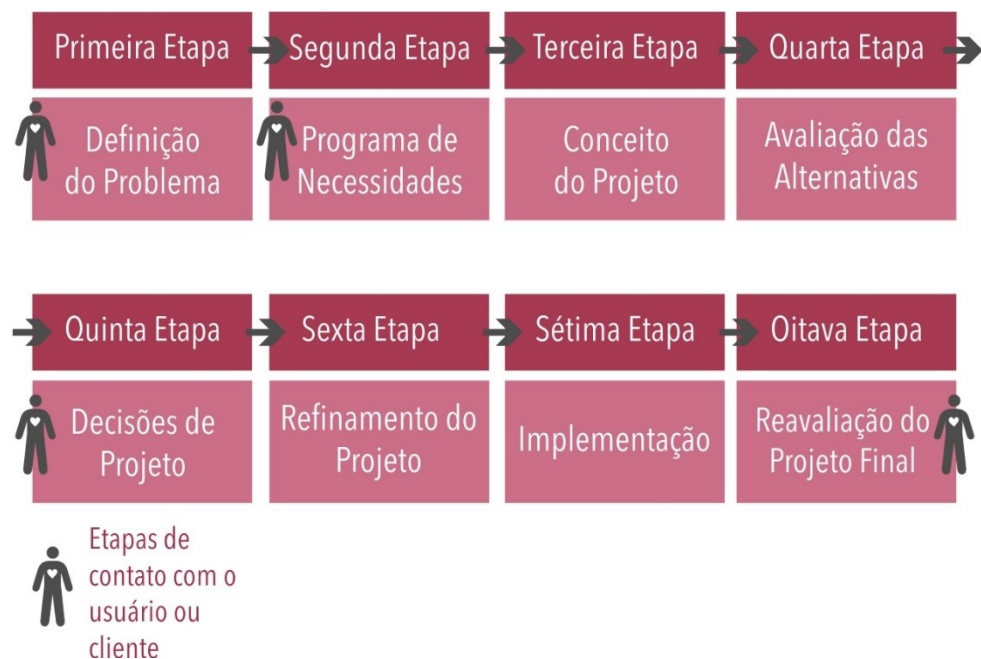
No processo de projeto apresentado, percebe-se que não há uma “re-consulta” ao usuário em busca de feedbacks após o programa de necessidades. A autora sugere que sejam realizadas entrevistas junto ao cliente para o desenvolvimento do programa, mas não cita outras ferramentas que auxiliem o profissional na busca por informações mais subjetivas com relação ao usuário. Durante o processo, segundo Gibbs (2010), muitas vezes o designer opta por aplicar criações e estratégias de projeto já utilizadas anteriormente, ao invés de planejar algo novo e específico para o usuário em questão, tendo em vista por exemplo, os prazos a cumprir ou propostas que já deram certo anteriormente. Segundo Oliveira (2016) não há clareza de ferramentas específicas a serem utilizadas na abordagem junto ao usuário, sendo o requisito básico a habilidade e experiência do profissional. O autor

comenta que, na “finalização e entrega”, a etapa do método de Gibbs, não fica claro se há alguma verificação quanto à satisfação do cliente e/ou usuário .

### 2.2.2.2 Metodologia de Ching e Binggeli (2013)

Para Ching e Binggeli (2013) o projeto de interiores diz respeito à intervenção no espaço interno à edificação, e contempla planejamento, layout e projeto. Para eles, esses ambientes são o palco da maior parte das nossas atividades e tem relação direta com nossas ações e aspirações influenciando nosso humor e nossa personalidade. Os autores afirmam que um projeto interior deve visar a melhoria da funcionalidade, da estética e das questões psicológicas desses espaços. A seguir a Figura 3 traz uma representação das etapas, organizadas de maneira linear, propostas pelos autores, porém com a sinalização dos momentos que sugere-se contato com usuário ou cliente.

Figura 3: Fases da Metodologia de Ching e Biggeli (2013) e a sinalização dos momentos de contato com Cliente ou Usuário



Fonte: A autora com base em Ching e Biggeli (2013)

Dentro da etapa “Coleta de Informações” Ching e Binggeli (2013) sugerem que se identifique as necessidades do “cliente”, definindo-se “quem, o que, quando onde, como e porque”, para então se estabelecer os objetivos preliminares. Sobre a etapa de

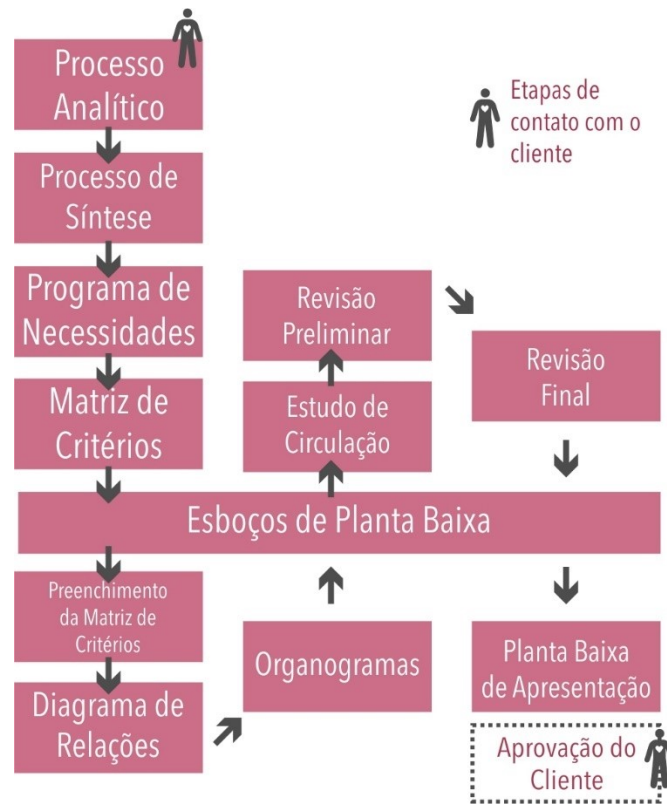
“Elaboração do Programa de Necessidades”, o autor sugere que se divida em três questões a serem respondidas: “O que existe”, “O que se deseja” e “O que é Possível”. Na primeira questão o “arquiteto de interiores” deverá coletar e analisar informações relevantes, documentando o contexto físico-cultural do usuário. Para responder ao segundo questionamento, deverá identificar as necessidades e preferências do usuário, e então desenvolver matrizes e diagramas para auxiliar nas definições espaciais. Esse autor, em especial, sugere que, se uma hipótese de problemática não for consistente, deverá ser reformulada. Neste caso há uma retroalimentação no sistema de projeto com base em uma possível não aprovação do cliente no meio do processo. Ao final da quinta etapa, denominada “Decisões de Projeto”, o autor sugere que se monta uma apresentação ao cliente a fim de “obter um retorno e uma aprovação preliminar”. Os autores sugerem tal apresentação ao cliente, não referindo-se a algum tipo de feedback por parte dos usuários.

Na oitava etapa, denominada “Reavaliação do Projeto Final” o autor sugere que se busque um retorno do cliente e em seguida seja realizada uma APO.

#### *2.2.2.3 Metodologia de Mark Karlen (2009)*

A metodologia proposta por Mark Karlen (2009) possui um fluxo de etapas um pouco diferente. Em seu livro *Planejamento de Espaços Internos*, o autor não apresenta um diagrama com as etapas do seu processo de projeto, por isso apresenta-se abaixo uma ideia de como as etapas descritas pelo autor se desenvolvem, de acordo com sua descrição. A seguir a Figura 4 traz uma representação, desenvolvida pela autora desta pesquisa com base na descrição textual do método feita pelo autor em seu livro “*Planejamento de Espaços Interiores*”, porém com a sinalização do momento que o autor sinaliza haver contato com o cliente.

Figura 4: Fases da Metodologia de por Karlen (2009) e sinalização dos momentos de contato com Cliente ou Usuário



Fonte: A autora com base em Karlen (2009).

Com relação ao planejamento de espaços interiores e o usuário, o autor sugere que as informações costumam ser apresentadas ao projetista de maneira desordenada por “usuários sem experiência de projeto”. Segundo o autor “a maioria dos usuários ou clientes não tem experiência em trabalhar com profissionais da área de planejamento e apresentam seus problemas dessa ordem sem dados preparados de maneira significativa.” (p.13). Para Karlen, aquele que contrata este tipo de serviço (cliente) costuma já ter refletido bastante sobre suas necessidades espaciais. O livro do autor dá ênfase ao projeto de interiores corporativos e institucionais, nos quais os usuários costumam ser os colaboradores das empresas.

No diagrama acima sinaliza-se apenas dois momentos de contato com o cliente: um momento inicial, no qual define-se o programa de necessidades do projeto - e nesse caso faz-se contato com o cliente e, em algumas situações, com algum usuário específico; e um momento final, de apresentação e aprovação do cliente. No entanto, o autor afirma

que para se obter informações com relação aos usuários, fluxo de atividades e demais informações fundamentais, é possível falar com um gerente ou “funcionário chave” dentro da empresa. Ainda, segundo Karlen, caso um programa completo seja fornecido pelo contratante, o mesmo desenvolverá o projeto sem se responsabilizar pelo levantamento de informações.

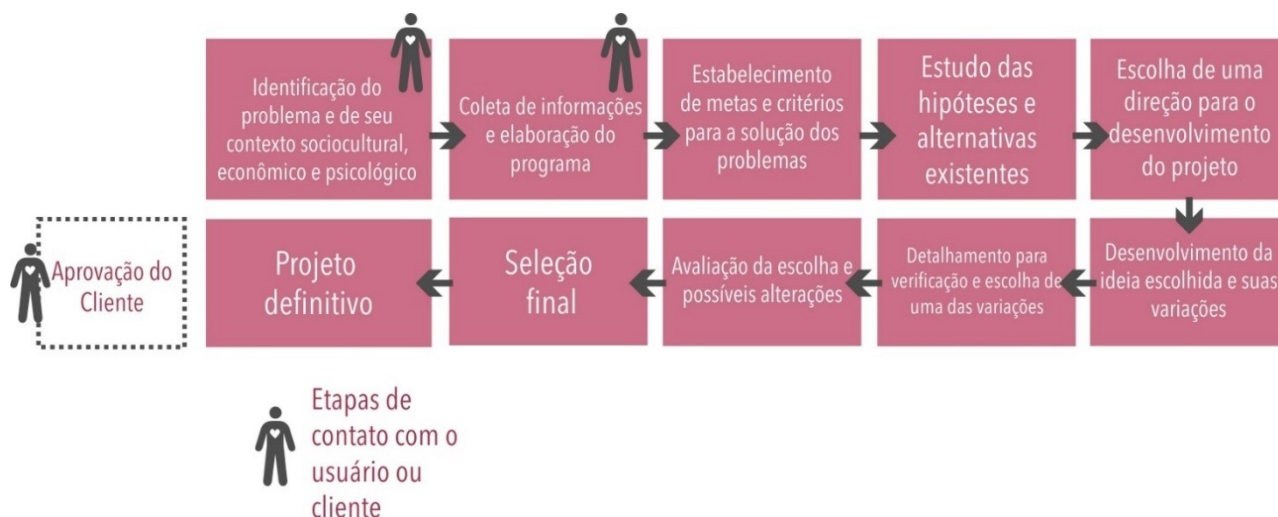
“Por outro lado, há clientes que possuem uma experiência considerável no planejamento de espaços e é possível que tenham um gerente de instalações o departamento de recursos físicos no próprio prédio, fazendo com que o projetista ou arquiteto receba um grande volume de dados extensivos referentes ao número e aos tipos de funcionários (...) Nesses casos o arquiteto não precisa se responsabilizar pela coleta, organização e análise de dados.” p.13

O autor não aponta ferramentas para abordagem dos usuários ou maneiras de se obter informações importantes como: atividades desenvolvidas, dificuldades enfrentadas, questões ergonômicas (física, cognitiva e organizacional), porém descreve de maneira detalhada ferramentas que auxiliam no processo de criação e diagrama de fluxos para definição do layout da empresa.

#### *2.2.2.4 Metodologia de Miriam Gurgel*

Outra proposta metodológica apresentada é de Gurgel (2007). Trata-se de uma abordagem mais simples, com menos etapas, e igualmente a descrição das atividades a serem realizadas é sucinta, por parte da autora. A seguir a Figura 5 traz uma representação do método proposto por Gurgel, porém com a sinalização dos momentos que sugere-se contato com usuário ou cliente.

Figura 5: Fases da Metodologia de Gurgel (2007) e sinalização dos momentos de contato com Cliente ou Usuário



Fonte: A autora com base em Gurgel (2007).

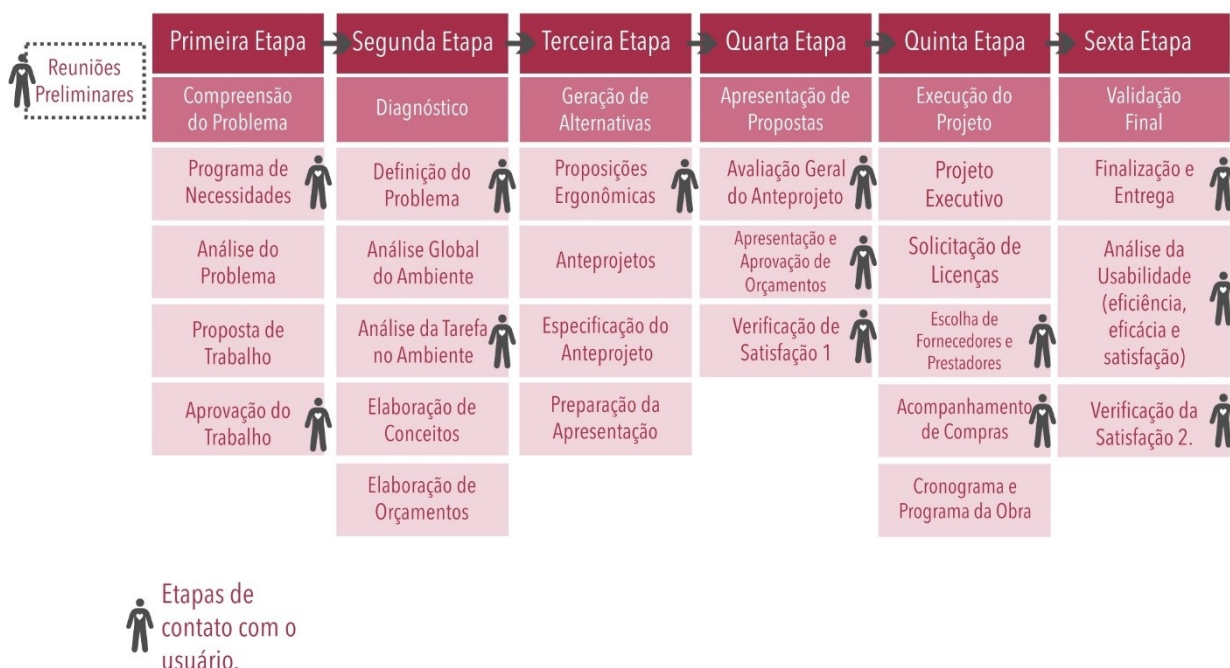
Nesse método o momento em que o usuário é considerado é na Primeira Etapa, também denominada “Briefing” ou “Programa de Necessidades”. Neste método, a necessidade de consulta ao usuário para possíveis ajustes no projeto não fica clara.

#### 2.2.2.5 Oliveira (2015) - Uma Nova Abordagem

Oliveira (2015) em sua tese, desenvolve um levantamento de métodos de projeto de Design, Arquitetura e Design de Interiores existentes na literatura, além dos estudos ergonômicos utilizados para avaliação do Ambiente Construído. Tais estudos, em conjunto com uma pesquisa realizada com profissionais atuantes da área a fim de identificar como se dá o processo projetual dos mesmos, na cidade do Rio de Janeiro, dão origem a uma proposta metodológica projetual, que nasce da “fusão entre uma estrutura organizada em fases comumente empregada na atividade de Design de Interiores e alguns aspectos dos métodos de projeto do Design e Arquitetura”, considerando-se os princípios fundamentais da ergonomia do ambiente construído. Oliveira traçou os pontos de convergência entre os métodos encontrados, evidenciando como princípios fundamentais: compreensão do problema, geração de alternativas e definição da alternativa escolhida. Assim, o autor ressalta que sua contribuição não trata-se de um método completamente

novo, mas uma proposta de melhoria na sistematização dos processos já utilizados. A seguir a Figura 6 apresenta o esquema gráfico proposto pelo autor, adaptado pela autora desta pesquisa com a sinalização dos momentos que sugere-se contato com usuário ou cliente.:

Figura 6: Fases da Metodologia de Oliveira (2016) e e sinalização dos momentos de contato com Usuários



Fonte: A autora com base em Oliveira (2016).

O autor salienta que, antes de iniciar-se a primeira etapa do projeto, definida como “Compreensão do Problema”, há uma fase denominada “Reunião Preliminar”. Segundo o autor:

“A fase que antecede o início das etapas para o projeto de interiores são as reuniões preliminares. Nesta fase é estabelecido o primeiro contato entre o usuário e o profissional de D.I. Estabelece-se a origem da demanda e o usuário toma conhecimento do estilo e maneira de trabalhar do profissional. Define-se em linhas gerais como será desenvolvido o trabalho, possíveis fornecedores e prestadores de serviços. O profissional fica a par sobre o imóvel e o ambiente a partir do qual desenvolverá a proposta.”(p.239)

O autor descreve a primeira etapa como sendo o momento de compreender as necessidades dos usuários. Esta etapa contempla as seguintes atividades: Programa de Necessidades, Análise do Problema, Proposta de Trabalho, Aprovação do Trabalho. Pode-

se dizer que os usuários são a peça chave para o desenvolvimento desta etapa, segundo Oliveira:

“É necessário que o profissional identifique quem é o usuário final do ambiente, quando não for o próprio contratante – considerando-se outros moradores da residência. Sugere-se que nesta etapa seja destinado tempo suficiente para extrair-se o máximo possível todas as informações do usuário. Preferencialmente o profissional deve realizar a investigação no local em que será realizada a obra (...) Todas as informações extraídas devem ser registradas – preferencialmente através de áudio e/ou anotações. Desta forma, profissional e usuário podem ficar mais à vontade e evita-se possíveis perdas de informações. Nesta etapa é interessante que haja troca de ideias com o usuário, com possíveis soluções, assim o profissional poderá cercar-se da maior quantidade de informações possíveis, que o levem a propostas que atendam às necessidades do usuário. Também é importante que o usuário exponha outras experiências já ocorridas ou fatos não desejáveis que devam ser evitados.” (p.240-241)

Evidencia-se, nas palavras do autor, a importância do usuário em sua abordagem metodológica, sendo ele um protagonista do processo. O autor descreve, então, as atividades contempladas na Etapa 2, denominada Diagnóstico, são elas: Definição do Problema, Análise Global do Ambiente, Análise da Tarefa no ambiente, Elaboração de Conceitos, Elaboração de Orçamentos. O autor estabelece que, ao definir o problema, a participação do usuário é fundamental, e sobre isso o autor afirma:

Definir o problema de projeto não é algo simples. Nem sempre o usuário consegue expor para o profissional exatamente o que pretende alcançar com a realização do projeto. O profissional deve lançar mão de toda sua experiência, habilidade e atenção para obter as respostas sobre o problema proposto. Muitas vezes uma conversa agradável com o usuário real do espaço, preferencialmente (se possível) no local pretendido para o projeto, é um bom começo. É interessante que o usuário a partir dos argumentos do profissional já consiga vislumbrar e imaginar o ambiente como ficará, a fim de confirmar se o problema proposto está claro e com solução em vista. (p.241)

Tendo em vista que a Análise da Tarefa, atividade consolidada nos estudos ergonômicos, trata-se da observação e atenção ao usuário enquanto realiza tarefas no ambiente, visando identificar pontos que dificultam ou facilitam a usabilidade do ambiente. Assim, a Etapa 2 é sinalizada, acima, como tendo a presença do usuário em seu desenvolvimento. O autor ressalta que geralmente os usuários não são aqueles que contratam o projeto e afirma que “Por exemplo, no caso de projetos de cozinhas é necessário que a empregada doméstica seja ouvida, ou no caso do projeto de um quarto do(a) filho(a), etc.”(p.242)



Na etapa 3, Oliveira cita como atividades fundamentais: Proposições Ergonômicas (termo utilizado na MEAC de Villarouco, 2008), Anteprojeto, Especificações do Anteprojeto, Preparação da Apresentação. Mais uma vez, o autor sinaliza a importância do usuário, recomendando que se planeje a interação usuário-ambiente de forma individualizada, e exemplifica:

“a organização do layout para os armários de uma cozinha deve atender às necessidades do usuário, considerando os aspectos ergonômicos (acessibilidade, facilidade de uso, alcance, etc.) e também deve considerar que este elemento atue conjuntamente com todos os outros elementos do mesmo ambiente.”(p.243)

Sobre a última atividade listada (Preparação da Apresentação), presente na etapa 3, o autor ressalta que é necessário a seleção de um bom material de apoio para expor e esclarecer aos usuários as soluções finais desenvolvidas, incluindo amostras, catálogos, imagens entre outros recursos disponíveis.

Sobre a Etapa 4, denominada Apresentação das Propostas, o autor ressalta que é fundamental a participação do usuário. Para esta etapa são descritas três atividades: Avaliação geral do Anteprojeto (por parte do usuário), Apresentação e avaliação dos orçamentos (por parte do cliente) e Verificação de Satisfação 1. Sobre a última atividade citada, o autor descreve:

“A Verificação de satisfação 1 propõe que seja checado o nível de satisfação do usuário até esta etapa do trabalho. A ideia é verificar se há algo que não esteja completamente esclarecido, e que isso seja percebido e tratado. Para realizar essa etapa do trabalho sugere-se que o usuário seja inquirido e aponte respostas sobre seu grau de satisfação através de algum tipo de escala. Desta forma o profissional poderá fazer algumas perguntas, por exemplo, sobre o entendimento dos desenhos, se tudo foi passado de forma clara, se as estratégias foram satisfatórias, etc.”(p.245)

Para a penúltima etapa proposta por Oliveira, denominada Execução de Projeto, o autor sugere seis atividades: Projeto Executivo, Solicitação de Licenças, Escolha dos Fornecedores, Acompanhamento de Compras, Cronograma e Programa da Obra e Acompanhamento da Obra. Sobre esta etapa, o autor ressalta que usuário e cliente deverão ser consultados a fim de estabelecer preferências quanto a fornecedores e prestadores de serviço. Da mesma maneira ambos estarão presentes na segunda atividade listada, que contempla a saída para compra de itens (revestimentos, luminárias, mobília,

eletrodomésticos, e outros materiais). A última etapa, definida como Validação Final, terá três atividades fundamentais: Finalização e Entrega, Análise da Usabilidade (eficiência, eficácia e satisfação) e a Verificação de Satisfação 2. O autor discorre sobre a importância da Opinião do usuário após a conclusão dos trabalhos assim, sugere a atividade denominada verificação de satisfação 2 como sendo fundamental para o aprimoramento da atividade profissional. Assim, uma sugestão do autor é aplicar um questionário com a utilização de escalas avaliação por meio de cores, que visa mensurar qualitativamente o grau de satisfação dos usuários com cada ambiente. O autor sugere também que o documento requeira ao cliente uma análise geral sobre o trabalho e que este seja feito semanas após o uso do espaço e sem a presença do profissional.

### 2.3 O USUÁRIO E O AMBIENTE

Falcão e Soares (2011) afirmam que o processo investigativo acerca do ambiente deve ser interdisciplinar entre Arquitetura, Design e Psicologia Ambiental, e que deve possuir como foco principal o humano-usuário. Segundo Ornstein (2005) as relações entre a Psicologia Ambiental, a Arquitetura e Urbanismo e o Design ocorrem especialmente nas etapas profissionais do processo de produção do ambiente construído voltadas ao planejamento, à programação de necessidades e à formulação de alternativas de estudos preliminares e de ante-projetos, etapas em que o homem - usuário é o centro do ambiente “em fase de concepção” ou seja, um dos focos do problema a ser resolvido, enquanto necessidades e níveis de satisfação a serem atendidas. Para Pezzini (2017) imergir nos contextos dos usuários auxilia na compreensão de seus desejos e necessidades, superando aquilo que eles próprios costumam a perceber. Falcão e Soares (2011) apontam que muitos autores já desenvolveram métodos que propõem a avaliação do ambiente baseados na opinião dos usuários. O designer costuma ser um profissional empático. No caso do ambiente construído,

O usuário do edifício é o elemento ativo do contexto, e é nele que as atenções devem estar focadas, para se estabelecer as necessidades que a forma projetada deverá cumprir. Identificam-se as características físicas, psicológicas e culturais do usuário, as atividades no espaço a ser projetado e seus valores. Por isso, as técnicas de programação arquitetônica dão especial atenção ao tratamento dos clientes e usuários do projeto e incluem levantamentos de informações através de entrevistas, questionários, dinâmicas de grupo, etc. (MOREIRA, KOWALTOWSKI, 2011)

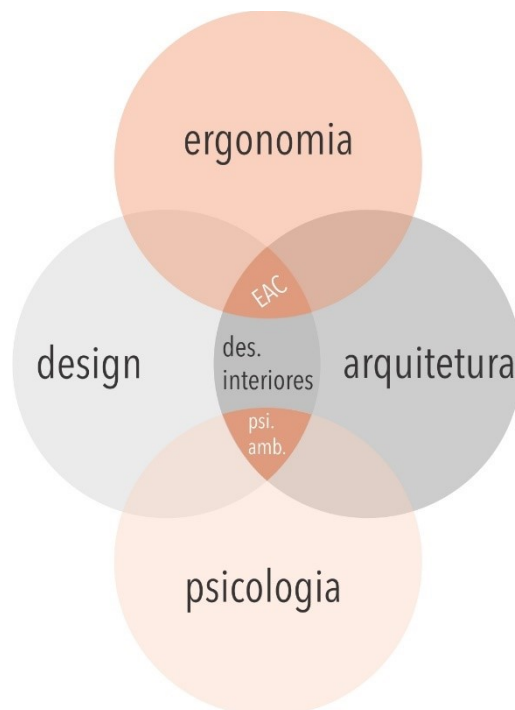
Segundo Elali (1997) a partir de uma visão multidisciplinar o espaço construído deverá ser encarado como espaço vivencial, sujeito à ocupação e reinterpretação por parte do usuário, e não mais como um espaço físico, a partir de suas características construtivas. Assim, é fundamental que se volte as atenções ao ponto de vista do usuário por meio de análises de uso, visando melhorar as experiências obtidas nos espaços. Segundo Bernardi (2001) o espaço projetado pode trazer diversas sensações ao usuário, como conforto, segurança ou ainda proporcionar uma característica de ambiente social e coletivo, individual ou íntimo, e é por meio da vivência com os diversos espaços construídos que o homem vai somando experiências individuais e aprende a conviver com o que a arquitetura lhe oferece. Moser (2005) também traz que as intervenções que se referem principalmente ao habitat e Design de espaços coletivos estão baseadas em colaborações multidisciplinares entre arquitetos, designers e cientistas humanos. O autor define “multidisciplinar” como “múltiplas lógicas disciplinares” e afirma que a etapa de diagnóstico é que possui tal caráter. Ainda, afirma que em uma etapa de Intervenção, o caráter da abordagem do ambiente construído é “transdisciplinar”, uma abordagem que incorpora as diferentes disciplinas em colaboração em todos os estágios da solução do problema. O autor afirma que, uma das modalidades de transdisciplinaridade, no que tange a abordagem do Ambiente Construído, é a colaboração com as profissões do Design, e a define:

A solução de problemas transdisciplinares em colaboração com arquitetos e designers é mais complexa, pois os dois grupos de disciplinas têm um ponto de partida diferente, focalizando seja o ambiente construído ou como as pessoas vivem nele. Implica que a problemática é reformulada de um modo a integrar racionalidades diferentes e para permitir uma operacionalização comum. Tais condições ideais para a abordagem transdisciplinar são raramente atingidas. A intervenção raramente integra diferentes disciplinas de um modo que permita construir uma definição e abordagem, específica e única, do objeto.(p.138)

Os objetos arquitetônicos que nos cercam e compõem nosso cotidiano representam muito mais do que apenas o ambiente físico no qual desempenhamos nossas atividades diárias: neles estão representados as relações, os valores e os interesses pessoais e de grupos ali abrigados (BASTOS, 2015). Para ilustrar a relação entre as disciplinas a Figura 7 foi desenvolvida pela autora representando a proximidade e as áreas que nascem a partir da convergência entre Arquitetura, Design, Ergonomia e Psicologia. Do ponto de vista da

autora dessa pesquisa, o Design de Interiores, a Ergonomia do Ambiente Construído e a Psicologia Ambiental estão contidas em áreas mais generalistas, como a Arquitetura, o Design, a Ergonomia e a Psicologia, muito embora todas de alguma maneira transitem entre si, deixando este limite pouco estabelecido, conforme afirmam os autores já citados anteriormente.

Figura 7: Relação entre as disciplinas que abordam as relações pessoa-ambiente



Fonte: A autora.

Segundo Elali e Veloso (2006) no processo de concepção de um espaço o projetista trabalha com o objeto pensado, ainda não existente, apenas no plano das ideias. Para os autores, na concepção a previsão de como o espaço será utilizado também é provável, hipotético, imaginado ou ainda representado pelo projetista baseado em informações sobre o uso de espaços similares já existentes. Para os autores, “O espaço de concepção do projetista é abstrato e, ao menos nos momentos iniciais, fluido e impreciso; vai se definindo pouco a pouco, em um processo de vai-e-vem onde as ideias nem sempre são definidas *a priori*, elas podem surgir ao longo do próprio trabalho de projeção, com base em dados mais objetivos”. Para Bestetti (2014) melhorar o bem-estar do usuário

umentando a produtividade e melhorando a relação entre os sujeitos que participam deste processo deve ser a ação principal na concepção dos espaços.

“Fundamentalmente, os designers centrados no usuário consideram o problema do ponto de vista do usuário, e não das prioridades do sistema, da instituição ou da organização. Eles observam as pessoas em seu contexto para compreender as complexas experiências, necessidades e desejos dos indivíduos, sendo capazes de representar e defender essas necessidades em todo o processo de Design.” (BEST, 2012, p.19)

Para Higgins (2015) o trabalho do designer de interiores costuma estar inserido em uma forma de contexto como uma edificação existente cujo tamanho, forma, materiais e método de construção podem contribuir para o modo como os novos espaços serão organizados. Para Gibbs (2010), ao ambientar uma casa ou abrir uma empresa, a maioria das pessoas está comunicando algo sobre si, seu entorno contém uma mensagem. A autora afirma ainda que, essas informações não costumam ser explícitas, mas comunicadas de forma subliminar através do Design e da decoração dos espaços.

Para Bastos (2015), quando se propõe a planejar ambientes agradáveis, tanto do ponto de vista psicológico como estético, os designers de interiores acabam por lidar constantemente com a relação usuário-espaço, visando sempre a qualidade de vida dos mesmos. Gibbs (2010) aponta que, muitas vezes o cliente não é transparente sobre suas necessidades, e por vezes podem desejar que o designer crie uma falsa impressão deles com o objetivo de camuflar seus verdadeiros traços de ou características. Por esse motivo, a autora aponta sobre a importância de atentar para o cliente, visando proporcionar soluções personalizadas e exclusivas, diferenciadas. Capellini e Fortunato (2012) afirmam que os bons designers são aqueles que sabem ler a vida e construir o rosto de quem habita o espaço. Afirmam ainda que esta proposta não é ensinada em escolas de Design, e que vão além da observação.

Para Rubin (2012), a observação do consumidor traz ao designer a disponibilidade de sinais emitidos com frequência sobre seus anseios, necessidades e interesses de consumo. Assim, a autora afirma que a diversidade de perfis é grande, e por isso é importante atentar-se para os comportamentos individuais, visando o desenvolvimento de produtos e serviços que atendam especificamente às suas demandas.

Bastos (2015) afirma que fundamental para o exercício projetual em Design de Interiores compreender profundamente o objeto da intervenção e os seus usuários para propor soluções adequadas para o espaço em estudo, sem esquecer da importância das técnicas e métodos utilizados para investigar o ambiente.

### **2.3.1 Metodologias de Avaliação Ambiental - Ergonomia do Ambiente Construído (EAC)**

A Ergonomia aborda a interação usuário-ambiente por meio da Ergonomia do Ambiente Construído (EAC). A IEA – *International Ergonomics Association* – define ergonomia como “uma disciplina científica relacionada ao entendimento das interações entre os seres humanos e outros elementos ou sistemas, e à aplicação de teorias, princípios, dados e métodos a projetos, a fim de otimizar o bem-estar humano e o desempenho global do sistema” (IEA, 2009). Enquanto atuação profissional, “os ergonomistas contribuem para o planejamento, projeto e a avaliação de tarefas, postos de trabalho, produtos, ambientes e sistemas de modo a torná-los compatíveis com as necessidades, habilidades e limitações das pessoas.” (IEA 2014). Oliveira e Mont’Alvão (2015) afirmam que a influência do ambiente físico no desenvolvimento de tarefas executadas pelo homem, e o que delas surgem, são o foco de estudo da Ergonomia do Ambiente Construído, e essa possivelmente é a mais recente ramificação da Ergonomia.

“No Brasil atualmente essa área, conta-se com quatro centros de pesquisa e estudos, segundo dados do CNPq, censo de 2010, que são: PUC-RIO, UNEB, UFPE, UTFPR. Além disso a área conta com um evento de caráter nacional específico, o ENEAC – Encontro Nacional da Ergonomia do Ambiente Construído, sendo importante espaço para discussões e publicações do crescente número de trabalhos, fruto de pesquisas que investigam a matéria, o que denota a existência de um segmento em forte consolidação.” (OLIVEIRA E MONT’ALVÃO, 2015).

Segundo pesquisa apresentada pelos autores acima, as metodologias utilizadas nas pesquisas de intervenção ergonômica em EAC, entre os anos de 2008 e 2012, publicados no ERGODESIGN (Congresso Internacional de Ergonomia e Usabilidades de Interfaces Humano – Tecnologia: Produtos, Informação, Ambiente Construído e Transportes ) e dos anos de 2009 a 2013 no ENEAC (Encontro Nacional de Ergonomia do Ambiente Construído) foram: Intervenção Ergonomizadora (IE) – Moraes & Mont’Alvão 1998; Análise Ergonômica do Trabalho (AET) – LAVILLE 1997; Guérin, 2000; VIDAL, 2003) ; Análise Macro Ergonômica

do Trabalho (AMT) – GUIMARÃES, 1999, e Método de Análise Ergonômica do Ambiente Construído (MEAC) – VILLAROUCO 2007 e Avaliação Pós- Ocupacional (APO) ORNSTEIN, 1992. Os autores também verificaram o uso de multi-métodos, ou seja o pesquisador utiliza métodos diferentes em uma mesma pesquisa, a fim de elucidar suas questões.

Paiva e Villarouco (2012) defendem que a EAC (ou Ergonomia Ambiental) deve corresponder, não apenas a uma abordagem física e mecanicista, mas a uma abordagem social, psicológica, cultural e organizacional, visando uma relação geral homem-ambiente. Para Villarouco e Mont'Alvão (2011) a EAC deve considerar elementos como conforto ambiental (lumínico, térmico e acústico), percepção ambiental (aspectos cognitivos), adequação de materiais (revestimentos e acabamentos), cores e texturas, acessibilidade, medidas antropométricas (layout, dimensionamento), e sustentabilidade.

Para as questões funcionais do ambiente, algumas normas podem ser consultadas, como normas de Conforto Ambiental, NBR 15575, ou de Ruídos NBR 10152 ou ainda a norma de acessibilidade NBR 9050, dentre outras tantas que preconizam padrões para o projeto de ambientes.

Porém, segundo Falcão e Soares (2011), para garantir um bom desempenho ambiental as normas não são suficientes, e devem atuar em conjunto com conhecimentos acerca do sentimento e percepção do usuário acerca da ambiência. Villarouco (2007), enfatiza a necessidade de um método ergonômico específico, contemplando duas fases, sendo uma de ordem física do ambiente e outra da identificação da percepção do usuário em relação a este espaço. As análises e recomendações finais são geradas a partir da confrontação dos dados obtidos nas duas fases.

O método específico proposto pela autora (MEAC – Metodologia de Avaliação Ergonômica do Ambiente Construído) possui como ponto de partida a Análise Ergonômica do Trabalho (AET) e suas fases, sendo propostas fases análogas voltadas à avaliação do espaço. É aplicado a partir de três etapas: Análise física (que compreende a análise global do ambiente sua configuração e avaliação do mesmo em uso); análise da percepção do usuário (com base em estudos da psicologia ambiental) e diagnóstico ergonômico (compreende a combinação entre os resultados da observação das interações e a percepção do usuário).

Falcão e Soares (2011) citam que para esta análise é importante considerar três grupos de elementos fundamentais: Aspectos técnicos e materiais (layout, conceitos dimensionais, materiais de revestimento, normas de conforto, etc); Aspectos Organizacionais (recursos humanos e normas vinculadas à organização do trabalho) e Aspectos psicológicos (percepção do usuário, comunicação humana, estética). Para os autores o foco do estudo deve ser a adaptabilidade e conformidade do espaço às tarefas desenvolvidas, e por isso nas análises se faz necessário abordar teorias e elementos presentes na psicologia ambiental (constelação de atributos, , na arquitetura (conforto lumínico, acústico, térmico, sustentabilidade, etc), na ergonomia cognitiva e na própria antropometria. Abaixo a Figura 8 traz uma representação do modelo esquemático de MEAC, de Villarouco (2008).

Figura 8: Modelo esquemático de MEAC (VILLAROUCO, 2008)



Fonte: A autora, com base em Villarouco (2008).

Segundo Oliveira e Mont'alvão (2015) o método proposto por Villarouco (MEAC) se diferencia das demais metodologias utilizadas nas ações ergonômicas do ambiente construído por propor uma avaliação que considere além da questão físico-espacial, mas as questões de percepção ambiental. Segundo Villarouco (2011) é uma visão sistêmica do espaço construído a partir de uma abordagem ergonômica visando a adequação dos espaços para o bom desempenho de atividades.



### 2.3.2 Psicologia Ambiental

Segundo Elali (1997) se “nem a Psicologia tradicional nem a Arquitetura consegue abarcar totalmente a relação pessoa-ambiente, torna-se inevitável a procura de um espaço comum entre ambas.” Sendo assim, surgem discussões acerca de uma possível nova disciplina: A Psicologia Ambiental.

Melo (1991) relembra o surgimento do campo da Psicologia Ambiental, sob as palavras de Canter e Craik (1981), quando diz que na política de reconstrução do pós guerra (após a II Guerra mundial), os arquitetos e planejadores urbanos, juntamente com os cientistas de comportamento, perceberam a necessidade do ambiente construído refletir as necessidades psicológicas e comportamentais de seus usuários, e não apenas os princípios de construção e estética.

Segundo Moser (2005) a Psicologia Ambiental foi, e é, antes de tudo, uma Psicologia do espaço, na medida em que ela analisa as percepções, as atitudes e os comportamentos do indivíduo em sua relação explícita com o contexto físico e social no qual ele evolui. Muito se discute sobre sua abordagem multi, inter ou transdisciplinar. Para Elali (1997) trata-se de um campo nitidamente multidisciplinar, que pode desempenhar o papel de ponte entre as áreas, enfatizando as diferenças entre os conhecimentos possibilitando as trocas e somando conceitos, experiências e métodos de trabalho além de abrir-se à contribuição de áreas afins (como Geografia, Sociologia e Antropologia, entre outras), o que amplia a abrangência e a potencialidade dos estudos a serem realizados. Moser (2005) afirma que a Psicologia Ambiental pode ser pluridisciplinar ou multidisciplinar, já que a complexidade dos problemas ambientais requer abordagens com diversos pontos de vista. Autores como Melo (1991) afirmam que a Psicologia Ambiental possui um caráter multidisciplinar, já que recebe contribuições de outras disciplinas, como psicologia, geografia humana, sociologia urbana, antropologia, planejamento e arquitetura. Melo ainda cita uma frase que ficou marcada nos debates sobre o início da discussão vindas de Churchill (primeiro ministro britânico da época) na abertura do House of Commons (após ser bombardeada). Suas palavras diziam “We shape our buildings and afterwards our buildings shape us” (Nós moldamos nosso ambiente e após isso ele nos molda).

Nesse sentido recíproco de interações (pessoa-ambiente e ambiente-pessoa), Gunther (2005) concorda que a Psicologia ambiental tenha um *locus* interdisciplinar, e reflete sobre tal quando diz

“A definição de Psicologia Ambiental como o estudo das relações (recíprocas) entre os fenômenos psicológicos (comportamentos e estados subjetivos) e variáveis ambientais físicas implica que estamos lidando com, pelo menos, três campos de estudos: psicologia, de um lado e, do outro, (a) ambientes construídos em várias escalas como estudados pela ergonomia, arquitetura, planejamento da paisagem e urbano e (b) ambientes naturais como os estudados na zoologia, biologia, geologia e estudos florestais.” (p.179-180)

Ainda sobre reciprocidade entre pessoa e ambiente, Moser (2005) afirma que cada pessoa tem atitudes individuais com relação ao seu ambiente físico e social, modificando-o, percebendo e avaliando-o de maneiras diferentes, e da mesma forma o ambiente modifica e influencia as condutas humanas. O autor afirma que o ser humano é o objeto central de estudo da Psicologia Ambiental.

Segundo Veitch e Arkkelin (1995) apud Pinheiro (1997) a partir dos anos 80 os estudos passaram a considerar que a pessoa “não só reage aos ambientes, mas também conforma-os, atua neles em função de planos, objetivos, intenções, preferências, expectativas, etc). O autor afirma ainda, que tendo em vista os diferentes campos, é importante compreender que cada um deles se vale de outros sub-campos, e ainda tem suas metodologias e teorias próprias para abordar as relações entre pessoa-ambiente. Por isso, o autor sugere como sendo uma área de abordagem multilateral, já que “não há uma teoria e/ou método que sozinho explique qualquer fenômeno dado, mesmo aproximadamente”. Falcão e Soares (2011) afirmam que o processo investigativo acerca do ambiente deve ser interdisciplinar entre Arquitetura, Design e Psicologia Ambiental, e que deve possuir como foco principal o humano-usuário.

Moser (2005) O autor, pela abordagem da Psicologia Ambiental, traz a análise da relação indivíduo-ambiente em quatro níveis de referência espacial e social:

- 1) o micro-ambiente: o espaço privado, a moradia, implicando o indivíduo;
- 2) os ambientes de proximidade: os espaços partilhados semi-públicos, o habitat coletivo, o bairro, o lugar de trabalho, os parques e os espaços verdes, concernentes à comunidade de proximidade ou de vizinhança;

3) os ambientes coletivos públicos: as cidades, os vilarejos, e os povoados diversos, implicando os agregados de indivíduos;

4) o ambiente global: o ambiente em sua totalidade, construído ou não, os recursos naturais.

Segundo Bestetti (2014) a tradução dos estímulos ambientais refletidas em padrões de comportamento pode ser definida como percepção, que depende de fatores subjetivos, como as experiências vividas, os valores culturais do local onde o ser humano pertence, a seleção de códigos de referência significativos para a interpretação da realidade. A contribuição do ambiente é apontada por Rivlin (2003) como fator significativo na construção da identidade da pessoa, processo constituído a partir de lembranças simbólicas. Essas, segundo o autor, podem ser de ambientes específicos, de pessoas presentes nos locais e dos elementos simbólicos existentes que proporcionam alegrias, prazeres, qualidades estéticas etc, sendo o que conecta as pessoas aos lugares, provocando apego evocado por sentimentos positivos ou negativos.

Para Bestetti (2014) além das questões compositivas do espaço é necessário uma análise das condições ambientais percebidas pelo usuário, tendo em vista a sua interação constante com o mesmo. A percepção espacial do usuário estabelece parâmetros para compreender a orientação, conforto e qualidade ambiental do mesmo. Moser (2005) cita que o espaço físico tem sido esquecido na Psicologia em geral, mas afirma que as pessoas comportam-se diferentemente dependendo do espaço no qual se encontram, e da mesma maneira a avaliação e percepção que temos do espaço muda de pessoa para pessoa. Rivlin (2003) afirma que Pessoas com experiências de vida similares podem enxergar o mundo de modo similar, mas não será idêntico. Para Evans (2005) questionários, entrevistas e auto-relatos são fundamentais para compreender tais experiências e percepções, porém tais técnicas possuem pontos fortes e fracos. Segundo o autor o comportamento humano é mais abrangente do que o abarcado por tais técnicas, e inclui reações fisiológicas e emocionais, relacionamentos interpessoais, e também, de modo significativo, o desempenho, a produtividade, a cognição. Assim, Evans sugere a utilização de metodologias variadas para examinar os mesmos fenômenos relacionados.

A fim de compreender os métodos e técnicas de avaliação do ponto de vista da Psicologia Ambiental, buscou-se referências na bibliografia existente. Segundo Falcão e Soares (2011) “no campo da percepção e cognição, as ferramentas de análise são diversas, podendo citar os mapas cognitivos ou mentais (Lynch, 1970, entre outros), observação de traços de comportamento (Sommer & Sommer, 1980), preferências visuais (Sanoff, 1991) e a Constelação de Atributos (Ekambi-Schmidt, 1974).”

Segundo Evans (2005) “quando medimos o ambiente usando um método subjetivo para representar o ambiente físico, não sabemos qual é o estímulo, não sabemos o que estamos medindo, pois parte do resultado que obtemos é o ambiente físico, e parte são aspectos como a personalidade e as experiências.”

### **2.3.3 Programa de Necessidades e Avaliação Pós-Ocupação: As etapas de contato com o Usuário**

Foi verificado que, nas mais diversas propostas metodológicas de projeto de Design de Interiores verificadas no item 2.2, e as etapas e atividades possuem diferentes nomes e objetivos. No entanto, percebe-se que há dois momentos de consenso comum com os quais profissional e usuário estão em contato, que são Programa de Necessidades (PN) e durante a Avaliação Pós Ocupação. Embora propostas como a apresentada por Oliveira (2016) considerem o usuário durante todo o processo, optou-se por desenvolver um estudo mais aprofundado acerca destes dois momentos (PN e APO), a fim de verificar a forma como os diferentes autores recomendam a abordagem e formalização das mesmas.

Moreira e Kowaltowski (2009) discutem a importância do programa de necessidades, para eles

seu objetivo é listar as condições do contexto onde um edifício irá operar em termos de requisitos funcionais. Trata-se da apresentação dos fatores de desempenho que se espera que a edificação cumpra e cujo objetivo principal é manter a integridade dos usuários e dos bens que abriga, ao corresponder aos seus anseios e expectativas de conforto e satisfação nesse mesmo espaço. O projeto de um edifício depende da correta observação desses requisitos, não só para cumprir metas, mas para estimular o seu uso nas mais variadas situações. (p.33)

Conforme visto no item 2.2.2, o programa de necessidades aparece de diferentes formas para os autores.

A NBR 13.532 estabelece as etapas pertencentes à elaboração de projetos de arquitetura, tanto para ambientes interiores como exteriores. Com relação ao Programa de Necessidades, a norma define que trata-se de um conjunto de informações:

- necessárias à concepção arquitetônica da edificação (ambiente construído ou artificial) e aos serviços de obra, como nome, número e dimensões (gabaritos, áreas úteis e construídas) dos ambientes, com distinção entre os ambientes a construir, a ampliar, a reduzir e a recuperar, características, exigências, número, idade e permanência dos usuários, em cada ambiente.
- características funcionais ou das atividades em cada ambiente, como ocupação, capacidade, movimentos, fluxos e períodos.
- características, dimensões e serviços dos equipamentos e mobiliário;
- exigências ambientais, níveis de desempenho;
- instalações especiais (elétricas, mecânicas, hidráulicas e sanitárias).

Para Voordt e Wegen (2013) o programa de necessidades (ou briefing) é registro de necessidades, desejos e condições limitantes do processo de construção. Para eles, o programa é um registro minucioso das exigências dos clientes e usuários, e para isso é fundamental compreender seu ponto de vista, metas e desejos. (p.75)

Para Best (2012) o cliente e o designer acordarão um briefing de projeto que descreva o mais completamente possível as metas, objetivos, resultados práticos, datas-chave e orçamento do projeto. Para a autora, o resultado do projeto não precisa ser conhecido inicialmente, no entanto dependendo da natureza do projeto, o briefing será mais ou menos específico. (p.30)

Phillips (2007) aponta que os briefings verbais, não escritos, geralmente tendem a gerar discussões posteriores e mal-entendidos, alongando o tempo necessário para a conclusão do projeto e, muitas vezes não apresentando ao final as soluções desejadas. O autor ressalta que a abordagem junto ao usuário ou cliente não deve apenas reconhecer *o que se deseja* em um projeto, mas *por que* esse desejo existe (p.9-13). Nesse sentido Voordt e Wegen (2013) afirmam que conteúdo e propósito sempre devem estar relacionados, e que o documento que registrará o PN deverá abordar os objetivos do cliente em termos de

utilidade, função, qualidade, tempo e custo. Além disso, evidenciam a necessidade de revisar e analisar o PN após sua formalização.

Moreira e Kowaltovski (2009) complementam que a documentação referente ao PN deve ser sintético e expresso por meio de quadros e diagramas contendo informações advindas das mais diferentes fontes, como avaliações pós ocupação, revisão da literatura especializada, normas e legislações com recomendações técnicas, consulta aos usuários, análise de projetos afins ao que está sendo projetado. Para os autores, o objetivo do PN é listar as condições do contexto onde um edifício irá operar, apresentando os fatores de desempenho necessários para manter a integridade dos usuários e dos bens que abriga, correspondendo aos seus anseios e expectativas com relação ao conforto e satisfação nesse espaço. (p.32-33)

Gibbs (2010) estabelece que o Programa de Necessidades e Briefing são sinônimos, e que é pouco provável que um projeto seja bem sucedido sem a total compreensão do cliente e seu estilo de vida de maneira detalhada. A autora complementa que em alguns casos a verificação das limitações existentes deve ser tão importante quanto os ideais dele. A autora não faz referência à consulta junto aos usuários do espaço, mas quando cita projetos residenciais, ressalta a necessidade de “determinar quem são os demais moradores da casa” e se possuem alguma necessidade especial quanto à utilização dos espaços. Com relação à abordagem dos clientes, Gibbs sugere a utilização de questionários a fim de identificar e registrar as informações. A autora cita alguns *cases* de projeto onde o programa de necessidades foi ditado pelo próprio cliente via e-mail ou outros documentos escritos.

Para Higgins (2015) o Programa de Necessidades é o que define a organização espacial da maioria dos projetos por isso é importante conhecer as atividades envolvidas e garantir que estejam distribuídas de modo apropriado a fim de facilitar o uso particular. Para o autor, uma única necessidade poderá ser suprida por diversas soluções projetuais, cada qual proporcionará uma diferente experiência aos usuários. Assim, ainda que o terreno possua um contexto e limitações específicas, e o projeto tenha que suprir o estilo ditado pelo cliente, é importante que o projeto de fato funcione de forma satisfatória pra quem o utilizará.

Phillips (2007) ainda ressalta que cliente e designer devem ser parceiros e estabelecer uma relação de co-responsabilidade, não atuando como compradores e fornecedores, e que portanto deve ser desenvolvido pelos dois lados. Em casos onde haja muitos envolvidos, o autor estabelece os “níveis de participantes”, onde todos os stakeholders (usuários, cliente, marketing, compradores, fornecedores, etc) deverão ser envolvidos e levados em consideração. Com relação ao formato do briefing, Phillips aponta que não há uma “fórmula única, padronizada”, e que cada um dependerá da natureza do projeto, características de usuários e clientes, entre outros fatores. Ele aponta que há briefings descritivos, outros itemizados, outros que incluem diagramas, fotos e ilustrações.

Oliveira (2016) em sua tese, desenvolve uma pesquisa junto a profissionais atuantes no mercado de trabalho de Design de Interiores a fim de levantar as metodologias utilizadas por eles no seu processo projetual. Sua pesquisa foi desenvolvida por meio de um questionário dividido em 3 blocos, e contou com a resposta de 85 profissionais (sendo 61% arquitetos; 31% designers de Interiores e 8% professores). O segundo bloco de perguntas desenvolvidas pelo autor dizem respeito ao levantamento de informações para o desenvolvimento do PN, e contou com quatro perguntas fundamentais. A primeira delas buscou levantar as ferramentas metodológicas utilizadas pelos profissionais, e com relação a este questionamento o autor constatou que 98% dos entrevistados adotam, no início de um novo projeto, a prática da “entrevista aberta” com o cliente; 91% levantam informações do local por meio de fotos, medições, filmes e plantas existentes; 94% realizam visitas ao local de intervenção e 16% aplicam questionários com o cliente.

A segunda pergunta realizada pelo autor foi bastante específica, e objetivou entender de que forma o profissional identifica as necessidades dos clientes para realização de um novo projeto de interiores (qual a sua abordagem). Quanto a esta pergunta, Oliveira constatou que 89% realizam uma conversa informal a fim de identificar as necessidades dos clientes; 72% dos profissionais indicaram que solicitam ao cliente algum material que ele tenha visto, como revistas, fotografias, etc. e 49% dos profissionais atestaram que realizam a entrevista com algumas perguntas já planejadas.

A terceira pergunta realizada pelo autor parte de uma suposição: Como o entrevistado lida com as situações nas quais possui dificuldade de identificar as

necessidades do cliente. Segundo Oliveira, essa questão objetivou aprofundar sobre o tema “como são tratadas as necessidades dos clientes em relação a um projeto de interiores”. O autor constatou que a maior parte das respostas apontadas pelos profissionais direcionou para soluções que lançam mão de recursos visuais, como esboços, fotos de revistas, imagens virtuais, a fim de sanar as dúvidas que pairam sobre a identificação das necessidades. Percebe-se, neste caso, que os recursos utilizados pelos profissionais estão muito mais relacionados a soluções já prontas e existentes, e não às necessidades propriamente ditas. Alguns autores apontam para o perigo desta prática, como Moreira e Kowaltovski (2009) que afirmam que não se deve apresentar soluções de projeto e propriedades do produto final antes das necessidades tratadas, isso pois os requisitos devem ser expressos a fim de indicar a qualidade exigida, as funções esperadas ou os valores pretendidos, e não uma orientação de como a forma deva cumprir esses objetivos. Phillips (2007) e Munari (1998) também reforçam essa questão quando apontam que deve-se primeiramente destringir as informações em informações específicas, problemas em subproblemas, que venham a orientar a busca por soluções mais completas. O foco deverá ser, portanto, suprir necessidades e não reproduzir um conjunto de soluções sugeridas pelo cliente.

A quarta e última pergunta relacionada ao PN realizada por Oliveira buscou identificar como os profissionais registram as informações levantadas acerca das necessidades dos clientes. Oliveira constatou que 92% dos entrevistados faz anotações, 72% desenvolve desenhos ou anotações no esboço do projeto, 22% registram “na memória”, 21% por meio de documentos específicos e 7% por meio de áudios gravados (40% afirmou registrar de “outra” forma, mas não descreveu qual seria).

Ao final de sua tese, Oliveira apresenta, como contribuição, uma proposta metodológica com base nas metodologias estudadas durante o seu trabalho. Como atividade pertencente à primeira etapa da sua proposta está o Programa de Necessidades. Sabendo que o usuário foi um dos objetos centrais da sua pesquisa, especificamente voltada ao contexto de Design de Interiores, o autor propõe com detalhes como deve ser realizada a abordagem junto ao usuário:

“É necessário que o profissional identifique quem é o usuário final do ambiente, quando não for o próprio contratante – considerando-se outros moradores da



residência. Sugere-se que nesta etapa seja destinado tempo suficiente para extrair-se o máximo possível todas as informações do usuário.(...) Todas as informações extraídas devem ser registradas – preferencialmente através de áudio e/ou anotações. Desta forma, profissional e usuário podem ficar mais à vontade e evita-se possíveis perdas de informações. Sugere-se que os dados levantados sejam organizados em planilhas eletrônicas – o que facilita a busca, visualização e edição das informações. Nesta etapa é interessante que haja troca de ideias com o usuário, com possíveis soluções, assim o profissional poderá cercar-se da maior quantidade de informações possíveis, que o levem a propostas que atendam às necessidades do usuário. Também é importante que o usuário exponha outras experiências já ocorridas ou fatos não desejáveis que devam ser evitados. Conclui-se essa etapa com a aprovação da proposta e do contrato de trabalho. Sugere-se que todas as fases do trabalho estejam detalhadas no contrato para que o usuário tenha pleno conhecimento das etapas que serão realizadas.” (p.240-241)

Ornstein, Ono e Oliveira (2017) apontam a Avaliação Pós Ocupação como etapa fundamental de gestão da qualidade no processo de projeto de arquitetura. Neste sentido, Best (2012) ressalta a importância de se registrar as avaliações realizadas, justamente para que possam servir de subsídio para o desenvolvimento de projetos futuros. Elali e Veloso (2006) afirmam que a consolidação de bancos de dados com informações acerca de avaliações ambientais realizadas fomentam a retroalimentação do ciclo projetual, tornando o embasamento de novas propostas projetuais um dos principais objetivos das APO's. Assim, as técnicas de APO são recursos valiosos que servem como subsídio ao desenvolvimento de um PN de qualidade, já que resgatam dados com relação à identificação de usuários, seus comportamentos, nível de satisfação, problemas e soluções de projetos já executados (ELALI, 2008; ELALI, PINHEIRO, 2003; ELALI, VELOSO, 2006; KOWALTOVISKI, MOREIRA, 2008).

Elali e Veloso (2006) afirmam que inicialmente essas atividades correspondiam a visitas e contatos não sistemáticos, no entanto, atualmente abrangem a aplicação de inúmeros métodos/técnicas avaliativos, possibilitando verificar com profundidade as consequências (positivas e negativas) com relação às soluções adotadas, em esferas que vão desde a viabilidade de construção, análise do conforto verificado e uso efetivo do espaço. A APO surgiu, portanto, da necessidade de reunir os conhecimentos produzidos em diferentes disciplinas sobre as relações entre as pessoas e os ambientes com base no entendimento de que os projetistas concebem as formas para as pessoas. (Sommer, 1973 *apud* Rheingantz e Pedro, 2013). Elali (2006) reforça que

Grande parte dos estudos ligados à APO tem afinidade com a área das relações pessoa-ambiente, uma vez que seu interesse recai na dinâmica ocupacional do edifício ou conjunto edificado, sobretudo no que se refere ao modo como os usuários percebem e se relacionam com o local, às atividades que ali realizam e aos papéis sociais assumidos ao fazê-lo. (p.02)

É de consenso comum dentre os autores que estudam as técnicas de APO, que trata-se de um estudo interdisciplinar (BASTOS, 2015; VILLA, ORNSTEIN 2013; KOWALTOVSKI 2006; RHEINGANTZ, PEDRO, 2013; ), uma vez que envolve tanto assuntos de abrangência da Psicologia Ambiental (que por si só é uma área também interdisciplinar) como percepção, comportamento, afetividade, repertório de experiências, etc, quanto assuntos ligados às questões técnicas, como a eficiência física e funcional do ambiente construído, dimensões, acessibilidade, ventilação, iluminação, ergonomia, etc. Para Elali e Veloso (2004)

Os fatores funcionais correspondem ao estudo do dimensionamento dos ambientes, dos fluxos presentes (pessoas, materiais, mercadorias, etc), das possibilidades de realizar as atividades previstas, do desempenho organizacional e da acessibilidade. Por fim, os fatores comportamentais abarcam elementos como atividades que acontecem no local, relações entre uso real e uso previsto, satisfação/aspirações dos usuários e relações público/privado.

Villa e Ornstein (2013) apontam a avaliação da qualidade do ambiente construído como um dos grandes objetivos da APO. Nesse sentido, Rheingantz e Pedro (2013) definem *qualidade* como uma propriedade inerente a um objeto ou ser, uma condição natural das coisas pela qual se distinguem de outras, podendo ter diferentes conotações, como um valor (excelente, superior, boa, regular, ruim, etc), uma propriedade física (largura, altura, forma, etc), uma qualidade perceptiva (cor, cheiro, textura, sabor, etc) ou ainda algo substancial que determine o interesse a seu respeito.

Segundo Bastos (2015) a principal característica que distingue a APO de outras avaliações de desempenho é que a mesma considera o nível de satisfação dos usuários e afere o atendimento às suas necessidades, independente do grau de entendimento dos usuários quanto às questões técnicas de projeto. Para Martins e Merino (2011), a satisfação ao usufruir de um projeto depende dos valores e das diferenças que as pessoas apresentam entre si. Nesse sentido, Elali (2008) também relaciona a satisfação dos usuários com o ambiente construído às relações que estabelecem com o local - seja no nível de cômodo

interno, edifício ou bairro - e às experiências vivenciadas em momentos anteriores - background social, educacional e cultural.

A existência de diferentes pontos de vista entre pesquisadores, especialistas e usuários leigos levou os métodos APO a considerar que ambientes construídos sejam submetidos não só às avaliações comportamentais, mas também a avaliações físicas. (KOWALTOVSKI, 2006). Nesse sentido, Kowaltovski et al (2013) os métodos de avaliação devem estabelecer um determinado aspecto (ou estabelecer ponderações sobre eles) a serem avaliados, para então definir os procedimentos e hierarquias para serem aplicados. Tendo em vista que os objetivos das pesquisas são diversos, os instrumentos utilizados expressam o que cada método pretende analisar.

Bastos (2015), em sua dissertação, avalia os métodos e técnicas de APO, e afirma que se relacionam à aspectos físicos, funcionais e comportamentais da situação em estudo, e segundo a autora, podem ser divididos entre os que voltam à avaliação técnica do projeto (trabalho profissional, geralmente os pesquisadores) e à análise perceptiva (contato direto com os usuários para coleta de sua opinião). A autora cita como principais métodos/técnicas: Análise de Behavior setting, Análise de Vestígios de comportamento, Avaliação técnico-funcional, Entrevistas, Grupo Focal, Mapeamento Comportamental, Mapa Mental, Mapeamento Visual, Matriz de Descobertas, Poema dos Desejos, Quadro de Recomendações, Questionários, Seleção Visual, Walkthrough. (BARKER, 1978; ELALI, PINHEIRO, 2011; GUNTER, PINHEIRO 2008; ORNSTEIN, ROMÉRO 1992; ORNSTEIN, BRUNA, ROMÉRO, 1995; PREISER, RABINOWITZ, WHITE, 1988; RHEINGANTZ ET. AL. 2009; SOMMER, SOMMER, 2002; WICKER, 1979 *apud* BASTOS, 2015). A seguir a Tabela 2 apresenta uma breve descrição realizada por Bastos (2015) sobre as técnicas citadas:

Tabela 2: Métodos/Técnicas de APO levantadas por Bastos (2015)

Método/Técnica	Descrição
Análise de Behavior setting	A análise de uma situação comportamental como “um sistema limitado, auto-regulado e ordenado, composto de integrantes humanos e não-humanos substituíveis, que interagem de um modo sincronizado para realizar (...) o programa do <i>setting</i> ” (Wicker, 1979).
Análise de Vestígios de comportamento	Resíduos que a ocupação humana deixou no ambiente, verificados pelo pesquisador, pode entender o que ocorreu no local mesmo sem ter assistido à ação ou visto os usuários. Podem acontecer por erosão (algo foi retirado do local) ou por deposição (algo foi deixado no local).
Avaliação técnico-funcional	Investigação profissional sobre aspectos construtivos e funcionais da edificação (Exemplo: superestrutura, pisos, alvenarias, esquadrias, impermeabilizações, instalações, coberturas, área construída e área útil, circulações, adensamento, layout, acessibilidade, conforto ambiental e outros).
Entrevistas	Conversação voltada para atender a um determinado objetivo, que resulta em um conjunto de informações sobre sentimentos, crenças, pensamentos e expectativas das pessoas.
Grupo Focal	Entrevista em grupo que permite a discussão organizada de um tema, com a presença de um moderador e assistentes. Os resultados são qualitativos e complementam os dados quantitativos obtidos por meio de questionários.
Mapeamento comportamental	Registros gráficos das observações relacionadas com as atividades dos usuários em um determinado ambiente; o mapeamento pode ser centrado na pessoa ou centrado no ambiente.
Mapa mental	Elaboração de desenhos ou relatos de memória representativos das ideias ou da imageabilidade que um usuário ou grupos de usuários tem do ambiente.
Mapeamento visual	Identifica a percepção dos usuários em relação ao ambiente, com foco na localização, na apropriação, na demarcação de territórios, nas inadequações a situações existentes, no mobiliário excedente ou inadequado e nas barreiras.
Matriz de descobertas	Principais achados da pesquisa (pontos positivos e negativos detectados) apresentados de modo gráfico, associado a planta baixa e/ou corte.
Poema dos desejos	Conjunto de sentenças escritas ou desenhos que exprimem as necessidades, sentimentos e desejos dos usuários com relação ao edifício ou ambiente.
Quadro de recomendações	Conjunto de recomendações para intervenção no local estudado, que podem envolver ações a curto, médio e longo prazo.
Questionários	Conjunto de questões relacionadas a um determinado assunto ou problema, utilizado para obter informações sobre percepção ambiental, comportamentos e atributos.
Seleção visual	Identifica os valores e os significados agregados pelos usuários ao ambiente em uso.
Walkthrough	Percurso dialogado pelo local, complementado por fotografias, croquis gerais e gravação de áudio e de vídeo, abrangendo todos os ambientes.

Fontes: Barker (1978); Elali, Pinheiro (2011); Gunter, Pinheiro (2008); Ornstein, Romero (1992); Ornstein, Bruna, Roméro (1995); Preiser, Rabinowitz, White (1988); Rheingantz et al. (2009); Sommer, Sommer (2002); Wicker (1979); trabalhos pela autora.

Fonte: Tabela de Bastos (2015), adaptado pela autora.

Segundo Rheingantz et al, (2009) os procedimentos que melhor traduzem a opinião dos usuários são o questionário e a entrevista estruturada ou semiestruturada. Os autores citam que Sanof (1978) aponta o Poema dos Desejos e Preferências Visuais como procedimentos relevantes no que tange a opinião do usuário. Os autores ainda apontam

que técnicas como observações diretas, por sua vez, se concentram nos fatores mais técnicos e funcionais.

Com relação ao contexto acadêmico de Design de Interiores, Bastos (2015) afirma que, diferentemente dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, o ensino e as pesquisas da relação pessoa-ambiente e APO nos cursos de Design de Interiores ainda é pouco disseminado. A autora realizou uma pesquisa com professores brasileiros com atuação reconhecida no campo da APO, aplicando um questionário dividido em três partes. Cita-se brevemente o resultado constatado na segunda parte, que visou levantar informações quanto ao ensino de métodos e técnicas de APO em cursos de Graduação. De um total de 31 professores consultados, 16 responderam ao questionário. Destes, apenas 1 afirmou ensinar APO em uma disciplina obrigatória exclusiva para este fim, enquanto 5 afirmaram ensinar em disciplina optativa exclusiva para este fim, e 11 docentes afirmaram ensinar APO no conteúdo programático de outra disciplina. A autora aponta que a existência de disciplinas específicas para este fim ou mesmo a inserção da APO como abordagem em disciplinas de projeto retomam o conceito apresentado anteriormente, de que o entendimento quanto aos aspectos positivos e negativos de um projeto contribuem para a geração de soluções mais adequadas às necessidades e peculiaridades dos diferentes grupos de usuários.

Ainda, fazendo relação com o estudo apresentado no item 2.2.2, que apresentou as metodologias utilizadas em cursos de Design de Interiores em instituições Federais, em especial a abordagem junto ao usuário, cabe ressaltar que no estudo realizado por Bastos, 2 respondentes esclarecem que o ensino de APO está inserido nas disciplinas de ateliê como metodologia de projeto dos cursos de graduação tecnológica em Design de Interiores do IFPB (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba) e de graduação tradicional em Design da UFU (embora, o PPC e as ementas das disciplinas deste último não façam referências a esta prática). Com relação ao ensino de APO em suas respectivas instituições, os professores apontaram como os principais métodos e técnicas utilizados o Walkthrough, Questionários, Entrevistas, Grupos Focais, Mapa Comportamental, Avaliação técnico-funcional, Mapas Mentais, Mapeamento Visual e

Poema dos Desejos. Em geral, afirmaram escolher métodos e técnicas de acordo com os objetivos e objetos de interesse de cada projeto.

Com relação aos benefícios da utilização da APO em sala de aula, a autora afirma que os respondentes ressaltaram um maior envolvimento dos alunos com o objeto arquitetônico e com os usuários, especialmente no caso de projetos com temáticas complexas que demandam maior atenção no detalhamento do programa e da questão funcional.

É, portanto, ao valorizar as particularidades e as singularidades de ambientes e usuários que a APO contribui para o projeto arquitetônico e pode contribuir também para o projeto de interiores, permitindo ao profissional aprofundar o entendimento do programa de necessidades, a compreensão do público alvo e suas expectativas, a identificação de comportamentos padrões e a captação de valores e significados socioculturais importantes para o projeto.(p.20-21)

Neste sentido, a Figura 9 representa graficamente a relação entre os dois momentos projetuais apontados como sendo de maior contato entre usuário e designer - a APO e o PN sob o ponto de vista da autora desta pesquisa:

Figura 9: Relação percebida pela autora entre APO, PN e o desenvolvimento de projetos



Fonte: A autora.

Esta contextualização com relação à APO e ao PN contribuiu para o desenvolvimento desta pesquisa por serem etapas de projeto que contam com estudos aprofundados a partir de diversos autores. Todos eles, de alguma forma, declaram a

importância da consideração do usuário nas etapas, que conforme apontado, se interrelacionam. A figura acima representa de forma sintética a contribuição dos resultados de APO no processo de projeto de Design de Interiores, sejam eles projetos novos ou projetos existentes já em uso. Entende-se que no caso de projetos novos, como é o caso do contexto de ensino de projeto, os resultados de APO contribuem para o enriquecimento do programa de necessidades, uma vez que extrai informações de maneira sistematizada a respeito dos usuários, evitando casos como aqueles citados por Oliveira (2015), nos quais o profissional registra informações em sua memória. Ressalta-se a importância de instigar o estudante de Design de Interiores o uso de metodologias que visem a melhoria da qualidade do projeto. Da mesma forma que os preceitos éticos da profissão prevêm a responsabilidade do profissional ao executar uma nova proposta de projeto, ressalta-se a importância da avaliação pós execução visando a manutenção de projetos existentes (conforme apontado na figura acima). Nesse sentido, Martins e Merino (2011) afirmam que o trabalho de um designer não se encerra ao finalizar e entregar um projeto, mas deve ser acompanhado e gerenciado após sua implantação. Best (2012) ainda ressalta que os benefícios de um projeto costumam revelar-se com o tempo, não instantaneamente, e por isso metas para avaliação de desempenho e de qualidade devem ser traçadas e incorporadas aos objetivos iniciais do projeto.

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A Figura 10, apresentada a seguir, detalha as três fases do desenvolvimento desta pesquisa e as respectivas etapas realizadas. A Fase 1, de Fundamentação Teórica consistiu em uma Pesquisa Bibliográfica acerca dos temas “Gestão de Design”, “Design de Interiores e Processo de Projeto em DI” e “O Usuário e o Ambiente”, este último sob a ótica de diversas disciplinas. A Fase 2 consistiu em um Levantamento do Panorama de Ensino de projetos de Design de Interiores que, em um primeiro momento ocorreu acerca das Instituições de Ensino Públicas que ofertam Cursos Superiores em Design de Interiores e, em um segundo momento por meio de questionários. Por último, a Fase 3 consistiu em uma Sistematização dos momentos iniciais de projeto, que preveem a coleta de informações ambientais e junto aos usuários. Essa sistematização resultou no desenvolvimento de Fichas Orientativas, uma contribuição que tem o objetivo de organizar e guiar o designer nas etapas de Pré-Projeto de Design de Interiores.

Figura 10: Síntese das Fases da Pesquisa

	<i>Fase 1</i>	<i>Fase 2</i>	<i>Fase 3</i>
	Fundamentação Teórica	Pesquisa de Campo	Contribuição
<b>O que foi feito</b>	<b>Pesquisa Bibliográfica</b>	<b>Levantamento do Panorama de Ensino</b>	<b>Sistematização para Coletas Iniciais</b>
<b>Como foi feito</b>	Revisão da Literatura acerca dos principais temas: <ul style="list-style-type: none"> <li>- Gestão de Design</li> <li>- Design de Interiores (DI) e processo de projeto em DI.               <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ensino de Projeto em cursos de Design</li> <li>• Metodologias de projeto em cursos de DI</li> </ul> </li> <li>- O Usuário e o Ambiente               <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ergonomia do Ambiente Construído (EAC)</li> <li>• Psicologia Ambiental</li> <li>• Programa de Necessidades (PN) e</li> <li>• Análise Pós Ocupação (APO)</li> </ul> </li> </ul>	Mapeamento de Metodologias de Projeto ensinadas na academia <p style="text-align: center;">↓</p> Seleção de Docentes de Cursos de DI na Grande Florianópolis <p style="text-align: center;">↓</p> Elaboração de instrumento de Coleta de Dados <p style="text-align: center;">↓</p> Coleta de Dados <p style="text-align: center;">↓</p> Análise das Informações Coletadas	Embasamento: Blocos de Referência (GODP) <p style="text-align: center;">↓</p> Revisão dos momentos chave de um levantamento pré projeto <p style="text-align: center;">↓</p> Desenho final de Fichas Orientativas

Fonte: A autora.



### 3.1 FASE 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para a Fase 1, que se refere à construção da fundamentação teórica, realizou-se uma pesquisa bibliográfica em materiais publicados, sendo livros, teses, dissertações, periódicos e anais de eventos científicos. A seguir a Figura 11 traz a representação detalhada dos passos pertencentes à Fase 1.

Figura 11: Temas pesquisados na Fase 1

Fase 1 - Fundamentação Teórica: Pesquisa Bibliográfica	Etapas	Passos
	REVISÃO DA LITERATURA SOBRE OS TEMAS	Gestão de Design
Processo de Projeto em Design de Interiores Ensino de Projeto em cursos de Design Metodologias de projeto em cursos de DI		O Usuário e o Ambiente Ergonomia do Ambiente Construído (EAC) Psicologia Ambiental Programa de Necessidades (PN) Análise Pós Ocupação (APO)

Fonte: A autora.

Os temas pesquisados foram: Gestão de Design, Design de Interiores e o Processo de Projeto, Ensino de Projeto e a relação Usuário-Ambiente, a partir dos pontos de vista da Ergonomia, da Psicologia Ambiental, do Programa de Necessidades e Avaliação Pós Ocupação (os dois últimos são etapas projetuais do projeto arquitetônico que envolvem diretamente o usuário).

A pesquisa acerca do tema Gestão de Design serviu como subsídio para visualizar os seguintes temas sob o olhar da gestão, disciplina que tem o objetivo de organizar os processos e procedimentos.

A pesquisa bibliográfica de tema Design de Interiores e Processo de Projeto apresentou definições acerca da área específica de Design de Interiores, além da correlação desta com as demais áreas de Design. Tornou-se necessário abordar de maneira conjunta o tema “Processo de Projeto” uma vez que se apresenta como o cerne dos cursos de Design e Arquitetura, e portanto foi possível apresentar as diferentes visões sobre o processo projetual, de acordo com as diferentes áreas. Para complementar, e a fim de dar

subsídio para a fase 2, realizou-se uma pesquisa com foco no Ensino de Projeto. O desenvolvimento deste tópico contribuiu para a publicação e apresentação de um artigo em evento, e posteriormente em periódico de Design tratando do grande tema Ensino de Projeto.

A pesquisa bibliográfica de tema “A relação usuário-ambiente”, fundamental para esta pesquisa, contribuiu para o desenvolvimento da coleta de dados, realizada na etapa 2, e também para o entendimento da abordagem a ser realizada na etapa 3.

### 3.2 FASE 2 – PESQUISA DE CAMPO: LEVANTAMENTO DO PANORAMA DE ENSINO

A seguir, a Figura 12 apresenta as etapas pertencentes à Fase 2 desta pesquisa, e os passos realizados em cada uma delas.

Figura 12: Atividades desenvolvidas na Fase 2 da pesquisa

Fase 2 - Pesquisa de Campo: Levantamento do Panorama de Ensino	Etapas		Passos	
	1	MAPEAMENTO DE MÉTODOS UTILIZADOS NA ACADEMIA (IES FEDERAIS)	Busca por IES no sistema EMEC	
			Busca por PPC's	
			Busca por ementários e bibliografias	
			Desenhos e análises das bibliografias	
	2	SELEÇÃO DE DOCENTES GRANDE FLORIANÓPOLIS	Busca por IES da região com cursos de DI	
Levantamento de contato de Docentes				
3	ELABORAÇÃO DE INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	Elaboração de questionários		
		Validação e ajuste de questionários		
4	COLETA DE DADOS	Aplicação de questionários		
5	ORGANIZAÇÃO DOS DADOS COLETADOS	Análise das respostas		
		Constatações Finais		

Fonte: A autora.

O objetivo da Fase 2 foi de compreender o Panorama de Ensino de Projeto em Design de Interiores e identificar como os estudantes visualizam o usuário neste processo.. A primeira etapa, apresentada na Figura 12, traz o Mapeamento por meio das IES Públicas que oferecem Cursos Superiores em Design de Interiores no Brasil. Ainda na Etapa 1 representações gráficas dos métodos projetuais propostos nestes cursos foram desenhadas identificando-se os momentos de contato com usuário. Esta etapa, embora faça parte da Fase 2 desta pesquisa, está alocada no Capítulo 1, juntamente com a Fundamentação

Teórica, especificamente no item 2.2.2. Optou-se por inserir este conteúdo juntamente à Fundamentação Teórica por apresentar convergência de assuntos com o 2.2, que o precedia, que tratava justamente do Processo de Projeto em Design de Interiores.

Para complementar esse estudo, as Etapas 2 a 5 trazem a aplicação de questionários junto a professores de disciplinas de projeto, em cursos de Design de Interiores na Grande Florianópolis, a fim de identificar as metodologias utilizadas no ensino de projeto de Design de Interiores em um contexto local. Para essa pesquisa, utilizou-se como referência tanto o ensino técnico, como o ensino superior (tecnológico). Foram realizadas pesquisas com professores de 5 instituições de ensino, sendo 3 de nível superior e 2 de nível técnico, todas localizadas na Grande Florianópolis. A IES 4 (vide Tabela 3), embora tenha sido identificada na pesquisa, não foi consultada pois ainda não possui turmas em andamento, por ser um curso relativamente novo.

A seguir os próximos subitens trazem o detalhamento da fase 2, suas etapas e passos.

### **3.2.1 Fase 2 – Etapa 1: Mapeamento de Métodos Utilizados na Academia (IES FEDERAIS)**

A etapa 1 da Fase dois teve como ações: a Busca por Instituições de Ensino Superior no sistema E-MEC, seguida pela busca de Projetos Pedagógicos de Curso dos cursos selecionados, busca (nos PPC'S por ementários e bibliografias) e, na sequência, desenho e análises das bibliografias identificadas. Os resultados desta etapa estão dispostos no Capítulo 2 deste trabalho, especificamente no item 2.2.2. Em virtude do seu resultado contar com conteúdo de extrema relevância para a Fundamentação Teórica desta pesquisa, optou-se por alocá-la anterior à apresentação dos resultados (Capítulo 4). Abaixo a Figura 13 apresenta esta estrutura de ações.

Figura 13: Passos desenvolvidos na Etapa 1 da Fase 2

Fase 2 - Pesquisa de Campo: Levantamento do Panorama de Ensino	Etapas		Passos	
	1	MAPEAMENTO DE MÉTODOS UTILIZADOS NA ACADEMIA (IES FEDERAIS)	Busca por IES no sistema EMEC	
			Busca por PPC's	
			Busca por ementários e bibliografias	
			Desenhos e análises das bibliografias	
	2	SELEÇÃO DE DOCENTES GRANDE FLORIANÓPOLIS	Busca por IES da região com cursos de DI	
		Levantamento de contato de Docentes		
3	ELABORAÇÃO DE INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	Elaboração de questionários		
		Validação e ajuste de questionários		
4	COLETA DE DADOS	Aplicação de questionários		
5	ORGANIZAÇÃO DOS DADOS COLETADOS	Análise das respostas		
		Constatações Finais		

Fonte: A autora.

Buscou-se nas bases do sistema E-mec as Instituições de Ensino Federais que ofertam o curso de Design de Interiores em nível Superior, seja na modalidade Tecnológica ou Bacharelado. Nesta pesquisa, incluiu-se cursos com outras denominações mas com a mesma abordagem - como é o caso da UFRJ com denominação de "Composição de Interior", a UFU com denominação de "Design", mas com abordagem para Design de Interiores e a UFBA, com denominação de Superior em Decoração. Em seguida, foi realizada uma busca digital pelos Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPC's), que no caso de Instituições de Ensino Federais costumam estar disponíveis online. Em cada um dos PPC's foi realizada a busca pelo ementário das disciplinas de Metodologia de Projeto ou, em sua ausência, a primeira disciplina de Projeto de Interiores da Matriz Curricular (cada Instituição possui uma denominação: Ateliê de Projetos; Composição de Interiores I; entre outras) . Buscou-se então identificar a bibliografia proposta por tais disciplinas, e dentre elas, aquelas que eram específicas de Projetos de Interiores - já que muitas delas traziam o contexto do Design de Produtos ou de Arquitetura). Após identificá-las, uma tabela foi elaborada, sinalizando em vermelho aquelas que seriam trabalhadas com maior profundidade (Tabela 01). Por fim, representou-se graficamente as metodologias selecionadas por meio de um fluxograma indicando as Etapas na sequência em que ocorrem e, por fim, indicou-se os momentos chave em que os autores propõem a consulta do cliente ou usuário.

### 3.2.2 Fase 2 – Etapa 2: Seleção de Docentes Grande Florianópolis

Na Etapa 2 foi realizado um levantamento das Instituições de Ensino, de níveis técnico e superior, que oferecem o curso de Design de Interiores na região, e na sequência um levantamento dos contatos dos docentes que lecionam nas mesmas. A seguir a Figura 14 traz a descrição dos passos realizados.

Figura 14: Passos desenvolvidos na Etapa 2 da Fase 2

Fase 2 - Pesquisa de Campo: Levantamento do Panorama de Ensino	Etapas		Passos
	1	MAPEAMENTO DE MÉTODOS UTILIZADOS NA ACADEMIA (IES FEDERAIS)	Busca por IES no sistema EMEC
			Busca por PPC's
			Busca por ementários e bibliografias
			Desenhos e análises das bibliografias
	2	<b>SELEÇÃO DE DOCENTES GRANDE FLORIANÓPOLIS</b>	Busca por IES da região com cursos de DI Levantamento de contato de Docentes
3	ELABORAÇÃO DE INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	Elaboração de questionários Validação e ajuste de questionários	
4	COLETA DE DADOS	Aplicação de questionários	
5	ORGANIZAÇÃO DOS DADOS COLETADOS	Análise das respostas Constatações Finais	

Fonte: A autora.

Abaixo a Tabela 3 que indica as Instituições e seus respectivos cursos, localização, carga horária.

Tabela 3: Instituições de Ensino da Grande Florianópolis com formação em Design de Interiores

INSTITUIÇÃO DE ENSINO	DENOMINAÇÃO DO CURSO	LOCALIZAÇÃO	CARGA HORÁRIA
 IES 1	Superior de Tecnologia em Design de Interiores	Florianópolis	1890h
 IES 2	Superior de Tecnologia em Design de Interiores	Florianópolis	1920h
 IES 3	Superior de Tecnologia em Design de Interiores	Palhoça	1680h
 IES 4	Superior de Tecnologia em Design de Interiores	São José	1800h
 IES 5	Técnico em Design de Interiores	Florianópolis	800h
 IES 6	Técnico em Design de Interiores	Florianópolis	800h

Fonte: A autora.

Após identificar as instituições, foi realizada uma busca pelos contatos dos professores de projeto em tais cursos via telefonema junto às instituições. Foram identificados 24 docentes dessas disciplinas, e os contatos foram realizados via *e-mail* e *whatsapp*.

### 3.2.3 Fase 2 – Etapa 3: Elaboração de Instrumento de Coleta de Dados

Nesta etapa, um questionário foi elaborado com 14 questões e na sequência validado por uma dupla de profissionais. Para Lakatos e Marconi (2003) o questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Para eles, uma das vantagens do questionário, é o fato de possuir maior liberdade nas respostas, em razão do anonimato, havendo também menos risco de distorção, pela não influência do

pesquisador. Afirmam ainda que, v bem média, os questionários expedidos pelo pesquisador alcançam 25% de devolução.

Fez se uso de todo o estudo que subsidiou a Fundamentação Teórica desta pesquisa para dar início à elaboração do questionário. A seguir, a Figura 15 apresenta os passos realizados para o desenvolvimento da Etapa 3 da Fase 2.

Figura 15: Passos desenvolvidos na Etapa 3 da Fase 2

Fase 2 - Pesquisa de Campo: Levantamento do Panorama de Ensino	Etapas		Passos	
	1	MAPEAMENTO DE MÉTODOS UTILIZADOS NA ACADEMIA (IES FEDERAIS)	Busca por IES no sistema EMEC	
			Busca por PPC's	
			Busca por ementários e bibliografias	
			Desenhos e análises das bibliografias	
	2	SELEÇÃO DE DOCENTES GRANDE FLORIANÓPOLIS	Busca por IES da região com cursos de DI	
Levantamento de contato de Docentes				
3	ELABORAÇÃO DE INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	Elaboração de questionários		
		Validação e ajuste de questionários		
4	COLETA DE DADOS	Aplicação de questionários		
5	ORGANIZAÇÃO DOS DADOS COLETADOS	Análise das respostas		
		Constatações Finais		

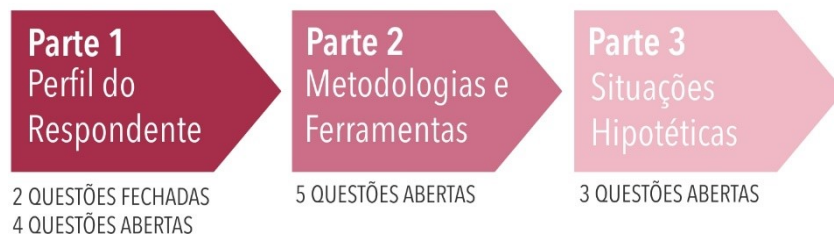
Fonte: A autora.

Inicialmente buscou-se identificar qual o nível (técnico ou superior) do curso no qual o docente leciona disciplinas de projeto. Em seguida, identificar qual a disciplina - projeto residencial, comercial, corporativo, etc. Por último, os questionamentos foram acerca das metodologias utilizadas em sala de aula em disciplinas de projeto. O questionário foi validado por 5 profissionais docentes em Design de Interiores, a fim de verificar se haviam perguntas que deixavam algum tipo de dúvida, e em seguida foram ajustados conforme recomendações, justificando assim a escolha do questionário como instrumento.

O questionário (Apêndice) foi dividido em 3 partes e, em sua maioria, foi composto de questões abertas, conforme Figura 16 apresentada a seguir:

Figura 16: Divisão do questionário para fins de organização

### ORGANIZAÇÃO DO QUESTIONÁRIO - 14 QUESTÕES



Fonte: A autora.

A Parte 1 visou identificar o perfil do respondente com relação ao sexo, formação profissional e atuação enquanto docente de disciplinas de projeto em cursos de Design de Interiores.

A Parte 2 visou coletar informações com relação à didática dos docentes, e por isso as questões foram abertas, já que os termos, autores e definições utilizadas nas respostas dos profissionais são o ponto chave da coleta de dados desta parte. Todas as perguntas da parte 2 foram abertas e permitiram ao docente livre espaço de resposta.

Por fim, a Parte 3 visou identificar que atitudes os profissionais tomariam frente à situações de disciplinas de projeto hipotéticas sugeridas pela autora.

#### 3.2.4 Fase 2 – Etapa 4: Coleta de Dados

A seguir, a Figura 17 situa o leitor sobre a Etapa 4.

Figura 17: Passos desenvolvidos na Etapa 4 da Fase 2

Fase 2 - Pesquisa de Campo: Levantamento do Panorama de Ensino	Etapas		Passos	
	Etapa	Descrição	Passo	Descrição
Fase 2 - Pesquisa de Campo: Levantamento do Panorama de Ensino	1	MAPEAMENTO DE MÉTODOS UTILIZADOS NA ACADEMIA (IES FEDERAIS)	Busca por IES no sistema EMEC	Busca por PPC's
			Busca por ementários e bibliografias	Desenhos e análises das bibliografias
	2	SELEÇÃO DE DOCENTES GRANDE FLORIANÓPOLIS	Busca por IES da região com cursos de DI	Levantamento de contato de Docentes
	3	ELABORAÇÃO DE INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	Elaboração de questionários	Validação e ajuste de questionários
	4	COLETA DE DADOS	Aplicação de questionários	
5	ORGANIZAÇÃO DOS DADOS COLETADOS	Análise das respostas	Constatações Finais	

Fonte: A autora.



O instrumento de coleta de dados foi enviado para 24 docentes no mês de novembro de 2019, e contou com 12 respondentes. O questionário foi enviado aos docentes via *e-mail* ou *whatsapp* (de acordo com o contato existente). O questionário foi composto, em sua maioria, por questões abertas (exceto as perguntas com relação ao curso no qual lecionam e a questão quanto ao sexo do respondente). A escolha por questões abertas, conforme descrito no item 3.2 foi feita a fim de permitir livre resposta por parte do docente, visando identificar os termos por ele utilizados ao definir as estratégias de ensino. Compreender as ações que o docente considera estar presente, por exemplo, em uma etapa de projeto, ou mesmo as denominações dadas a ele para as etapas são o próprio objeto de estudo deste item e o motivo pelo qual o questionário foi aplicado. Assim, embora Lakatos e Marconi (2003) afirmem que as perguntas abertas ocasionem em um processo de tabulação e interpretação difícil, demorado complexo e cansativo, no caso desta pesquisa apresentou-se como a melhor técnica para coletar as informações desejadas. Tendo em vista que as técnicas de “entrevista” e de “formulário” contam com a presença do pesquisador junto ao respondente, entende-se que a liberdade requerida de resposta não seria alcançada.

O questionário foi elaborado na plataforma *Google Forms* e contou com um pequeno texto de apresentação, conforme descrição a seguir:

*“Olá professor (a), meu nome é Laura Zimmermann Flores, sou Mestranda do Programa de Pós Graduação em Design da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), e conto com a sua colaboração para responder este pequeno questionário sobre o ensino de projeto em cursos de Design de Interiores. O questionário abaixo é uma das etapas do desenvolvimento da minha dissertação, que aborda os processos de Design de Interiores a partir da ótica da Gestão de Design, sob a orientação da Profa. Dra. Giselle Merino. Desde já agradeço pela contribuição com esta pesquisa.”*

Não foram solicitadas respostas de identificação pessoal, como nome ou instituição na qual leciona. Esta decisão foi tomada estrategicamente após realizado o pré-teste, pois entendeu-se que a identificação pessoal e institucional do respondente poderia inibi-lo nas questões realizadas na Parte 2 do questionário, uma vez que o ambiente acadêmico local é muito restrito. Ainda, entende-se que tais informações seriam

irrelevantes para esta coleta de dados, já que não pretende-se avaliar nenhum método utilizado por instituição, e sim um panorama do contexto acadêmico de Design de Interiores em um âmbito local.

### 3.2.5 Fase 2 – Etapa 5: Organização dos Dados Coletados

A Figura 18 traz a representação dos passos pertencentes à última etapa da Fase 2:

Figura 18: Passos desenvolvidos na Etapa 5 da Fase 2

Fase 2 - Pesquisa de Campo: Levantamento do Panorama de Ensino	Etapas		Passos	
	1	MAPEAMENTO DE MÉTODOS UTILIZADOS NA ACADEMIA (IES FEDERAIS)	Busca por IES no sistema EMEC	
			Busca por PPC's	
			Busca por ementários e bibliografias	
			Desenhos e análises das bibliografias	
	2	SELEÇÃO DE DOCENTES GRANDE FLORIANÓPOLIS	Busca por IES da região com cursos de DI	
		Levantamento de contato de Docentes		
3	ELABORAÇÃO DE INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	Elaboração de questionários		
		Validação e ajuste de questionários		
4	COLETA DE DADOS	Aplicação de questionários		
5	ORGANIZAÇÃO DOS DADOS COLETADOS	Análise das respostas		
		Constatações Finais		

Fonte: A autora.

Após questionários serem respondidos, os dados foram analisados de maneira qualitativa. Foram analisados os termos utilizados pelos profissionais para definir etapas e ferramentas. Além disso, foram identificadas Metodologias, etapas e ferramentas apontadas pelos profissionais como sugestão aos estudantes, para que utilizassem no desenvolvimento de seus projetos. Quanto às Situações (propostas na Parte 3), três tabelas foram desenvolvidas para que se pudesse comparar os resultados.

### 3.3 FASE 3 – SISTEMATIZAÇÃO PARA COLETAS INICIAIS

A Fase 3 desta pesquisa tem o objetivo de sistematizar as coletas iniciais de informações do projeto por meio do desenvolvimento de Fichas Orientativas que conduzam o designer neste processo. As etapas que levaram ao desenvolvimento da Fase 3 estão descritas na Figura 19 a seguir:

Figura 19: Etapas e Passos da Fase 3

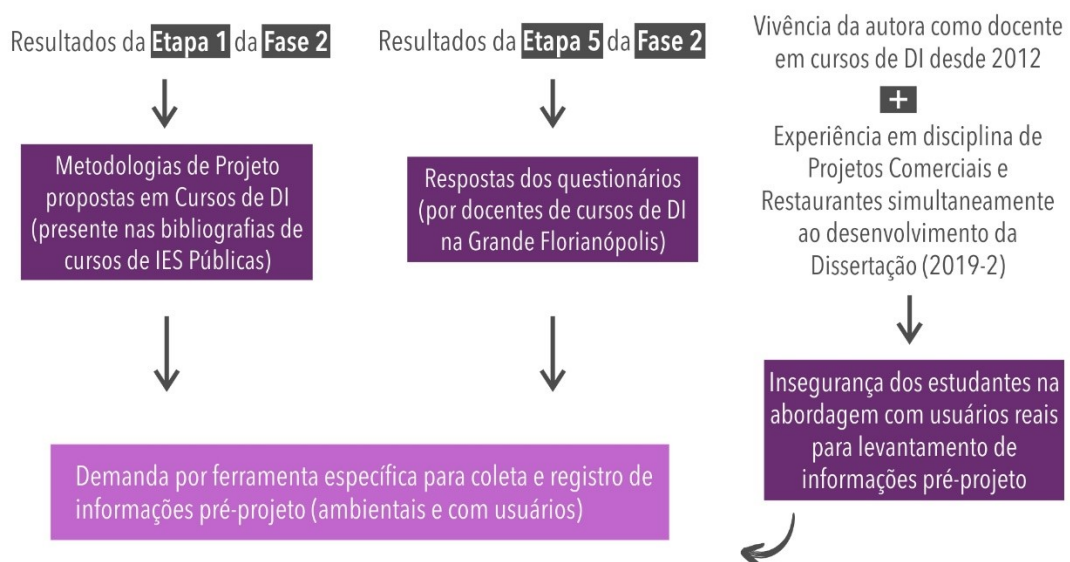
Fase 3 - Contribuição: Sistematização para Coletas Iniciais	Etapas		Passos
	1	BASE - BLOCOS DE REFERÊNCIA (GODP)	Adaptação da linguagem para comunicação com projeto de DI
			Identificação de pontos chave para contribuição na ferramenta
	2	ITENS A SEREM LEVANTADOS NO PRÉ-PROJETO	Revisão sobre a consideração dos autores a respeito de PN e Briefing.
Esquema dos passos do projetista no Pré-Projeto.			
3	DESENHO FINAL FICHAS ORIENTATIVAS	Compatibilização entre Etapas 1 e 2 da Fase 3 (Momentos de Levantamento x Blocos de Referência)	

Fonte: A autora

### 3.3.1 Motivadores para a Fase 3

A fase 3 surgiu a partir de três situações identificadas nas fases anteriores e expressas na Figura 20 apresentada a seguir, evidenciando a demanda por uma sistematização no processo de coleta de informações no momento pré-projeto.

Figura 20: Motivadores para desenvolvimento da Fase 3



Fonte: A autora.

A primeira delas tem relação com o resultado verificado na Etapa 1 da Fase 2, que trouxe as principais metodologias de projeto utilizadas em cursos superiores de DI em IES Públicas do Brasil, mas que no entanto não continham em suas bibliografias sugestões de ferramentas ou protocolos que sistematizassem o levantamento de necessidades junto aos usuários, roteiro para briefing, programa de necessidades ou algum tipo de sistematização para coleta dessas informações. Embora o Programa de Necessidades e o Briefing (alguns autores consideram se tratar da mesma etapa) sejam uma etapa existente dentro das metodologias, não são detalhadas pelos autores sobre os procedimentos utilizados tanto para coleta quanto para registro.

A segunda situação que motivou o desenvolvimento da Fase 3 foi o resultado da aplicação dos questionários, Etapa 5 da Fase 2 que também não apontou o uso de ferramentas que sistematizassem a coleta de informações pré-projeto, sejam elas junto ao usuário ou com relação ao ambiente.

A terceira situação se dá pela vivência da autora. O ensino de disciplinas de projeto de Design de Interiores por parte da autora é atividade presente em quase todos os semestres desde 2012, seja em cursos de nível técnico como superior. Em 2019-2, simultaneamente ao desenvolvimento desta pesquisa, a autora ministrou a disciplina de Projeto de Interiores Comerciais e Restaurantes, presente na quarta fase do Curso Superior de Tecnologia em Design de Interiores de uma Instituição de Ensino Superior presente na Grande Florianópolis. A disciplina faz parte da 4ª fase do Curso, e contou com a participação de 19 alunos. Percebeu-se que a falta de experiências anteriores, no que tange a abordagem de usuários reais para identificação de necessidades e a ausência de sistematização que os auxiliasse na coleta de informações, principalmente junto aos usuários, provocava insegurança para realizar a atividade, incluindo a recusa de alguns estudantes quanto à saída de campo.

### **3.3.2 Fase 3 - Etapa 1**

A Etapa 1 da Fase 3 teve como base os Blocos de Referência, apresentados por Merino (2016) em seu livro *GODP – Guia para Desenvolvimento de Projetos* e tem seus passos descritos na Figura 21:

Figura 21: Passos desenvolvidos na Etapa 1 da Fase 3

Fase 3 - Contribuição: Sistematização para Coletas Iniciais	Etapas		Passos
	1	BASE - BLOCOS DE REFERÊNCIA (GODP)	Adaptação da linguagem para comunicação com projeto de DI
			Identificação de pontos chave para contribuição na ferramenta
	2	ITENS A SEREM LEVANTADOS NO PRÉ-PROJETO	Revisão sobre a consideração dos autores a respeito de PN e Briefing.
Esquema dos passos do projetista no Pré-Projeto.			
3	DESENHO FINAL FICHAS ORIENTATIVAS	Compatibilização entre Etapas 1 e 2 da Fase 3 (Momentos de Levantamento x Blocos de Referência)	

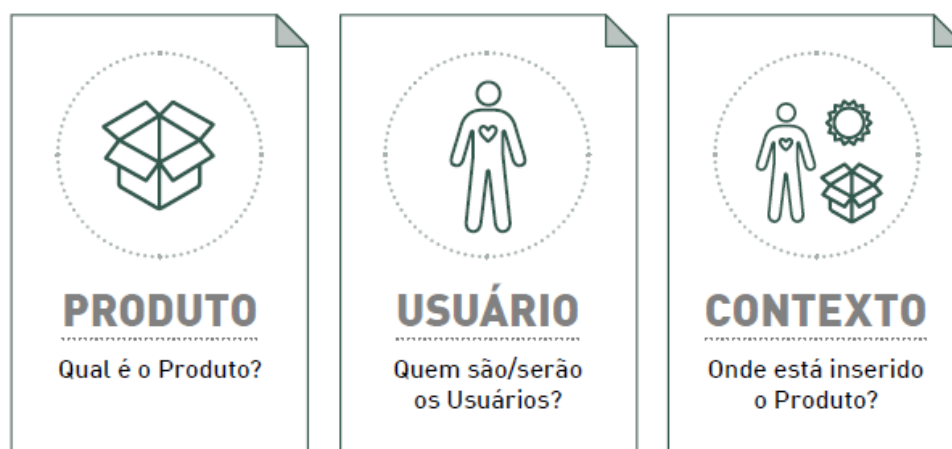
Fonte: A autora.

O GODP tem como objetivo:

“organizar e oferecer uma sequência de ações que permitam com que o Design seja concebido de forma consciente, levando em consideração o maior número de aspectos, e respondendo de forma positiva e consciente aos objetivos fixados para o projeto.” (MERINO, 2016, p.11)

A metodologia de Merino (2016) vai de encontro à proposta desta pesquisa, em especial ao desenvolvimento da Fase 3, que busca priorizar os usuários durante o desenvolvimento de projetos, no caso desta fase por meio da contribuição para uma coleta de informações de qualidade, tanto no que diz respeito às especificidades de cada usuário como com a maneira que se estabelece a relação dele com o ambiente que ocupa. Merino (2014) propõe que o projeto seja iniciado com a definição dos Blocos de Referência, representados abaixo na Figura 22. Na Etapa 1 da Fase 3 a autora revisou-os, explorando seus questionamentos e identificando de que maneira seriam aplicados em uma abordagem para Design de Interiores.

Figura 22: Blocos de Referência do GODP



Fonte: Merino (2016)

Merino destaca, sobre os Blocos de Referência, que durante a prática projetual o designer lida com um desafio que é o grande volume de informações, considerando que projeta-se algo (produto), para alguém (usuário) em algum lugar (contexto). Tudo o que é projetado gera uma experiência, de igual forma a experiência pode ser projetada e também faz parte do Projeto Centrado no Usuário.

Assim, adaptou-se a linguagem apresentada por Merino (2016) nos Blocos de Referência para o contexto de projetos de Design de Interiores, para facilitar a compatibilização entre a Etapa 2 e a Etapa 1 desta fase. Na sequência, identificou-se os pontos chave dos Blocos de Referência que seriam abordados posteriormente no desenho final da ferramenta (Etapa 3).

### 3.3.3 Fase 3 - Etapa 2 e 3

Na Etapa 2, com base no item 2.3 da Fundamentação Teórica, que levantou as questões projetuais que envolvem usuário e ambiente, a autora pontuou os fatores a serem levantados ao iniciar-se um projeto de Design de Interiores, como: ambientes a serem projetados enquanto espaço físico e de uso, características ambientais existentes do local de intervenção, necessidades de todos os usuários, expectativas dos clientes e usuários quanto ao desenvolvimento e resultado do projeto e a relação dos usuários com os ambientes, etc. Para organizar essas informações, uma Tabela foi desenvolvida elencando

as visões dos autores a respeito dos momentos pré-projetos que foram relevantes para o desenvolvimento das Fichas Orientativas. A seguir a Figura 23 apresenta os passos pertencentes à Etapa 3 da Fase 3 desta pesquisa.

Figura 23: Passos desenvolvidos na Etapa 3 da Fase 3

Fase 3 - Contribuição: Sistematização para Coletas Iniciais	Etapas		Passos
	1	BASE - BLOCOS DE REFERÊNCIA (GODP)	Adaptação da linguagem para comunicação com projeto de DI
2	ITENS A SEREM LEVANTADOS NO PRÉ-PROJETO	Revisão sobre a consideração dos autores a respeito de PN e Briefing.	Esquema dos passos do projetista no Pré-Projeto.
3	DESENHO FINAL FICHAS ORIENTATIVAS	Compatibilização entre Etapas 1 e 2 da Fase 3 (Momentos de Levantamento x Blocos de Referência)	

Fonte: A autora.

Portanto, para dar origem à Etapa 3 a autora relacionou as informações descritas nas Etapa 1 (Blocos de Referência) e Etapa 2 (Itens do levantamento de informações pré-projeto) a fim de chegar ao desenho de uma ficha que sistematizasse o processo inicial de coleta de informações, e que fosse de fácil utilização em campo e fácil entendimento posterior, quando o designer processa as informações levantadas para de fato iniciar as etapas de concepção.

#### 4. RESULTADOS

Neste Capítulo serão apresentados os resultados da Fase 2 (Etapa 2 a 5), que refere-se à aplicação dos questionários e da Fase 3, apresentando a sistematização de coletas iniciais proposta por meio de três fichas orientativas.

A Etapa 1 da Fase 2, que refere-se ao Mapeamento de Métodos utilizados na academia, parte fundamental do Levantamento do Panorama de Ensino (Fase 2) teve seus resultados apresentados no item 2.2.1 e 2.2.2, e por isso não estará descrito novamente neste item. Tal conteúdo foi alocado junto à Fundamentação Teórica por ter apresentado

resultados de extrema relevância com relação ao Ensino de Projeto de Design de Interiores, tema apresentado no item 2.2, especialmente com relação aos métodos de Design de Interiores existentes na literatura e utilizadas no âmbito de ensino (técnico e superior), que resultaram em representações gráficas bastante didáticas e informativas quanto a participação do usuário nos processos de projeto propostos pelos autores. A seguir, a Figura 24 traz novamente a síntese desta Etapa (já apresentada no item 3) a fim de auxiliar o leitor neste entendimento.

Figura 24: Passos desenvolvidos na Etapa 1 da Fase 2

Fase 2 - Pesquisa de Campo: Levantamento do Panorama de Ensino	Etapas		Passos	
	1	MAPEAMENTO DE MÉTODOS UTILIZADOS NA ACADEMIA (IES FEDERAIS)	Busca por IES no sistema EMEC	
			Busca por PPC's	
			Busca por ementários e bibliografias	
			Desenhos e análises das bibliografias	
	2	SELEÇÃO DE DOCENTES GRANDE FLORIANÓPOLIS	Busca por IES da região com cursos de DI Levantamento de contato de Docentes	
3	ELABORAÇÃO DE INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	Elaboração de questionários Validação e ajuste de questionários		
4	COLETA DE DADOS	Aplicação de questionários		
5	ORGANIZAÇÃO DOS DADOS COLETADOS	Análise das respostas Constatações Finais		

Fonte: A autora.

#### 4.1 FASE 2 – PESQUISA DE CAMPO: LEVANTAMENTO DO PANORAMA DE ENSINO

Nesta pesquisa, o questionário teve o objetivo de levantar um panorama local quanto às metodologias de projeto que são propostas em sala de aula pelos docentes para se trabalhar nas disciplinas de Projetos de Interiores, seja em cursos de nível técnico ou superior. Conforme apresentado por diversos autores na Fundamentação Teórica desta pesquisa, as disciplinas de projeto nesses cursos costumam ser o cerne central dos cursos, e àquelas nas quais os estudantes colocam em prática conhecimentos teóricos adquiridos em outras disciplinas. Avaliando as matrizes curriculares dos cursos, percebe-se uma média de 5 disciplinas de projeto nos cursos superiores, em contrapartida, em cursos técnicos observa-se uma média de 2.

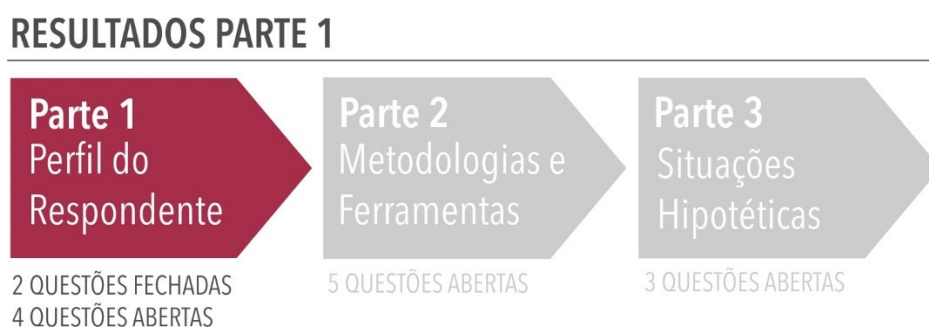


Conforme verificado no item 3.2, inicialmente foi realizada uma busca pelas instituições de ensino presentes na Grande Florianópolis que possuem o curso de Design de Interiores. As instituições foram contatadas a fim de levantar os docentes que ministram disciplinas de projeto. Foram identificados 24 professores titulares dessas disciplinas, alguns deles sendo docentes em mais de uma Instituição. O questionário passou por teste de clareza com 3 profissionais com formação em Design que, após avaliarem, fizeram sugestões de melhoria que incluíam: A retirada da identificação do respondente (que solicitava seu nome); a inserção de uma questão para verificar a idade dos docentes; a inserção de uma questão quanto ao nível de pós-graduação e por fim a inserção de exemplos após as perguntas da Parte 2.

#### 4.1.1 Parte 1 dos Questionários – Perfil do Respondente

A Figura 25 apresentada a seguir relembra o que contempla a Fase 1 da aplicação do questionário, a fim de orientar a leitura de seus resultados.

Figura 25: Posição de apresentação de respostas do questionário (Parte 1)



Fonte: A autora.

As perguntas realizadas na parte 1 do questionário foram:

- Sexo
- Idade
- Formação Acadêmica (Graduação, Instituição e Ano)
- Pós Graduação (caso tivesse, qual o nível e Instituição de formação)
- Nível do curso no qual leciona (Técnico ou Superior)
- Disciplinas de Projeto que ministrou ou ministra

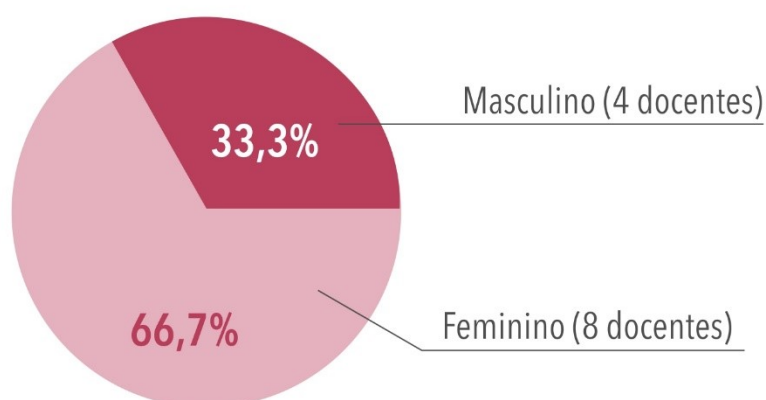
Entendeu-se que identificar a formação acadêmica (graduação e pós graduação) seria uma informação importante, uma vez que o objetivo da coleta e identificar as metodologias propostas em sala de aula. Como afirmam alguns autores (OLIVEIRA, 2016; IWATA, ROCHA E SALEIRO FILHO, 2011; LAWSON,2011), e conforme verificado no item 2.2 deste trabalho, grande parte dos profissionais acaba por repetir em sua trajetória as metodologias aprendidas em suas graduações, e estas costumam diferenciar-se de acordo com a área de formação.

Com relação ao Sexo dos respondentes, de um total de 12 respostas que são consideradas válidas, 8 são do sexo Feminino e 4 do sexo masculino. A seguir a Figura 26 ilustra as porcentagens:

Figura 26: Sexo dos Respondentes - Parte 1 do questionário

SEXO

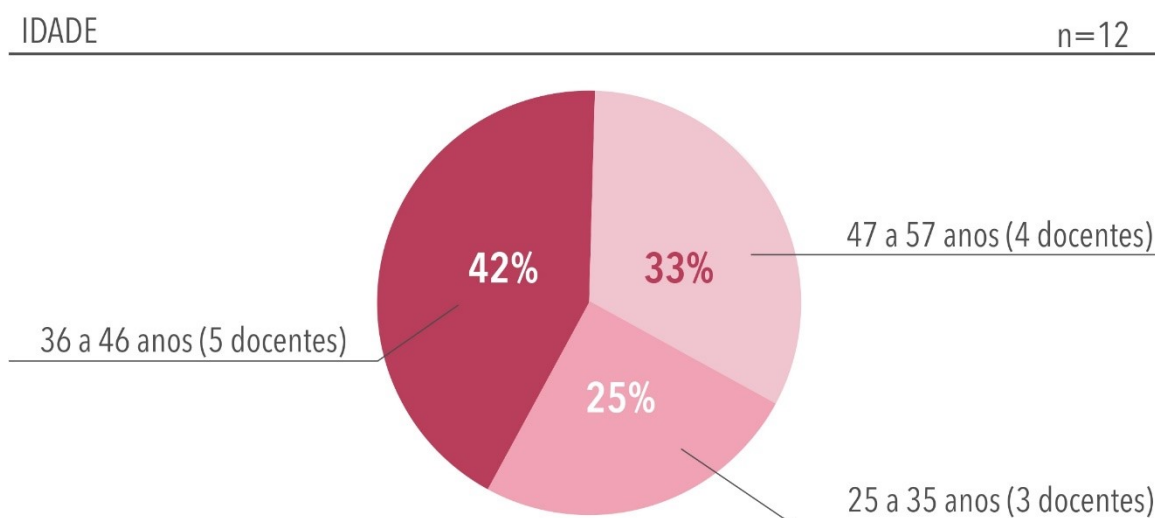
n=12



Fonte: A autora.

Com relação à segunda questão, constata-se que 27,3% dos respondentes possui de 28 a 35 anos; 45,5% possui de 36 a 46 anos e 27,3% de 47 a 57 anos. A seguir a Figura 27 ilustra as porcentagens:

Figura 27: Idade dos Respondentes - Parte 1 do questionário



Fonte: A autora.

Com relação à terceira questão, que visa conhecer a formação de graduação do respondente, identifica-se que 11 respondentes possuem graduação em Arquitetura e Urbanismo, enquanto apenas 1 respondente é formado em Tecnólogo em Design de Interiores. Dentre as Instituições de formação, encontra-se, no curso de Arquitetura e Urbanismo: UFSC (5 respondentes), UNISUL (3 respondentes), Universidade de Franca (1 respondente) UFPEL (1 respondente) e UNIFRA (1 respondente). Os anos de formação vão de 1986 a 2013.

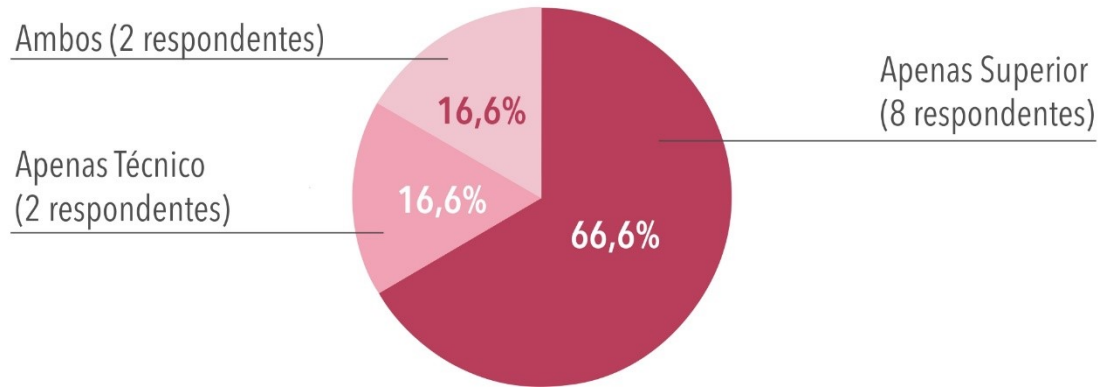
A quarta questão da Parte 1 visou identificar se os respondentes possuíam algum nível de pós graduação, e em caso positivo, qual seria. Nesta questão alguns respondentes registraram mais de uma formação complementar. Identificou-se que 7 dos respondentes possuem Mestrado (todos pela UFSC), 5 respondentes possuem Pós Graduação e 1 respondente possui Doutorado (pela UFSC).

A quinta questão diz respeito ao nível do curso no qual leciona. A Figura 28 apresentada a seguir ilustra os percentuais:

Figura 28: Nível do Curso no qual lecionam - Parte 1 do questionário

NÍVEL NO QUAL LECIONAM

n=12



Fonte: A autora.

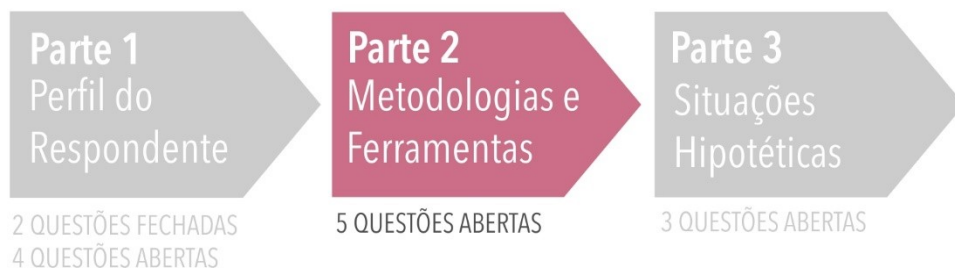
Com relação à quinta pergunta realizada, que visa identificar o tipo de disciplina de projeto a qual ministram, apesar das diferentes nomenclaturas dos cursos, constata-se que as áreas projetuais são: Residencial, Corporativo, Comercial, Restaurantes, Institucional, Efêmeros, Mobiliário, e Serviços.

#### 4.1.2 Parte 2 dos Questionários – Metodologias e Ferramentas

A Figura 29 apresentada a seguir relembra o que contempla a Fase 2 da aplicação do questionário, a fim de orientar a leitura de seus resultados.

Figura 29: Posição de apresentação de respostas do questionário (Parte 2)

### RESULTADOS PARTE 2



Fonte: A autora.



referenciais nas primeiras aulas, que possam servir como estudos de caso, aparece como a prática mais adotada antes de iniciar o processo de projeto. A questão “conceitual” aparece nas descrições como uma abordagem de “fundamentação de projeto”. Identificou-se apenas 4 respondentes que afirmam apresentar as etapas do processo de projeto ou a metodologia de projeto como atividade inicial, ou ponto de partida para a disciplina. Dois dos docentes fizeram contribuições mais completa acerca da questão:

*Contribuição 1: “Apresento uma noção do todo que será trabalhado, sempre de forma que o estudante compreenda a importância do conteúdo para sua formação e atuação como profissional. Dessa forma, o ponto de partida engloba conceitos e definições importantes para a compreensão do objetivo da disciplina e sua conexão com as demais disciplinas e “a realidade” de atuação.”*

*Contribuição 2: “A primeira aula é destinada a expor aos alunos o cronograma e etapas de trabalho, com a intenção de deixá-los cientes de como será o processo projetivo ao total. Após inicia-se o estudo sobre o tema do projeto e na sequência as etapas projetuais propriamente ditas.”*

A segunda questão da Parte 2 compreendeu a seguinte pergunta: **Quais as ETAPAS metodológicas você apresenta aos estudantes como necessárias ao desenvolvimento de projetos de interiores?** Para ilustrar uma síntese das respostas, elaborou-se uma segunda nuvem de palavras, apresentada a seguir na Figura 31:



Destaca-se que alguns respondentes não deram muita atenção à sequência lógica das etapas, citando atividades chaves de forma desconexa, em alguns casos não citando as etapas finais de projeto. Destaca-se, com este perfil, três respostas específicas:

1- *“Leitura Espacial, Detalhamento de Mobiliário, Estudo de Layout.”*

2- *“Levantamento de dados, estudos de caso, visitas técnicas”*

3- *“Briefing; Estudo de caso; Painéis de composição ( semântico, moodboard, materiais etc.); Pesquisa de fatores limitadores ( ergonomia, acessibilidade, normas, cadernos técnicos)...”*

Respostas como essa apontam a necessidade de se reforçar tais conteúdos aos profissionais em formação.

Destaca-se, novamente, uma contribuição mais completa realizada por um dos respondentes:

*“1. COLETA DE DADOS: Contexto da natureza do projeto/Análise do local da intervenção/Registro métrico e fotográfico/Análise produto, marca e perfil de cliente e usuários/Programa de necessidades.*

*2. DEFINIÇÕES CONCEITUAIS: Inspiração e conceito do projeto/Definição da atmosfera e caráter do projeto/Montagem de painel conceitual.*

*3. FASE DE ANTEPROJETO: Desenho da planta para análise de zoneamento e fluxograma/Esboços do processo criativo/Análise das diretrizes legais e normas técnicas/Estudo de caso e pesquisas para criar repertório pessoal/Lançamento da proposta de layout.*

*4. FASE DE DEFINIÇÕES PROJETUAL: Análise e definição do partido geral/Definição do layout geral/Painel projetual/Esboços em perspectivas ou maquete para análise volumétrica/Análise prévia de custos/Definição de revestimentos e materiais de acabamento/Maquetes eletrônicas ou perspectivas dos ambientes finais.*

*5. PROJETOS EXECUTIVOS: Desenvolvimento dos projetos executivos para ambientação geral/Detailamentos para obra: Forro, luminotécnico, pontos elétricos-hidráulicos, a demolir a construir.”*

*6. APRESENTAÇÃO: Montagem de prancha para apresentação/Apresentação final”.*



Outro fator relevante percebido com esta questão é que apenas um respondente citou o “Acompanhamento de uso do ambiente” como sendo a etapa final de projeto, o que corrobora com a pesquisa realizada por Bastos (2015) que enaltece que a APO não costuma ser uma prática de sala de aula em cursos de Design de Interiores.

A terceira questão da Parte 2 do questionário vem ao encontro da questão anterior, e visa identificar quais as ferramentas metodológicas propostas em sala de aula. Para isso, a pergunta realizada foi a seguinte: **“Quais as FERRAMENTAS metodológicas você propõe para que seja possível desenvolver as etapas apresentadas?”**.

Como resposta, obteve-se repetidamente ferramentas como “Desenhos técnicos” e “Croquis”, assim como Painéis Semânticos, que apareceram com diversos nomes (Moodboard, concept board, painéis de referência, painéis semânticos). “Estudos de Caso” também foi uma resposta recorrente, assim como os “Estudos de Layout”, “Setorização” e “Zoneamento”. Termos que aparecem repetidos poucas vezes (no máximo 3) foram: Visitas ao local; Visitas à lojas e “Pesquisas Bibliográficas”. Destaca-se como ferramentas citadas por apenas um respondente: Fluxograma e Organograma; Estudo de Ergonomia; Pinterest; Caderno Técnico; Estudos de Tendências e Feedback.

Dois docentes interpretaram de forma errada a pergunta, e registraram respostas condizentes com as ferramentas utilizadas por eles em sala de aula, e não propostas por eles para uso em projetos, como solicita a pergunta. As respostas foram: “Aulas expositivas e Visitas técnicas” e “Aulas expositivas e dialogadas e Discussões em grupo”.

A quarta questão da Parte 2 do questionário foi a mais objetiva delas. Também de caráter aberto, visou identificar se o docente apresenta alguma metodologia específica para o desenvolvimento de projetos de Design de Interiores, e para que não houvesse distorção de entendimento, um exemplo foi adicionado à pergunta, que ficou da seguinte maneira: ***Você apresenta alguma METODOLOGIA ESPECÍFICA para o desenvolvimento de projetos de interiores? (Por exemplo, algum livro específico que apresente um passo-a-passo do processo projetual, ou a metodologia de algum escritório?)***

Como resposta, três docentes afirmaram utilizar o mesmo processo de projeto utilizado em seu escritório, um deles complementou que utiliza também a experiência de

outros profissionais e livros específicos, mas não citou-os; e outro complementou que utiliza em seu escritório, como referência, a bibliografia de Munari (Das coisas nascem coisas) e de Lawson (Como arquitetos e Designers Pensam). Dois docentes afirmaram não utilizar metodologias específicas. Nesse sentido, um docente respondeu que *“Depende do conteúdo da disciplina, pois há pouca bibliografia com qualidade”*. Um docente respondeu trabalhar metodologias parecidas com o que o mercado de trabalho exige, dando ênfase para o trabalho em equipe exigido em sala de aula, e outro docente afirmou ter desenvolvido o método utilizado na disciplina. Destaca-se uma contribuição que se mostrou bastante completa enquanto resposta:

*“De forma mais consciente entrei em contato com as metodologias no exercício de docência, em que os livros sugeridos como bibliografia, influenciaram particularmente o ‘ensinar’ de forma sistemática e didática. Destaco as autoras Miriam Gurgel e Jenny Gibbs no aspecto passo-a-passo. Contudo, o mestrado veio a contribuir para a compreensão no campo teórico, em especial dos tópicos relacionados à Psicologia Ambiental, APO e MEAC. Ressalto ainda a influência da pesquisa da colega Marlise Noebauer, cujo tema de dissertação abordou “A voz do usuário: métodos para processos participativos de projeto em arquitetura e urbanismo”. Contudo, esse conhecimento conecta-se às experiências projetuais - ao longo da própria graduação, dos escritórios em que trabalhei enquanto estagiária, e, as diferentes oportunidades de parceria com colegas de profissão.”*

A última pergunta da Parte 2 do questionário faz alusão a como foram adquiridos os conhecimentos acerca dos procedimentos metodológicos utilizados em projetos de Design de Interiores. O questionamento foi elaborado da seguinte maneira: ***“Como foram adquiridos os seus conhecimentos acerca dos procedimentos metodológicos a serem adotados no desenvolvimento de projetos de Design de Interiores? (Por exemplo: aprendeu na prática; foi a mesma utilizada na sua graduação; aperfeiçoou com os anos; aprendeu com profissionais com os quais trabalhou; etc)”***.

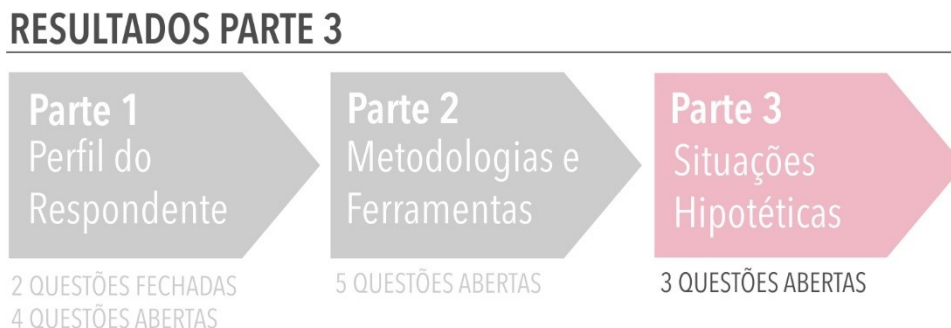
Como resposta a Experiência e a Prática Profissional aparecem como a fonte mais citada, seguido por Graduação e Pós Graduação. Alguns profissionais citaram os escritórios e os profissionais com os quais trabalharam como as referências de métodos projetuais utilizados, e o meio menos citado foram as pesquisas. Um respondente afirmou

ter trabalhado como profissional de Design de Interiores autodidata por 20 anos, sem ter formação, e que com a vida acadêmica e a interação com outros profissionais foi possível aprimorar-se. Uma das respostas destacou-se por apresentar uma reflexão detalhada acerca do tema: *“A través de uma união de formas, houve pesquisas sobre o assunto de abordagem metodológica para disciplinas de projetos somado ao conhecimento prático da área de projeto de interiores e claro, tudo sendo aperfeiçoado semestre após semestre, ajustando e melhorando pontos frágeis da metodologia, sem contar a necessidade de ajustes para cada turma com a qual se está trabalhando no momento. Portanto, é possível englobar o aperfeiçoamento com os anos.”*

#### 4.1.3 Parte 3 dos Questionários – Situações Hipotéticas

A Figura 32 apresentada a seguir relembra o que contempla a Fase 3 da aplicação do questionário, a fim de orientar a leitura de seus resultados.

Figura 32: Posição de apresentação de respostas do questionário (Parte 3)



Fonte: A autora.

A Parte 3 do questionário propôs situações hipotéticas de atuação para professores em disciplinas de projeto. A intenção foi identificar os procedimentos utilizados nas disciplinas para coletar informações, seja junto aos clientes, usuários e com relação ao espaço. Ressalta-se aqui que trata-se de três perguntas, novamente de caráter aberto, uma vez que os termos utilizados para descrever são importantes nesta coleta e perguntas objetivas poderiam comprometer a veracidade das informações. No caso destas questões, optou-se por desenhar uma tabela com as respostas, a fim de avaliá-las uma a uma, tendo em vista o caráter individual de cada conduta frente às situações expostas.

A Primeira situação apresentada aos docentes foi a seguinte:

***“Situação 1: Você ministra a disciplina de projeto de interiores comerciais, na qual os estudantes tem como objetivo o desenvolvimento do projeto de uma loja de calçados. Como você sugere que sejam coletadas as informações que darão subsídio ao programa de necessidades?”***. A seguir a Tabela 4 apresenta as respostas obtidas.

Tabela 4: Apresentação das respostas obtidas com a Situação 1

Situação 1: Projeto Comercial	
Docente 1	Através das atividades pertinentes a etapa Informacional: briefing, levantamento de dados, pesquisa temática entre outras ações inerentes ao tema.
Docente 2	Estudo de caso de lojas de sapato, pesquisa na internet como são lojas de sapato pelo mundo, e estudar e conhecer sapatos, tipos e marcas .
Docente 3	Estudo de caso. Dois no mínimo, sendo pelo menos um deles funcional. Ou seja, in loco.
Docente 4	Pesquisa de referências e conversa com o proprietário do empreendimento.
Docente 5	Estudo dos produtos a serem comercializados e do público alvo.
Docente 6	Pesquisa temática
Docente 7	Entrevista com Público Alvo. Estudo de Caso. Entrevista com outros profissionais.
Docente 8	Estudo de antecedentes ( projetos de referência) + APO ( pesquisas acadêmicas com metodologia de avaliação pós- ocupação de ambientes afins) + Visitas em lojas do gênero + Entrevista com usuários do espaço ( trabalhadores e clientes) + Pesquisa em normas e livros.
Docente 9	Estudo da marca: histórico do produto/qual localidade da loja e que tipo de cliente tem este produto/se é reforma observar com funciona o dia a dia da loja para identificar possíveis aspectos relevantes não captados na entrevista/entrevista com proprietário para captar os desejos e necessidades/Montagem da lista do programa de necessidades com aprovação do cliente/
Docente 10	Visita a locais com programas semelhantes e experiência como usuários.
Docente 11	Após entender a situação problema do projeto (onde será implantado, público alvo, etc.) é importante instigar a realização de visitas in loco em lojas próximas a realidade apresentada, entrevista com vendedores e principalmente com o público consumidor, e estudo de casos diversos de fora da cidade ou país, com a intenção de aumentar o repertório do alunos sobre o assunto e a busca de diferenciais para o projeto.
Docente 12	Briefing e Estudo de Caso. Levantamento no local.

Fonte: A autora.

Percebe-se que, em geral, o estudo de caso, pesquisa temática e projetos de referência aparecem como uma das fontes de informação mais utilizada pelos profissionais. Analisando a Resposta 1, o docente evidenciou as atividades pertencentes à etapa de

Informacional, que são citadas de forma organizada e sequencial, mas não cita os procedimentos utilizados para o levantamento de dados, briefing e demais definições, ficando vaga a resposta de *como* sugere a busca pelas informações. Pode-se afirmar o mesmo quanto à Resposta de número 12, na qual “Briefing” e “Levantamento no local” podem ser consideradas atividades, no entanto o procedimento utilizado para tal não está claro. Com relação aos procedimentos, Best (2012) afirma que os procedimentos são um conjunto de instruções estabelecidos para padronizar uma linha específica de ação, a fim de levar a cabo uma atividade ou tarefa.(p.32). As Respostas 2, 3 e 6 abordam o estudo de caso, de projetos similares ou da temática de projeto como sendo a fonte principal na busca pelas informações. Cita-se ainda que a busca poderá ser digital ou in loco.

As respostas de número 5 e 7 citam a entrevista com o Público-Alvo da loja, o que aproxima o estudante da abordagem existente no mercado de trabalho, na qual torna-se necessário conhecer os usuários do espaço a ser projetado (nesta situação, a loja de calçados), para então projetar pensando em suas necessidades. Além disso, a resposta número 7 cita a “entrevista com outros profissionais”. O que não fica claro, neste caso, a qual profissional o docente refere-se: profissional de projeto de interiores, profissionais que trabalham na loja, fornecedores, etc. A Resposta de número 10, embora seja bastante simples, cita a busca por espaços com “programas (de necessidades, conforme expresso na descrição da situação) semelhantes” e “experiência com o usuário”. A simples utilização do termo usuário já engloba uma série de pessoas, que podem ser proprietário, clientes da loja (público-alvo), funcionários, profissionais de limpeza, fornecedores de produtos, entre outros. A busca por espaços que contemplem “programas semelhantes” e “experiência com o usuário semelhantes” coloca o estudante em um contexto próximo do real, uma vez que exercerá sua habilidade para identificar necessidades em um espaço já planejado e executado, entrando em contato com *stakeholders* reais. A Resposta de número 4 cita a “entrevista com o cliente”, que muitas vezes não é possível em um contexto acadêmico, mas que quando possível é extremamente instigador para o estudante. Lawson (2011) aponta que, ainda que o docente consiga reproduzir em sala de aula boa parte do mundo profissional, em geral não há clientes com problemas reais, dúvidas, orçamentos e

restrições de prazo (p.19). As respostas de número 8, 9 e 11 trazem uma contribuição mais completa acerca da conduta frente à situação apresentada.

A Resposta 8 apresenta diversas abordagens condizentes com a realidade, e apresenta ao estudante a importância da consulta de usuários: O estudo de antecedentes faz com que o estudante visualize espaços similares (no uso) ao que pretende projetar e com isso analisa-o; A sugestão do uso de APO faz com que o estudante se aproprie de estudos aprofundados e sistematizados já existentes, trazendo problemas e soluções evidenciadas para o projetista, assim como a descrição da relação usuário-ambiente; as Visitas em lojas do gênero também colocam o usuário frente a uma situação não só real, mas cotidiana do profissional projetista; a entrevista com usuários do espaço, -por si só, já carregam consigo um leque valioso de informações para o programa de necessidades; por fim, a pesquisa por normas e livros faz com que o estudante compreenda a aplicação de todas as técnicas de pesquisa utilizadas na academia para a prática projetual.

A Resposta 9 traz uma abordagem bastante completa no que diz respeito às habilidades do profissional designer (não só de interiores, mas o próprio designer gestor). O docente aponta em sua resposta, o estudo da marca como um ponto fundamental de fonte de informações. Martins e Merino (2011) afirmam que o Design é uma ferramenta competitiva e estratégica pois atua no fortalecimento de uma marca, agregando a ela qualidade e valor, concretizando sua identidade. Projetar uma loja sem conhecer a marca profundamente é correr o risco de comprometer sua imagem por meio da inserção de elementos estéticos e funcionais incoerente com seus valores e com o perfil do seu público-alvo. O docente especifica, em sua resposta, que no caso de um projeto de reforma o estudante deve observar o funcionamento da loja para “identificar possíveis aspectos relevantes não captados na entrevista”. Esta afirmação contempla o desenvolvimento de uma habilidade muito importante ao profissional designer de interiores, que é a de observar a relação usuário-ambiente e identificar necessidades não apontadas pelos clientes ou usuários. Nesse sentido Elali (2009) cita Kano (1993) quando fala sobre as necessidades verbalizadas e não verbalizadas, e relaciona a qualidade do projeto à especificação dos requisitos Esperados, Explícitos e Inesperados, onde os Esperados e Explícitos geralmente são óbvios e deverão ser contemplados por terem sido ou verbalizados pelo cliente (no caso

dos Explícitos) ou por serem características básicas da tipologia do projeto. Nesse caso, o autor cita os “Inesperados” como algo que surpreende o cliente e “ cuja presença induz ao encantamento, justamente por atender necessidades além do patamar esperado aumentando a satisfação do cliente”. (p. 84) Assim, desenvolver no estudante um olhar analítico para o projeto e para as relações que se estabelecem neste processo é um dos fatores que o prepara para a prática de projetos reais. O docente destaca, por fim a entrevista com o cliente e a aprovação do programa de necessidades após finalizado. A importância de inserir no contexto educacional a etapa de “aprovação” do plano de necessidades também coloca o estudante próximo da atividade projetual real, uma vez que, se omitida esta fase, problemas de uso, execução e retrabalhos em etapas já desenvolvidas podem vir a ocorrer.

A Resposta de número 11, por fim, traz a recomendação de visitas à lojas que apresentem um contexto similar à que está sendo projetada contemplando entrevista com os usuários (nas palavras do respondente, vendedores e público consumidor), além de sugerir a busca por estudos de caso locais e não locais como meio de aumentar o repertório projetual a respeito da temática projetual e na busca por diferenciação.

A Situação 2 presente no questionário apresenta um contexto de Projeto Residencial, e tem o mesmo objetivo da Situação anterior, e está elaborada da seguinte maneira:

***Situação 2: Você ministra a disciplina de projeto de interiores residencial, na qual os estudantes tem como objetivo o desenvolvimento do projeto de uma residência cujos moradores são "um casal com um filho de 6 anos". Como você sugere que os estudantes busquem as informações que darão subsídio ao programa de necessidades?***

A seguir a Tabela 5 expressa as respostas coletadas de forma individual:



Tabela 5: Apresentação das respostas obtidas com a Situação 2

Situação 2: Projeto Residencial	
Resposta 1	Através das atividades pertinentes a etapa Informacional: briefing, levantamento de dados, pesquisa temática entre outras ações inerentes ao tema.
Resposta 2	Entrevista com cliente real ou que tenha a mesma configuração de família.
Resposta 3	Estudo de caso funcional in loco. Eles devem entrevistar uma Família similar
Resposta 4	Conversa com a família toda, inclusive com o filho presente e dando sugestões sobre os ambientes que o afetarão diretamente.
Resposta 5	Entrevista com toda família de clientes.
Resposta 6	Entrevista com os clientes.
Resposta 7	Elabore briefing fictício com especificidades para cada componente da família. Destas especificidades fazem com que os alunos necessitem realizar pesquisas sobre cada indivíduo. Exemplo: Filho Cadeirante - Estudo sobre acessibilidade.
Resposta 8	Estudo de antecedentes ( projetos de referência) + APO ( pesquisas acadêmicas com metodologia de avaliação pós- ocupação de ambientes afins) Entrevista com clientes " reais" + Pesquisa em normas e livros
Resposta 9	Abordagem através de entrevista com o casal com a criança junto/Perceber a interação entre eles quais os aspectos relevantes de cada um/Quem decide entre eles?/Visitação no local da intervenção para apresentação e confirmação da listagem prévia do programa de necessidades.
Resposta 10	Estabelecer perfil da família (atividades e hobbies)
Resposta 11	Um briefing bem realizado e completo, preferencialmente e importante a presença da criança para compreensão sobre o seu comportamento e seus gostos. No briefing utilizar perguntas sobre anseios, desejos, gostos, segurança, alergias, etc. Pesquisa sobre itens importantes para as necessidades da família.
Resposta 12	Peço para que busquem clientes com perfil similar ao fornecido (ou parecidos) para realizar a entrevista.

Fonte: A autora.

Analisando a Resposta 1, traz a mesma contribuição da situação anterior, na qual as etapas do processo são descritas, porém não os procedimentos utilizados. Nas Respostas 2, 3, 8 e 12 os respondentes sugerem a abordagem com clientes de perfil similar ao estabelecido, para que se aproxime ao máximo de situações reais de projeto. Nas respostas de número 4, 5, 6, 9 e 11 os respondentes citam sua visão com relação à conduta

que profissionais de projeto devem ter frente a tal situação, mas não cita como os estudantes devem buscar estas informações. Assim, mesmo que o docente evidencie em sala de aula como se dá a conduta profissional em um contexto real, se o estudante não experienciar a construção do programa de necessidades (incluindo abordagem com usuários, observação de uso, etc), não terá este processo assimilado em seu aprendizado. Ainda assim, as respostas 9 e 11 trazem procedimentos que consideram o usuário de forma significativa. No caso da resposta 9 o docente aponta a entrevista e a observação como a ferramenta para busca de informações junto aos usuários, citando inclusive o fator “interação entre eles”. Nesta mesma resposta o docente ressalta a importância de validar o programa de necessidades junto aos usuários, etapa que, como citada anteriormente, é fundamental para o sucesso do projeto.

A resposta de número 11 aponta a realização de um “briefing bem realizado e completo”, mas assim como a Resposta 1, não sugere procedimentos para que se alcance esta qualidade documental. O respondente afirma que a presença da criança (e portanto não apenas os clientes) e a observação com relação ao seu comportamento e gostos são importantes para a concretização do programa de necessidades, assim como o levantamento de itens mais específicos, como “anseios, desejos, gostos, segurança, alergias, etc”.

A resposta de número 8, assim como na situação anterior, traz o estudo de antecedentes, a APO, a entrevista com os clientes similares ao perfil proposto e a pesquisa de normas, levando em consideração o usuário nos procedimentos sugeridos e fazendo alusão à importância da pesquisa bibliográfica no contexto projetual.

A Resposta de número 7 traz a ideia de um briefing ser entregue pronto aos estudantes, apresentando as necessidades específicas de cada integrante. Assim, o respondente afirma que resta aos alunos pesquisar sobre os perfis de cada indivíduo, para então darem início às etapas de criação.

A Resposta número 10, sugere de maneira sucinta que os estudantes estabeleçam o perfil da família, incluindo suas atividades e hobbies. Dessa forma, entende-se que o estudante irá partir do seu repertório pessoal de estereótipos e configurações de perfis. Sobre este assunto, Lawson (2011) aponta que é uma dificuldade do estudante conseguir desenvolver processos que lhes coloque em contato com outras partes

interessadas, e por conta disso acabam desenvolvendo os projetos de que visam principalmente “satisfazer a si mesmos e, talvez, aos professores”. O autor aponta que assim, este método de ensino (denominado por ele como estúdio didático) acaba por distanciar-se das necessidades do mundo real, sendo um lugar fantasioso e distante do mundo onde os alunos deverão trabalhar quando se formarem (p.19).

Compondo a última questão da Parte 3 do questionário, a Situação 3 traz um contexto projetual de espaços institucionais, que como as duas situações anteriores, visam identificar de que maneira sugere-se a busca por informações que costumam subsidiar o projeto. Assim, a situação foi descrita da seguinte maneira:

***Situação 3: Você ministra a disciplina de Projeto de Interiores Institucional, na qual os estudantes tem como objetivo o desenvolvimento de um Centro Geriátrico, mais conhecido como "casa de repouso para idosos". Como você sugere que os estudantes busquem as informações que darão subsídio ao programa de necessidades?***

Tabela 6: Apresentação das respostas obtidas com a Situação 3

Situação 3: Projeto Institucional	
Resposta 1	Através das atividades pertinentes a etapa Informacional: briefing, levantamento de dados, pesquisa temática entre outras ações inerentes ao tema.
Resposta 2	Visita em locais da mesma área, consulta de NBR para esse tipo de uso, estudar as necessidades especiais dos idosos e conversar com agentes de saúde que atendam este público, como também com os próprios idosos para saber suas reais necessidades.
Resposta 3	Estudo de caso funcional, in loco e outro estudo de caso de um projeto desenvolvido no exterior.
Resposta 4	Visita ao local para entender o dia a dia. Conversar com os responsáveis e, principalmente, com os idosos.
Resposta 5	Observação do cotidiano de uma casa de repouso, entrevistas com os profissionais envolvidos e conhecimento das limitações físicas dos usuários, bem como todas as atividades a serem desenvolvidas nos ambientes. Consulta às normas técnicas.
Resposta 6	Pesquisa temática e estudos de caso.
Resposta 7	Estudos de caso com entrevista a funcionários de uma ILPI e também com idosos, Estudos sobre acessibilidade e psicologia ambiental.
Resposta 8	Estudo de antecedentes ( projetos de referência) + APO ( pesquisas acadêmicas com metodologia de avaliação pós- ocupação de ambientes afins) + Visitas em ambientes semelhantes ou voltados para público-alvo + Entrevista com usuários do espaço ( trabalhadores, idosos e seus familiares) + Pesquisa em normas e livros .
Resposta 9	Entrevista com proprietário ou gestor do local/Qual o objeto central do projeto/Localização x espaço físico/Pesquisa de campo: vivenciando o dia a dia dos idosos/Abordagem sob forma de pesquisa qualitativa sobre os aspectos que poderiam contribuir na qualidade de vida e bem estar dos idosos/pesquisa sobre o tema através de sites e casos/ Observar medidas e normatizações da arquitetura inclusiva e desenho universal.
Resposta 10	Estudos de caso e visita a locais com programa semelhante.
Resposta 11	Busca por locais com o mesmo uso para conhecimento das necessidades a partir de visitas in loco, pesquisas técnicas a respeito das necessidades, cuidados, fragilidades, ergonomia e segurança para pessoas idosas, mas sem esquecer da ergonomia e segurança também para as pessoas que trabalham no centro geriátrico. Pesquisas de repertório e estudos de casos já existentes a fim de entender pontos positivos e negativos de cada caso, o que irá gerar tópicos a adotar ou melhorar no projeto a ser desenvolvido.
Resposta 12	Busca de estabelecimentos com uso similar para observação e consulta com usuários.

Fonte: A autora.

Analisando a Resposta 01, assim como nas Situações 1 e 2 apresentadas anteriormente, não contribui a nível de procedimentos a serem adotados pelos estudantes.

As respostas 2, 5, 7, 8, 10, 11 e 12 propõem a visita a locais de uso similar para verificação de necessidades. Algumas respostas, como a 2, 7 e 12 sugerem a pesquisa com os usuários, incluindo profissionais do espaço e os idosos.

A Resposta número 5 sugere a ferramenta de observação do cotidiano da casa de repouso, mas aponta que a entrevista deverá ser feita com os profissionais do local para identificar as limitações (físicas) e as atividades realizadas no local. Aponta também a busca pelas normas técnicas que possam dar suporte ao projeto. Nesta resposta não há referência à abordagem com os idosos (público-alvo e usuários principais do espaço), e não faz alusão ao levantamento das necessidades mais subjetivas, como as questões cognitivas ou psicológicas, atentando-se mais às questões técnicas e funcionais. A resposta 7 aponta como ferramenta para busca de informações: estudos de caso que contenham entrevista com idosos e com funcionários de uma ILPI (Instituição de Longa Permanência do Idoso) além de “estudos” sobre psicologia ambiental (questões subjetivas) e sobre acessibilidade (questões técnicas). Embora seja uma resposta sucinta, reflete um panorama bastante vivenciado no contexto acadêmico: a busca por informações por meio de pesquisas e estudos de caso. No entanto, a abordagem proposta pelo respondente especifica que o estudo deve conter informações com relação aos usuários idosos, funcionários e suas necessidades. Da mesma maneira, a resposta de número 8 traz, novamente, a busca por estudos de APO analisando espaços de uso similar, assim como Estudo de Antecedentes. O respondente complementa sugerindo a visita em espaços similares ou com o mesmo público, para que seja possível entrevistar todos os usuários envolvidos no espaço.

As respostas 3 e 6 não aprofundam-se sobre as formas de busca por informações com relação aos usuários, apenas apontam pesquisas e estudos de caso como fontes de informação. A resposta 3 sugere três estudos de caso a serem realizados: um denominado pelo respondente como “funcional”, outro “in loco (não especifica-se onde exatamente) e outro definido como “desenvolvido no exterior”. Os procedimentos utilizados para a busca de necessidades especificamente não são apontados.

A resposta 2 sugere pesquisas para estudo de normas e necessidades, somado à visitas a locais similares e a busca de informações com relação aos usuários realizada com profissionais ligados à área e com o próprio público - os idosos.

Por fim, a resposta 9 especifica o que deve ser avaliado pelo profissional frente à situação apresentada, mas não sugere de que maneira os estudantes devem fazer esta busca. No entanto, os procedimentos aparecem de maneira bastante completa, sugerindo a abordagem com o usuário por meio de entrevista com o cliente ou gestor do local (quando houver contato com estes em projetos acadêmicos) e por meio da pesquisa de campo em locais similares a fim de coletar informações qualitativas com relação aos idosos, apontando o projeto a ser desenvolvido como promotor de qualidade de vida e de bem estar para o público. Ainda, a resposta 9 traz a pesquisa como ferramenta de busca com relação às questões técnicas (normatização) e ao desenho universal, além de estudos de caso sobre o tema como fatores complementares ao processo.

O problema na interpretação da questão é uma das desvantagens apontadas por Lakatos e Marconi (2003) com relação ao questionário: A impossibilidade de ajudar o informante em questões mal compreendidas.

## 4.2 FASE 3 - SISTEMATIZAÇÃO PARA COLETAS INICIAIS

Diversos foram os motivadores para o desenvolvimento da Fase 3, conforme exposto no item 3.3.1. Entende-se que uma sistematização que auxilie o estudante de cursos de Design de Interiores a coletar informações ambientais junto ao usuário dos seus projetos atuará como um motivador, incentivando-o a incorporar esta prática durante toda sua atuação profissional. Conforme expresso no item 2.3, as relações estabelecidas entre usuário e ambiente interferem diretamente na qualidade de vida, na satisfação e nos aspectos psicológicos de suas vidas.

Para o desenvolvimento desta sistematização, tomou-se como base dois fatores principais: Os Blocos de Referência, da metodologia de Giselle Merino (2014), e os itens ambientais a serem levantados ao iniciar-se um projeto de Design de Interiores.

### 4.2.1 Etapa 1 – Base: Blocos de Referência (GODP)

Conforme Figura 20 (pág 82), que apresenta os motivadores para o desenvolvimento da Fase 3 desta pesquisa, o ensino de disciplinas de Projeto de Design de Interiores foi atividade desenvolvida desde 2012 pela autora. Em especial em 2019,

simultaneamente ao desenvolvimento desta pesquisa, a disciplina de Projeto de Interiores Comerciais e Restaurantes foi ministrada em IES localizada na cidade de Palhoça, presente na Grande Florianópolis - SC. Como metodologia de projeto adotada, a autora desta pesquisa e docente da disciplina optou por utilizar o GODP – Guia de Orientação para Desenvolvimento de Projetos, de autoria de Giselle Merino. Para contextualização para projetos da área de Design de Interiores, a nomenclatura e orientação básica dos Blocos de Referência foram alteradas, conforme Figura 33 abaixo:

Figura 33: Ajuste dos Blocos de Referência, propostos por Merino (2016), para a disciplina de Design de Interiores.



Fonte: Adaptado de GODP (Guia de Orientação para Desenvolvimento de Projetos, de MERINO (2016).

Como pode-se perceber, o nome dos Blocos de Referência não foram ajustados, para que não se perdesse a referência original, tendo em vista que a autora ressalta que

termo “Produto” refere-se ao produto final que se está projetando, seja ele uma imagem gráfica, um serviço ou um ambiente.

**Bloco Produto:** Embora trate do produto final a ser entregue, em projetos de Design de Interiores a edificação já está concebida estando já em uso ou tratando-se de uma construção nova. Para o desenvolvimento da Ficha orientativa referente a este bloco, se tratará portanto, como produto o objeto existente (ambiente construído) que receberá a intervenção do Designer e demais stakeholders envolvidos no Projeto de Interiores.

**Bloco Usuário:** Entende-se que em projeto de Interiores que envolvam a intervenção em mais de um ambiente é importante mapear, além dos usuários dos mesmos, o grau de interação de cada usuário com cada ambiente. Conforme verificado nas bibliografias da Etapa 1 – Fase 2, nota-se que em sua grande maioria, os projetistas entram em contato com os clientes contratantes do projeto, que por sua vez descrevem quem utilizará cada ambiente, e sob sua perspectiva, como se dará o uso. Esta sistematização propõe uma abordagem com foco no usuário e, portanto, na qual todos os usuários dos ambientes deverão ser ouvidos. O GODP resgata o ato de “Ouvir” abordado no HCD, da IDEO, e o incorpora em sua metodologia como o momento para “examinar as necessidades, desejos e comportamentos das pessoas”, e da mesma maneira, este recorte será aplicado no desenvolvimento desta ferramenta.

**Bloco Contexto:** O último bloco de referências faz alusão às relações, tão abordadas no Capítulo 1 desta pesquisa: As relações ambientais, físicas e sociais. Os registros dos dois blocos anteriores deverão fornecer subsídios para complementar o terceiro bloco. Assim, entende-se a Ficha Orientativa relativa a este bloco como um espaço para constatações finais, entendendo contexto como uma perspectiva ampliada do projeto, incluindo as relações ali estabelecidas entre pessoas e ambiente, o cruzamento de informações dos blocos anteriores e ao final a definição de requisitos de projeto. Fazendo uma analogia com o Programa de Necessidades, abordado no item 2.3.3 desta pesquisa, pode-se dizer que a última parte desta sistematização, a Ficha Orientativa referente ao Bloco Contexto, atuará de maneira similar ao PN, com informações completas a respeito das constatações referentes a espaço físico, usuários e a relação entre eles.



#### **4.2.2 Etapa 2 – Fatores a serem levantados no Pré-Projeto**

Denominou-se “fatores a serem levantados no Pré-Projeto” todos os fatores a serem registrados, mensurados e identificados in loco ao iniciar-se um projeto, sejam eles físicos, sociais, ambientais e de uso pelas pessoas. Assim, para o desenvolvimento das Fichas Orientativas utilizou-se como ancoragem 3 ações principais a serem vinculadas aos blocos de referência: Observar, Ouvir e Registrar.

Conforme o item 2.3.3, alguns autores determinam que tais itens fazem parte do Programa de Necessidades, enquanto outros afirmam ser uma fase anterior. Durante o desenvolvimento da Etapa 2 da Fase 1, que mapeou as metodologias utilizadas em IES de Cursos Superiores em Design de Interiores foi possível identificar quais são estes itens, identificados de diferentes maneiras por cada autor. Para ilustrar essa revisão de autores e itens apontados, a Tabela 7 abaixo foi elaborada.

Tabela 7: Autores e sua consideração sobre o Programa de Necessidades e/ou Briefing.

Fonte	Momento	Fatores a serem levantados
NBR 13.532	PN	Características funcionais ou das atividades em cada ambiente; Dimensões e serviços dos equipamentos e mobiliário; Exigências ambientais, níveis de desempenho, instalações especiais.
Voordt e Wegen (2013)	PN e B	Registro de necessidades, desejos e condições limitantes do processo de construção; Registro minucioso das exigências dos clientes e usuários; Objetivos do cliente em termos de utilidade, função, qualidade, tempo e custo.
Best (2012)	B	Registro de necessidades, desejos e condições limitantes do processo de construção, registro minucioso das exigências dos clientes e usuários. o resultado do projeto não precisa ser conhecido inicialmente, no entanto dependendo da natureza do projeto, o briefing será mais ou menos específico.
Phillips (2007)	B	Deve ser um documento escrito; Briefing é diferente de Proposta de Projeto; Contém informações específicas e estratégicas; Deve expressar detalhadamente o que se deseja e porquê. Não há fórmula padronizada, o briefing molda-se ao tipo de projeto; Em casos onde haja muitos envolvidos, o autor estabelece os "níveis de participantes", onde todos os stakeholders deverão ser envolvidos e levados em consideração.
Moreira e Kowaltovski (2009)	PN	Sintético e exposto por meio de quadros e diagramas; Deve conter informações advindas de APO, literatura especializada, recomendações técnicas, consulta aos usuários e análise de projetos afins.
Gibbs (2010)	PN e B	Utilização de questionários a fim de identificar e registrar as informações com relação aos anseios do cliente; Recomenda "consultar os demais moradores da casa sobre eventuais necessidades específicas". Pode ser realizado por e-mail.
Higgins (2015)	PN	Conhecer as atividades envolvidas e garantir que estejam distribuídas de modo apropriado a fim de facilitar o uso particular; Para cada possível solução, uma experiência diferente será proporcionada ao usuário.
Abreviações:	PN= Programa de Necessidades	B = Briefing

Fonte: A autora com base na Fundamentação Teórica (Fase 1).

Embora a APO e o PN, abordados no item 2.3.3, sejam temas já bastante discutidos academicamente, conforme Bastos (2015) traz em sua dissertação, pouco se trabalha detalhadamente ambas as técnicas em cursos de formação em Design de Interiores. Da mesma maneira, o Programa de Necessidades já é uma ferramenta (conforme visto em 2.2.3 e 3.2.5 por alguns profissionais e autores considerado uma Etapa) recorrente nesse tipo de projeto, no entanto, não há modelos comumente propostos para registro das mesmas, que possam sistematizar e correlacionar com a etapa anterior, de contato com os usuários (segundo constatação da Fase 1 e 2 desta pesquisa). Alguns autores apontam Entrevista e Questionários como ferramentas para coletas de informação junto ao usuário,

porém, o Programa de Necessidades em si ganha forma em seguida, após a coleta de informações já ter sido realizada e, portanto, as necessidades já terem sido estabelecidas. Quanto ao levantamento de informações ambientais (questões técnicas, formais, físicas, etc) também não se sugere um roteiro ou padronização que estabeleça *o quê* e *como* devem ser realizadas conforme verificado nas bibliografias apontadas na Etapa 1 da Fase 2.

A APO traz técnicas para observação do ambiente como o próprio nome diz, “pós ocupação”, e sugere-se que seja realizada após o término de um projeto para levantamento de possíveis necessidades pendentes e melhoria do mesmo. Embora muitos autores apontem a APO como ferramenta para subsídio de projetos novos, ela não apresenta um modelo de coleta de informações iniciais in loco e com usuários.

Em geral, exceto pela descrição das técnicas de APO, os autores não especificam de que maneira o levantamento pré-projeto deve ser realizado, não detalhando quais os itens a serem verificados, como fazer a verificação e a ordem que deve ocorrer. Com base nas leituras identificou-se que estão divididos basicamente em duas categorias: Itens Mensuráveis e Itens não-mensuráveis. Abaixo a Figura 33 apresenta uma breve descrição dos itens que serão ancorados pelo *ato de observar* no ambiente e que podem ser divididas entre Mensuráveis e Não-Mensuráveis:

Figura 34: Itens Mensuráveis e Não-Mensuráveis no ambiente

Fatores Mensuráveis	Fatores Não-Mensuráveis
- Dimensões e forma do ambiente, formalizado em uma Planta Baixa.	- Características estéticas predominantes
- Registro de informações técnicas (saídas de esgoto, interruptores, encanamento de gás, entrada de antena, telefone, etc).	- Composição dos itens permanentes.
- Registro de detalhes arquitetônicos ( rodapés, frisos, sancas, peitoris, esquadrias, caixilhos.	- Condições de: revestimentos, mobiliário, equipamentos, instalações.
- Orientação solar, qualidade e intensidade da iluminação natural	- Histórico do local
- Existência de Ruídos externos	- Evidências de uso quando o espaço a sofrer interferência do designer já estiver em uso, tais como: utilitários, mobiliários ou dispositivos que são utilizados de maneira diferente da função para qual foram projetados, hábitos dos usuários (por exemplo: calçados deixados próximos à porta representam sinais de uma demanda)
- Aberturas e circulação existente.	
- Itens que permanecerão.	
-Itens que não permanecerão.	

Fonte: A autora, com base na Fundamentação Teórica.

Além das questões físicas, mensuráveis ou não, a serem levantadas no ambiente, o diferencial desta contribuição está na relação estabelecida entre cada usuário com cada ambiente. Entende-se que a individualidade de cada ser humano não pode ser expressa pelas palavras apenas do cliente (indivíduo contratante), e portanto deve ser averiguada junto a cada usuário.

Entende-se também que a fala de cada usuário poderá gerar maiores percepções quando não estiver engessada ou condicionada por um questionário fechado, mas aberta para todas as percepções de demandas ancoradas pelo *ato de ouvir* exercido pelo designer.

A partir das leituras realizadas nos itens 2.2 e 2.3 desta pesquisa foi possível perceber que após o levantamento das informações, tanto relativas ao ambiente quanto aos usuários (quando consultados) as mesmas ganham forma no que é chamado Programa de Necessidades, ou por alguns autores Requisitos de Projeto, funcionando como uma “conclusão” sobre as demandas de projeto e as possibilidades de solução.

Assim, ancorou-se o último bloco desta sistematização com o *ato de registrar*, no qual a correlação entre todas as questões ouvidas e observadas podem ser cruzadas a fim de gerar conclusões que orientem os próximos passos do projeto servindo também como documentação entre cliente e designer.

### **4.2.3 Etapa 3 – Fichas Orientativas**

O desenho final da sistematização ganhou o nome de Fichas Orientativas, e foram portanto, inspiradas nos três Blocos de Referência: Produto, Usuário e Contexto, pertencentes ao GODP, e ancorado pelos atos “Observar”, “Ouvir” e “Registrar”, nessa ordem.

#### *4.2.3.1 Parte 1 – Bloco de Referência Produto + ato de Observar*

O primeiro bloco de Referência, Produto, foi a base para o desenvolvimento da primeira Ficha Orientativa e foi então vinculada à primeira ação, “Observar”, descrita no item 4.2.2. Sendo assim, o foco da primeira parte desta contribuição é o “Produto”, e por esse entende-se tanto o resultado final do projeto que se almeja, como o ambiente, espaço físico existente que sofrerá interferência. Dessa maneira, a primeira Ficha Orientativa propõe que o designer possa dar atenção ao *produto* existente (ambiente construído), por meio da *observação*, percebendo todas as informações relacionadas tanto ao espaço físico quanto às evidências de uso e condições existentes. Abaixo uma representação da primeira Ficha Orientativa: Bloco Produto.

Figura 35: Ficha Orientativa Bloco Produto + Ato Observar

PRODUTO 		
AMBIENTES	TEMPO	REGISTROS DE OBSERVAÇÃO
AMBIENTE 01		<p><i>Questões físicas:</i></p> <p><i>Evidências de Uso:</i></p>
AMBIENTE 02		<p><i>Questões físicas:</i></p> <p><i>Evidências de Uso:</i></p>

Fonte: A autora.

O objetivo principal desta ficha é servir como um guia para que o designer possa observar o espaço de maneira sistemática. No cabeçalho a palavra “Produto” deixa claro a que objeto se refere, assim como o ícone de um olho foi utilizado para enaltecer que o foco, neste momento, é a observação, sem a interferência da fala dos *stakeholders*.

Na primeira coluna deve-se registrar o nome do ambiente ou, quando se tratar de um espaço com mais de um ambiente, separar a observação de cada um deles.

Paralelamente, na segunda coluna, sugere-se a delimitação de um tempo de observação por ambiente a fim de organizar o tempo para cada atividade in loco e focar especificamente em uma ação por vez, garantindo que cada etapa seja realizada com efetividade e otimização e que detalhes não sejam esquecidos.

Na terceira e última coluna um espaço aberto foi destinado ao registro do que foi observado, primeiramente as chamadas “Questões Físicas” e em seguida as “Evidências de Uso”, como descritas de forma detalhada no item 4.2.2.

#### *4.2.3.2 Parte 2 – Bloco de Referência Usuário + ato de Ouvir*

A segunda parte desta contribuição foi inspirada nas metodologias de Design Centrado no Usuário, em especial no GODP e na maneira como a autora sugere que todos os usuários sejam mapeados ao definir-se o bloco de referência “Usuários”. Entende-se que, além de identificar quem serão os usuários do projeto em curso, relacioná-los com os ambientes que utilizarão, o nível de relacionamento entre eles e como se dá o uso é fundamental. Por isso, a segunda Ficha Orientativa objetiva organizar as informações advindas da escuta dos usuários, de acordo com cada ambiente que utilizam, a fim de facilitar a identificação de necessidades específicas de cada usuário em cada ambiente, para que na próxima etapa seja possível mapear, integrar e organizar todas as necessidades de cada ambiente, a partir da fala de todos os usuários. Esta ficha está ancorada no ato de ouvir.

A seguir uma representação da Parte 2 desta contribuição (Figura 36):

Figura 36: Ficha Orientativa Bloco Usuário + ato de ouvir

USUÁRIO	
USUÁRIO-AMBIENTE	REGISTRO
	
	
	
	

Fonte: A autora.

No cabeçalho a palavra “Usuário” deixa claro a que objeto se refere e faz alusão aos Blocos de Referência do GODP. Da mesma maneira que na Parte 1, o ícone de um ouvido foi utilizado para enaltecer que o foco, neste momento, é o ato de ouvir, sem julgamentos nem distrações externas.

A primeira coluna tem o objetivo de organizar a escuta por usuários, portanto, ao lado do ícone da pessoa, será colocado o nome do usuário a ser ouvido. Na sequência, ainda na mesma coluna, um ícone representando o ambiente construído foi inserido, para que ao lado seja registrado a qual ambiente a fala do usuário se refere. A intenção é organizar a fala dos usuários pautadas por ambiente. A segunda coluna, por sua vez, é destinada para os registros daquilo que for ouvido pelo designer, sem que engesse a escuta a partir de perguntas pré-estabelecidas. Entende-se que, se for de interesse do estudante, assuntos que sirvam como pontos de apoio para guiarem a conversa podem ser anotados previamente, auxiliando-o na condução da conversa e intencionando a escuta para o maior número de informações.



Por se tratar da segunda Ficha Orientativa, entende-se que, caso o estudante necessite de pontos de apoio para guiarem a conversa, estes podem ser extraídos da observação realizada na primeira Ficha Orientativa, referente ao Bloco Produto.

#### 4.2.3.2 Parte 3 – Bloco de Referência Contexto + ato de Registrar

A terceira e última parte desta contribuição foi inspirada no conteúdo necessário em um Programa de Necessidades, conforme verificado no item 2.3.3. Dessa maneira, a terceira Ficha Orientativa representa o Bloco de Referência Contexto, e está ancorada no ato de *registrar*. Sugere-se utilizar a Parte 3 como um momento final de organização e conclusões a respeito das informações *ouvidas* e *observadas* pelo designer registrando tudo de maneira sistemática e interligada.











Para isso, a Parte 3 contempla cinco colunas que comunicam-se entre si. A primeira coluna indica sobre qual ambiente as demais colunas estão trazendo informações. A segunda coluna deverá trazer a lista dos usuários que utilizam este ambiente. Se for da preferência do designer poderão ser organizados por grau de utilização.

Na terceira coluna indica-se preencher com as ações realizadas por cada um dos usuários em cada ambiente. Estas ações podem ter sido identificadas a partir da fala dos usuários ou da percepção advinda da observação do espaço.

A quarta coluna propõe a elaboração de requisitos que os ambientes devem cumprir. Estes podem ter sido expressos na aplicação das Fichas Orientativas anteriores, de maneira clara ou ainda podem ter sido concluídas pelo designer a partir de ambas as partes.

A quinta e última coluna da Ficha referente ao Bloco Contexto convida o designer a refletir sobre as possíveis soluções aos requisitos antes que a modelagem do anteprojeto se inicie. Esta coluna poderá ser preenchida a medida que o designer faz suas pesquisas de referências, e portanto permanece aberta até que ele encontre a melhor solução.

Figura 37: Ficha Orientativa Bloco Contexto + ato de registrar

CONTEXTO 				
AMBIENTE	USUÁRIOS	AÇÕES	REQUISITOS	SOLUÇÕES
AMBIENTE 01	 a			
	 b			
	 c			
AMBIENTE 02	 a			
	 b			
	 c			
AMBIENTE 03	 a			
	 b			
	 c			

Fonte: A autora.

Portanto, a terceira Ficha Orientativa propõe o registro detalhado das necessidades de cada usuário e todo o desenrolar de suas falas até as possíveis soluções empreendidas. Acredita-se que ter um documento anterior ao desenho de projeto propriamente dito, que organize todas as informações e que contemple todos os usuários, irá valorizar substancialmente o trabalho destes profissionais e a qualidade do projeto entregue gerando maior satisfação dos usuários envolvidos no que diz respeito às suas experiências.

#### 4.3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O conjunto de informações iniciais desta pesquisa, coletadas na etapa de Fundamentação Teórica vem ao encontro das constatações realizadas na Fase 2 desta dissertação. Tanto o levantamento de metodologias utilizadas para desenvolvimento de projetos no contexto de ensino de DI quanto na aplicação dos questionários junto aos docentes apresentam uma demanda quanto ao desenvolvimento de ferramentas efetivas para abordagem junto ao usuário.

A não familiaridade do estudante de Design de Interiores com atividades cotidianas do profissional formado, em especial àquelas que os coloca frente à situações

para a verificação de necessidades junto aos usuários, está corroborada em três instâncias: na fundamentação teórica apresentada; na bibliografia das disciplinas de projeto estudadas no item 2.2.1, que por trazerem de maneira simplificada o processo projetual acabam por gerar lacunas de aplicação aos docentes; e por último na afirmação dos docentes, presente na aplicação de questionário realizada. Ao encontro desta constatação, também está a pesquisa realizada por Oliveira (2016), que traz a constatação de que profissionais que atuam no mercado de trabalho de projetos costumam aprender suas metodologias de trabalho com a experiência prática adquirida após sua formação.

Sobre o item 4.1 desta pesquisa, embora Lakatos e Marconi (2003) ressaltem que o percentual de questionários que costuma retornar respondido ser de cerca de 25%, (e nesta pesquisa tenha-se alcançado 50% de respostas) o número total de docentes aptos a responder é pequeno (12 respondentes). No entanto, por tratar-se de um questionário composto por perguntas abertas, de difícil tabulação segundo Lakatos e Marconi, entende-se que os resultados obtidos permitem a autora chegar a conclusões bastante objetivas quanto à aplicação.

Com relação aos resultados verificados com a aplicação do questionário, percebe-se que as respostas que sugerem saídas a campo e consulta com pessoas de perfil similar aos usuários do projeto, prevêm que os estudantes saiam de sua zona de conforto: a sala de aula. Isso aproxima o estudante da prática projetual real e aumenta o nível de confiança do egresso ao se inserir no mercado de trabalho, uma vez que já está familiarizado com a abordagem com o público. Infelizmente nota-se que uma minoria de profissionais buscam essas experiências. Lawson (2011) aponta que esta é a grande desvantagem das escolas de formação de profissionais que lidam com projetos: a dificuldade de se ver frente às reais práticas existentes no mercado.

Com relação ao entendimento dos docentes das questões metodológicas, entende-se que os profissionais, de forma geral, desconhecem Metodologias de Projeto propostas pela bibliografia, ou, pelo menos afirmam não sugerir a utilização de nenhuma específica para sala de aula (conforme afirmou a maioria dos respondentes nas questões abertas). Ainda que a amostragem tenha sido pequena, entende-se que a própria escassez de bibliografia que proponha métodos projetuais de maneira detalhada, sugerindo

ferramentas para abordagem, levantamento e registro de informações projetuais e procedimentos a serem adotados durante as etapas projetuais (conforme percebido no item 2.2.1) acaba por formar profissionais sem embasamento com relação aos procedimentos metodológicos a serem seguidos. Oliveira (2016) em sua tese constatou que embora os profissionais acenem positivamente para o uso de métodos de projeto, o processo não é rigoroso nas etapas e nem é sistemático (p.234).

Poucos profissionais demonstraram segurança em suas respostas ao apontar as *etapas projetuais* que propõem a serem utilizadas no contexto de ensino, ocasionando consequentemente em profissionais que se formam também sem saber exatamente as etapas que utilizam e a ordem lógica das mesmas. Com relação às metodologias, assim como Oliveira (2016) constatou em sua pesquisa que muitos profissionais acabam por desenvolver seus próprios métodos após certo tempo de exercício profissional, os questionários também demonstraram que os alguns docentes ensinam as metodologias que aprenderam “na prática profissional”. Dessa forma, assim como as etapas tornam-se indefinidas, muitos egressos serão inseridos no mercado de trabalho sem terem uma metodologia que lhes proporcione segurança com relação às abordagens com usuários, clientes e com o próprio levantamento de informações espaciais (já que cada profissional ensina ao seu modo).

Ressalta-se que, na Parte 3 do questionário, na qual apresentou-se três situações de ensino de projeto, muitos profissionais apontaram ferramentas de projeto como “Estudo de Caso”, “Análise Pós Ocupação”, “Entrevista com o cliente”, “Entrevista com usuários”, “Observação do Comportamento”, “Análise de espaços similares”, entre outras. No entanto, quando questionados sobre as *ferramentas metodológicas* que recomendavam aos estudantes, tais exemplos, de maneira geral não foram citados. Isso comprova a não familiaridade do profissional docente com termos como “etapas de projeto” e “ferramentas metodológicas”.

Outra questão ligada à formação dos estudantes é a questão dos procedimentos citados pelos docentes, de forma geral, não proporcionarem o desenvolvimento de certas habilidades necessárias ao profissional de Design de Interiores, como por exemplo a abordagem com o usuário e a prática com o levantamento de informações fora de sua zona

de conforto: em locais concorrentes ou similares aos que se pretende projetar; nos próprios locais de intervenção; junto aos usuários e demais stakeholders, para realizar pesquisas de campo. Colocar os estudantes em contato com situações reais não significa, na visão da autora, necessitar de projetos com clientes reais, mas proporcionar aos estudantes a oportunidade de vivenciar procedimentos de projeto similares aos existentes no mercado de trabalho. Tais procedimentos podem ser entrevistas, observações, análises ambientais ou o simples ato de sair do contexto acadêmico e exercitar a capacidade de identificar necessidades reais (presentes na relação usuário-ambiente). Entende-se que em um contexto acadêmico a proximidade com o contexto real de projetos não é um fator recorrente, no entanto deve-se instigar a busca por aproximar os estudantes dos processos existentes no mercado de trabalho, seja no contato com pessoas (público, clientes, usuários) ou com levantamento de informações em ambientes de intervenção evitando a apresentação habitual de briefings prontos.

Com relação ao desenvolvimento da Fase 3 desta pesquisa, a proposta metodológica de Merino, o GODP, apresenta as etapas de projeto de forma sistemática e organizada, com a descrição minuciosa das atividades a serem desenvolvidas complementadas pela sugestão de ferramentas (em suas tabelas de “O que é?”, “O que fazer?” e “Como fazer?”) etapa a etapa e embasa o desenvolvimento das suas etapas nos Blocos de Referência. Dessa maneira, ainda que uma boa metodologia de projeto centrada no usuário seja aplicada em disciplinas de Projeto de DI, por não encontrar nas bibliografias específicas desta área ferramentas sistematizadas que forneçam suporte ao estudante ou designer para que possa coletar informações junto aos usuários nas etapas iniciais de projeto esugira como gerenciá-las, esta atividade acaba por ser excluída, ou muitas vezes não cogitada no meio acadêmico. Assim, muitos não estendem esta prática para suas vidas profissionais, e como afirmou Lawson (2011) acabam tendo seus projetos mais como um processo de “auto reflexão” e satisfação pessoal do que de modo a contribuir para a sua inserção no mercado de trabalho.

De maneira geral observou-se durante toda a etapa de pesquisa que as informações com relação a espaço físico, usuários e contexto são registradas a medida que o designer faz a medição e desenho do espaço, sem um momento destinado apenas para

observação de detalhes construtivos e evidências de uso, tampouco um momento dedicado a ouvir e mapear os usuários. É o que pôde-se perceber durante o desenvolvimento do item 2.2, em especial com a contribuição de Oliveira (2016). Entende-se que a ferramenta contribui com o levantamento das informações in loco, servindo como um guia, mas especialmente como uma base organizadora no momento de visitação do espaço na fase pré-projeto em etapas, sistematizando-o.

A Gestão de Design, por ocupar-se do gerenciamento de pessoas, processos e procedimentos permite olhar para este contexto, da abordagem de usuários nos projetos de Design de Interiores, com uma visão holística de todos os envolvidos, sistematizando etapas que se mostram fragilizadas. Martins e Merino (2011) afirmam que ao iniciar um projeto, já na etapa de definição do problema, deve-se identificar quem são os usuários, suas necessidades, objetivos e restrições a serem respeitadas. Best (2012) define que o cliente é quem contrata, financia ou apoia o projeto de Design. Este pode ser também usuário do produto final, no entanto o projeto de um espaço costuma incluir muitos usuários, que por vezes não são os clientes contratantes. Best ressalta que clientes, usuários e demais stakeholders não são receptores passivos do Design e devem ser envolvidos durante o processo.(p.42) Nesse sentido, integrar novos processos às metodologias identificadas na Etapa 1 da Fase 2 deste trabalho permite contribuir com o meio do Design de Interiores propondo um processo de trabalho mais colaborativo, evidenciando a dinâmica real de pessoas, conforme propõe Best (2012). Conforme Martins e Merino (2011) reforçam, focar em um processo de desenvolvimento mais participativo junto aos usuários, no qual aspectos como usabilidade estejam presentes, auxiliam no desenvolvimento de projetos sem “a cara do designer” e que satisfaçam de fato as necessidades que o projeto requer.

O exercício projetual é a principal atividade, ponto de convergência e síntese entre os diversos aspectos e condicionantes do espaço físico, dos clientes e usuários e portanto o designer, sob a abordagem da gestão, tem nesta pesquisa o apoio para atuar como um agente coordenador utilizando meios eficientes para o gerenciamento de todo o processo. Espera-se que esta pesquisa possa dar suporte para estudos futuros que tragam para o meio acadêmico e, posteriormente para a atuação profissional, novas ferramentas e

metodologias que auxiliem no desenvolvimento de projetos mais humanos e que mantenha o usuário no centro de todo o processo.

## 5. CONCLUSÃO

O questionamento inicial que desencadeou o desenvolvimento desta dissertação foi a respeito da não consideração do usuário no processo de projeto de Design de Interiores realizado, por estudantes de cursos desta área, observados em alguns anos de trabalho como docente em cursos de Design de Interiores da Grande Florianópolis.

Entre os motivos que justificavam o desenvolvimento desta pesquisa está a melhoria da qualidade ambiental proporcionada por processos mais conscientes de desenvolvimento de projeto no meio acadêmico, o que reflete posteriormente em uma conduta mais responsável do egresso ao inserir-se no mercado de trabalho. Os estudos acerca da psicologia ambiental e de ergonomia comprovam a influência do ambiente construído no comportamento e na qualidade de vida de quem os utiliza, portanto, levar em consideração a opinião do usuário neste processo é fundamental. Conforme verificou Oliveira (2016), muitos profissionais desenvolvem seus métodos de trabalho ao inserir-se no mercado e ao assimilarem experiência após algum tempo de atuação profissional. Desse modo, inserir na formação acadêmica do designer um método de abordagem junto ao usuário contribui para que ambientes mais eficientes, no que tange a satisfação e experiência dos usuários, sejam produzidos.

Esta dissertação contou com a participação de docentes de cursos superiores e técnicos em Design de Interiores da Grande Florianópolis, por meio da resposta de questionários que levantaram as propostas metodológicas sugeridas aos estudantes para uso em disciplinas de projeto destes cursos. Essa pesquisa apresentou resultados que apontam a necessidade de uma abordagem mais sistemática quanto às metodologias de projeto para uso em sala de aula, seja com relação à abordagem do usuário quanto à relação do estudante com as atividades reais da prática profissional, que lhes proporcione segurança para atuar junto ao público, ao inserir-se no mercado de trabalho.

Esta pesquisa contribui com o meio acadêmico, ao passo que apresenta uma proposta de Sistematização para Coleta de Informações no momento que antecede o projeto. Essas informações contemplam as questões físicas do ambiente construído e sua relação com os usuários desses espaços, seja por meio da abordagem junto aos mesmos,



como por meio da observação sistemática dos espaços, suas evidências de uso e demais questões relevantes para o desenvolvimento do projeto.

Considerando objetivo geral desta dissertação: Identificar como se dá a consideração do usuário no desenvolvimento de projetos de Design de Interiores no contexto de ensino de projeto, esta pesquisa responde com a obtenção de um panorama tanto do ponto de vista das bibliografias propostas em Cursos Superiores em Design de Interiores em IES federais renomadas, quanto com relação ao conteúdo proposto pelos docentes respondentes dos questionários, em IES da Grande Florianópolis. Entende-se que a consideração do usuário na literatura específica traz abordagens em dois momentos cruciais das propostas metodológicas: O Programa de Necessidades e as Análises Pós Ocupação. No entanto, essas mesmas bibliografias pouco discorrem com relação à abordagem do usuário durante o desenvolvimento do programa de necessidades e, conforme aponta Bastos (2015), as Análises Pós Ocupação pouco aparecem nos programas de disciplinas de Design de Interiores, nem como avaliação para futuras recomendações nem como subsídios para desenvolvimento de novos projetos. Na pesquisa realizada nesta pesquisa, apenas um docente afirmou utilizar estudos de APO como subsídio para o desenvolvimento do Programa de Necessidades (um dentre 12), o que corrobora com a afirmação supracitada de Bastos (2015).

Percebe-se, como visão geral, que tanto os estudos apresentados na fundamentação teórica, como os encontram um ponto de convergência: a escassez de metodologias desenvolvidas de forma detalhada para uso no contexto de ensino de projeto em cursos de Design de Interiores implica na inexistência de técnicas e ferramentas disponíveis na literatura que sistematizem o processo de abordagem junto aos usuários dos ambientes a serem projetados, o que acaba por extinguir este procedimento dos processos de projeto. Dessa maneira, os estudantes, que não estão habituados com uma metodologia organizada de projetos nem com procedimentos que os auxiliem na abordagem junto ao usuário, acabam por ter dificuldades no desenvolvimento de projetos que os coloquem em tais situações, estendendo a não execução desta atividade para suas vidas profissionais.

Dessa maneira, reforça-se a importância de ampliar os estudos acerca de metodologias de desenvolvimento de projetos de Design de Interiores, em especial àquelas

que consideram o usuário como parte central deste processo, visando, como propõe Lawson (2009) adaptar àquelas já existentes para cada necessidade específica projetual, apresentando procedimentos detalhados de desenvolvimento de atividades, sugestão de ferramentas, a fim de trazer maior qualificação para o profissional que se forma em cursos de Design de Interiores. O mesmo autor afirma que os projetistas de hoje não podem mais ser treinados para seguir um conjunto de procedimentos engessados, já que o ritmo das mudanças no mercado de trabalho é acelerado, e logo acaba por deixá-los para trás. Muitos foram os autores que, ao longo desta pesquisa, reforçaram a importância que o processo de projeto aprendido nos cursos de formação dos profissionais que trabalham com o desenvolvimento de ambientes interiores, possui posteriormente, quando inserem-se no mercado de trabalho. Desta maneira, reforça-se a importância de inserir no contexto de ensino de projeto os procedimentos que melhorem a qualidade dos ambientes a serem colocados no mundo. Desenvolver ferramentas e metodologias que auxiliem os estudantes indica que processos de melhor qualidade serão iniciados no mundo profissional e, especialmente nesta pesquisa, a Gestão de Design foi fundamental para consolidar esta visão, seja por meio do desenho de novas ferramentas como na flexibilização de processos já existentes.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Fernanda Marx de. **Conforto ambiental em quartos de internação: perspectiva histórica.** In: ENCONTRO NACIONAL E LATINO-AMERICANO DE CONFORTO NO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 13., 2015, Campinas. **Artigo.** [s.l]: Antac, 2015. p. 1 - 10. Disponível em: <<http://www.infohab.org.br/encac/files/2015/topico10artigo02.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

AZEVEDO, Liliana Pamela SL. Design de interiores e espaços escolares: influências na aprendizagem. 2012. Tese de Doutorado.

BASTOS, Carla da Silva. **Avaliação pós-ocupação e design de interiores: uma experiência didática.** 2015. 140 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura, Departamento de Arquitetura. Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo., Ufrn, Rio Grande do Norte, 2015.

BERNARDI, NÚbia. **Avaliação da Interferência Comportamental do Usuário para a Melhoria do Conforto Ambiental em Espaços Escolares: Estudo de Caso em Campinas-SP.** 2001. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Engenharia Civil, Construção Civil, Universidade Estadual de Campinas, Campinas - Sp, 2001. Disponível em: <[http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/258411/1/Bernardi\\_Nubia\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/258411/1/Bernardi_Nubia_M.pdf)>. Acesso em: 10 out. 2018.

BERTONI, Cristopher F.; SILVEIRA, André Luís M. da; MEYER, Guilherme C.. A educação superior em design: dilemas e desafios. in: international conference on integration of design, engineering and management for innovation., 4., 2015, Florianópolis. IDEMI 2015. Florianópolis: Udesc, 2015. v. 1, pp. 1 - 14. Disponível em: <<http://janainaramos.com.br/idemi2015/anais/02/143438.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2018.

BEST, Kathryn. **Fundamentos da Gestão de Design.** Porto Alegre: Bookman, 2012. Tradução: André de Godoy Vieira.

BESTETTI, Maria Luisa Trindade. **Ambiência: espaço físico e comportamento.** **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, [s.l.], v. 17, n. 3, p.601-610, set. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1809-9823.2014.13083>.

BINS ELY, Vera Helena Moro. Ergonomia+ Arquitetura: buscando um melhor desempenho do ambiente físico. In: Anais do 3º Ergodesign–3º Congresso Internacional de Ergonomia e Usabilidade de Interfaces Humano-Tecnologia: Produtos, Programas, Informação, Ambiente Construído. Rio de Janeiro: LEUI/PUC-Rio. 2003.

BROWN, Tim. **Change by design: how design thinking transforms organizations and inspires innovation.** New York: Harper Business, 2009.

CAPELLINI, Marco; FORTUNATO, Adriana Gagliotti. Criatividade e Inovação no âmbito do design. In: . **Aspectos do Design**: textos compilados pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial. São Paulo: Senai-sp, 2012. p. 31-38.

CAVALCANTI, Patricia B. et al. RECOMENDAÇÕES PROJETUAIS PARA INTERNAÇÃO HOSPITALAR DESENVOLVIDAS A PARTIR DO ESTUDO DA PERCEPÇÃO E COMPORTAMENTO AMBIENTAL DOS USUÁRIOS. In: ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 12., 2008, Fortaleza-ce. **Proceedings...** . Fortaleza-ce: Entac, 2008. p. 1 - 10. Disponível em: <<http://www.infohab.org.br/entac2014/2008/artigos/A1680.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2018.

CHING, Francis DK; BINGGELI, Corky. Arquitetura de interiores ilustrada. Bookman Editora, 2013.

COSTA, Ana Paula Lima; VILLAROUÇO, Vilma. METODOLOGIA DE CONFIGURAÇÃO DE AMBIENTE CONSTRUÍDO: UM CAMINHO PARA INTEGRAR A ERGONOMIA E A ARQUITETURA. Blucher Engineering Proceedings, v. 3, n. 3, p. 195-203, 2016.

CIPINIUK, Alberto; PORTINARI, Denise B. Sobre métodos de Design. Design método. COELHO, LAL Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2006.

CRUZ, Tiago André da; SOUZA, Richard Perassi Luiz de; HORN, Milton Luiz Vieira. O Positivismo e a sua influência sobre o Design. *Projética*, [s.l.], v. 3, n. 1, pp.158-167, 4 set. 2012. Universidade Estadual de Londrina.

DANTAS, Cristina; NEGRETE, Roberto. Brasil porta adentro: uma visão histórica do design de interiores. Editora C4: São Paulo, 2015, v. 4, 272p.

DEMARCHI, A P. **Gestão estratégica de design com a abordagem de design thinking: proposta de um sistema de produção do conhecimento**. 2011. 302 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Programa de Pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

DIAS, Maria Regina Álvares Correia. **Ensino do Design: A Interdisciplinaridade na Disciplina de Projeto em Design**. 2004. 163 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

DONDIS, Donis. A. *Sintaxe da Linguagem Visual*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 236 p.

ELALI, Gleice Azambuja. *Psicologia e Arquitetura: em busca do locus interdisciplinar*. *Estudos de Psicologia (natal)*, [s.l.], v. 2, n. 2, p.349-362, dez. 1997. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-294x1997000200009>.

ELALI, Gleice Azambuja. A área das relações pessoa-ambiente e algumas de suas contribuições para a APO. In: II Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído (ENTAC 2008). Anais do ENTAC 2008. Fortaleza: ENTAC., 2008.p. 15-25.

ELALI, Gleice Azambuja; PINHEIRO, José Q. Relacionando espaços e comportamentos para definir o programa do Projeto Arquitetônico. In: PROJETER 2003. I Seminário Nacional sobre ensino e pesquisa em projeto de arquitetura. Anais do I SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE ENSINO E PESQUISA EM PROJETO DE ARQUITETURA Natal, 2003.

ELALI, Gleice Azambuja, VELOSO, Maísa. Avaliação pós-ocupação e processo de concepção projetual em arquitetura: uma relação a ser melhor compreendida. In: NUTAU'2006. Anais do NUTAU'2006. São Paulo: FAUUSP/ FUPAM, 2006.

KARLEN, Mark. **Planejamento de espaços internos**. Bookman Editora, 2009.

ELALI, G. A.; VELOSO, M. **Avaliação Pós-Ocupação e Processo de Concepção Projetual em Arquitetura**: uma relação a ser melhor compreendida. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL, 2006, São Paulo. **Anais...** São Paulo: NUTAU, 2006.

EVANS, Gary. A importância do ambiente físico. *Psicologia Usp*, [s.l.], v. 16, n. 1-2, p.47-52, 2005. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-65642005000100007>.

FALCÃO, Christiane Soares; SOARES, Marcelo Márcio. A INTEGRAÇÃO DAS DIFERENTES DISCIPLINAS NA ANÁLISE DO AMBIENTE CONSTRUÍDO. In: CIPED, 6., 2011, Lisboa. Anais... . Lisboa: Ciped, 2011. p. 1 - 5. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/234515258\\_A\\_INTEGRACAO\\_DAS\\_DIFERENTES\\_DISCIPLINAS\\_NA\\_ANALISE\\_DO\\_AMBIENTE\\_CONSTRUIDO/references](https://www.researchgate.net/publication/234515258_A_INTEGRACAO_DAS_DIFERENTES_DISCIPLINAS_NA_ANALISE_DO_AMBIENTE_CONSTRUIDO/references)>. Acesso em: 09 set. 2018.

FONSECA, Juliane Figueiredo; RHEINGANTZ, Paulo Afonso. O ambiente está adequado?: Prosseguindo com a discussão. **Produção**, Santa Catarina, v. 3, n. 19, p.502-513, set. 2009. Set/dez. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prod/v19n3/08.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

FONTOURA, Antonio Martiniano. A interdisciplinaridade e o ensino do design. **Projetica**, v. 2, n. 2, p. 86-95, 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/projetica/article/view/8855>>. Acesso em 31 jul.2018.

GIBBS, Jenny. **Design de Interiores**: Guia útil para estudantes e profissionais. Londres: G.gili,ltda, 2013.

GÜNTHER, Hartmut. A PSICOLOGIA AMBIENTAL NO CAMPO INTERDISCIPLINAR DE CONHECIMENTO. **Psicologia Usp**, São Paulo, p.179-183, 2005.

GURGEL, Miriam. **Projetando Espaços**: Design de Interiores. São Paulo: Senac, 2007. 224 p.

I CONGRESSO NACIONAL DA ABDEH – IV SEMINÁRIO DE ENGENHARIA CLÍNICA, 1., 2004, Salvador. A HUMANIZAÇÃO E O AMBIENTE FÍSICO HOSPITALAR: Vânia Paiva Martins. Salvador: Abdeh, 2004. 3 p. Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/humanizacao\\_ambiente\\_fisico.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/humanizacao_ambiente_fisico.pdf)>. Acesso em: ago/2018

GROSSMAN, Elio; ARAUJO-JORG, Tania C.; ARAUJO, Inesita S.. A escuta sensível: um estudo sobre o relacionamento entre pessoas e ambientes voltados para a saúde. **Interface-comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu - Sp, v. 12, p.309-324, 14 dez. 2007. Disponível em: <[https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S1414-32832008000200007&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S1414-32832008000200007&script=sci_arttext&tlng=pt)>. Acesso em: 10 set. 2018.

HIGGINS, Ian. **Planejar espaços para o design de interiores**. São Paulo: Gustavo Gili, 2015.

ISHIHARA, Akemi Alessi. Processos metodológicos para a prática de projetos de design para um contexto sustentável. 2014. 106 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Design, Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

KOWALTOVSKI, Doris C. C. K. et al. Métodos e Instrumentos de avaliação de projetos destinados à habitação de interessesocial. In: VILLA, Simone Barbosa; ORNSTEIN, Sheilla Walbe. *Qualidade Ambiental da Habitação: Avaliação Pós Ocupação*. São Paulo: Oficina de Textos, 2013. Cap. 7. p. 149-170.

KOWALTOWSKI, Doris C. C. K.; MOREIRA, Daniel C. O Programa de Necessidades e a Importância da APO no Processo de Projeto. In: ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIA NO AMBIENTE CONSTRUÍDO (ENTAC). Anais do ..... Fortaleza: ANTAC, 2008, p. 1-12.

LAWSON, Bryan. **Como arquitetos e designers pensam**. Oficina de Textos, 2011.

MARTINS, Rosane Fonseca de F.; MERINO, Eugenio Andrés Diaz. *A Gestão de Design como Estratégia Organizacional*. 2. ed. Londrina: Rio Books, 2011. 247 p.

MERINO, G. S. A. D. Metodologia para a prática projetual do Design com base no Projeto Centrado no Usuário e com ênfase no Design Universal. 2014. 212 f. 2014. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado)—Curso de Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MERINO, Giselle Schmidt Alves Díaz. **A CONTRIBUIÇÃO DA GESTÃO DE DESIGN EM GRUPOS PRODUTIVOS DE PEQUENO PORTE NO SETOR DA MARICULTURA: o caso AMPROSUL**. 2010. 184 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Design e Expressão Gráfica, Pós-graduação em Design e Expressão Gráfica, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1823/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Giselle%20Schmidt%20Alves%20D%C3%ADaz%20Merino.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 20 out. 2018.

MERINO, Giselle Schmidt Alves Díaz. GODP - Guia de Orientação para Desenvolvimento de Projetos: Uma metodologia de Design Centrado no Usuário. Florianópolis: Ngd/ Ufsc, 2016. Disponível em: <www.ngd.ufsc.br>. Acesso em: 01 abr 2018.

MOREIRA, D., KOWALTOVSKI, D. C. C. K. (2009). Discussão sobre a importância do programa de necessidades no processo de projeto em arquitetura. *Ambiente Construído*, 9(2), 31-45.

MOSER, Gabriel. A Psicologia Ambiental: competência e contornos de uma disciplina. Comentários a partir das contribuições. *Psicologia Usp*, [s.l.], v. 16, n. 1-2, p.279-294, 2005a. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-65642005000100030>.

MOSER, Gabriel. Psicologia Ambiental e estudos pessoas-ambiente: que tipo de colaboração multidisciplinar?. *Psicologia Usp*, [s.l.], v. 16, n. 1-2, p.131-140, 2005b. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-65642005000100015>.

MOZOTA, Brigitte Borja de; KLÖPSCH, Cássia; COSTA, Filipe Camelo Xavier da. **Gestão do Design**: usando o design para construir valor de marca e inovação corporativa. Porto Alegre: Bookman, 2011. 343 p.

MUNARI, Bruno. Das coisas nascem coisas. Apontamentos por uma metodologia projetual. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1998.

NOEBAUER, Marlise Paim Braga et al. A voz do usuário: métodos para processos participativos de projeto em arquitetura e urbanismo. 2016.

OLIVEIRA, Gilberto Rangel de. **Método de Design de Interiores no Brasil**: Uma contribuição dos princípios da Ergonomia do Ambiente Construído. 2016. 279 f. Tese (Doutorado) - Curso de Design, Departamento de Artes & Design Puc-rio, Puc-rio, Rio de Janeiro, 2016.

OLIVEIRA, Gilberto Rangel; MONT'ALVÃO, Claudia Renata. Metodologias utilizadas nos estudos de ergonomia do ambiente construído e uma proposta de modelagem para projetos de design de interiores. *Estudos em Design*, v. 23, n. 3, p. 150-165, 2015.

ORNSTEIN, Sheila Walbe. Arquitetura, urbanismo e Psicologia Ambiental: uma reflexão sobre dilemas e possibilidades da atuação integrada. *Psicologia Usp*, [s.l.], v. 16, n. 1-2, p.155-165, 2005. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-65642005000100017>.

ONO, Rosaria et al. Avaliação de desempenho em uso e manutenção de habitações em sistemas construtivos inovadores. Avaliação de desempenho de tecnologias construtivas inovadoras: conforto ambiental, durabilidade e pós-ocupação, v. 3, 2017.

PAIVA, Marie Monique Bruere; VILLAROUCO, Vilma Maria. ERGONOMIA NO AMBIENTE CONSTRUÍDO EM MORADIA COLETIVA PARA IDOSOS: ESTUDO DE CASO EM PORTUGAL. **Ação Ergonômica**, João Pessoa - Pb, v. 7, n. 3, p.56-72, 2012. Disponível em:

<<http://www.abergo.org.br/revista/index.php/ae/article/view/169>>. Acesso em: 07 set. 2018.

PEZZINI, Marina Ramos. **Contribuição do design centrado no humano para o projeto no imobiliário doméstico em apartamentos compactos**. 2017. 244 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Centro Tecnológico, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Cap. 88034480. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/175322>>. Acesso em: 28 out. 2018.

PHILLIPS, Peter L. **Briefing: a gestão do projeto de design**. Editora Blucher, 2017.

PRODANOV, Juliane Marçal da Silva. **A GESTÃO DE DESIGN COMO FERRAMENTA ESTRATÉGICA EM ÂMBITO HOSPITALAR**. 2016. 82 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Design e Expressão Gráfica, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Cap. 88034480. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/67127630-A-gestao-de-design-como-ferramenta-estrategica-em-ambito-hospitalar.html>>. Acesso em: 01 abr. 2018.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso; PEDRO, Rosa Maria Leite Ribeiro. A atuação do Observador-pesquisador na avaliação da habitação. In: VILLA, Simone Barbosa; ORNSTEIN, Sheilla Walbe. **Qualidade Ambiental da Habitação: Avaliação Pós Ocupação**. São Paulo: Oficina de Textos, 2013. Cap. 3. p. 39-60.

RUBIN, Renata. O Design no universo das micro e pequenas empresas. In: . **Aspectos do Design: textos compilados pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial**. São Paulo: Senai-sp, 2012. p. 47-58.

SANTOS, M.A. **Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo:

VILLAROUCO, Vilma. **O ambiente está adequado?**. Anais do I Encontro Nacional de Ergonomia do Ambiente Construído e II Seminário Brasileiro de Acessibilidade Integral. Recife, 2007

VOORDT, Theo van der; WEGEN, Herman van. **Arquitetura sob o olhar do usuário**. São Paulo: Oficina de Textos, 2013.



**APÊNDICE**

## Pesquisa: Gestão de Design e Design de Interiores

Olá professor (a), meu nome é Laura Zimmermann Flores, sou Mestranda do Programa de Pós Graduação em Design da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), e conto com a sua colaboração para responder este pequeno questionário sobre o ensino de projeto em cursos de Design de Interiores. O questionário abaixo é uma das etapas do desenvolvimento da minha dissertação, que aborda os processos de Design de Interiores a partir da ótica da Gestão de Design, sob a orientação da Profa. Dra. Giselle Merino. Desde já agradeço pela contribuição com este trabalho.

Você é do sexo:

- Feminino
- Masculino

Idade:

37

Qual a sua formação acadêmica? (Curso de Graduação, Instituição e Ano)

Arquitetura e urbanismo, UFSC, 2012

Caso possua pós graduação, descreva abaixo a área, o nível (especialização, mestrado, doutorado) e a instituição de formação.

Pós graduação/ didática para ensino superior/ Unicesumar

Você é docente em um Curso de Design de Interiores

- de Nível Técnico
- de Nível Superior
- Ambos

Descreva abaixo as disciplinas de projeto que você já ministrou ou ministra:

Projeto de interiores loft, projeto de interiores comercial, e decoração de interiores.

Conforme a sua didática em disciplinas de Projeto de Interiores, qual seu ponto de partida para dar início ao conteúdo da disciplina? (Por exemplo: o que você trabalha com os alunos nas primeiras aulas para iniciar a abordagem planejada?)

Leitura espacial, ergonomia e entrevista com cliente.

Quais as ETAPAS metodológicas você apresenta aos estudantes como necessárias ao desenvolvimento de projetos de interiores?

Leitura especial, detalhamento de mobiliário, estudo de layout.

Quais as FERRAMENTAS metodológicas você propõe para que seja possível desenvolver as etapas apresentadas?

Desenho técnico e croquis, memorial descritivo, simulação de layout com blocos pre definidos.

Você apresenta alguma METODOLOGIA ESPECÍFICA para o desenvolvimento de projetos de interiores? (Por exemplo, algum livro específico que apresente um passo-a-passo do processo projetual, ou a metodologia de algum escritório?)

Não

Como foram adquiridos os seus conhecimentos acerca dos procedimentos metodológicos a serem adotados no desenvolvimento de projetos de Design de Interiores? (Por exemplo: aprendeu na prática; foi a mesma utilizada na sua graduação; aperfeiçoou com os anos; aprendeu com profissionais com os quais trabalhou; etc)

Na graduação o aprendizado era baseado no fazer e tentativa erro, para os alunos é dada algumas diretrizes que foram melhoradas como pratica

Situação 1: Você ministra a disciplina de projeto de interiores comerciais, na qual os estudantes tem como objetivo o desenvolvimento do projeto de uma loja de calçados. Como você sugere que sejam coletadas as informações que darão subsídio ao programa de necessidades?

Estudo de caso de lojas de sapato, pesquisa na internet como são lojas de sapato pelo mundo, e estudar e conhecer sapatos, tipos e marcas .

Situação 2: Você ministra a disciplina de projeto de interiores residencial, na qual os estudantes tem como objetivo o desenvolvimento do projeto de uma residência cujos moradores são "um casal com um filho de 6 anos". Como você sugere que os estudantes busquem as informações que darão subsídio ao programa de necessidades?

Entrevista com cliente real ou que tenha as mesma configuração de família.

Situação 3: Você ministra a disciplina de Projeto de Interiores Institucional, na qual os estudantes tem como objetivo o desenvolvimento de um Centro Geriátrico, mais conhecido como "casa de repouso para idosos". Como você sugere que os estudantes busquem as informações que darão subsídio ao programa de necessidades?

Visita em locais da mesma área, consulta de NBR para esse tipo de uso, estudar as necessidades especial dos idosos e conversar com agentes de saúde que atendam os idosos, como também com idosos para saber suas reais necessidades.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

## Pesquisa: Gestão de Design e Design de Interiores

Olá professor (a), meu nome é Laura Zimmermann Flores, sou Mestranda do Programa de Pós Graduação em Design da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), e conto com a sua colaboração para responder este pequeno questionário sobre o ensino de projeto em cursos de Design de Interiores. O questionário abaixo é uma das etapas do desenvolvimento da minha dissertação, que aborda os processos de Design de Interiores a partir da ótica da Gestão de Design, sob a orientação da Profa. Dra. Giselle Merino. Desde já agradeço pela contribuição com este trabalho.

Você é do sexo:

- Feminino  
 Masculino

Idade:

43

Qual a sua formação acadêmica? (Curso de Graduação, Instituição e Ano)

Graduação em arquitetura e urbanismo. Universidade de Franca, 2000

Caso possua pós graduação, descreva abaixo a área, o nível (especialização, mestrado, doutorado) e a instituição de formação.

Mestrado em arquitetura e urbanismo. Ufsc

Você é docente em um Curso de Design de Interiores

- de Nível Técnico  
 de Nível Superior  
 Ambos

Descreva abaixo as disciplinas de projeto que você já ministrou ou ministra:

Projeto residencial, projeto comercial, composição.

Conforme a sua didática em disciplinas de Projeto de Interiores, qual seu ponto de partida para dar início ao conteúdo da disciplina? (Por exemplo: o que você trabalha com os alunos nas primeiras aulas para iniciar a abordagem planejada?)

Conceito de projeto, depois estudo de caso

Quais as ETAPAS metodológicas você apresenta aos estudantes como necessárias ao desenvolvimento de projetos de interiores?

Levantamento de dados, estudos de caso, visita técnica

Quais as FERRAMENTAS metodológicas você propõe para que seja possível desenvolver as etapas apresentadas?

Aulas expositivas e dialogadas, visita técnica

Você apresenta alguma METODOLOGIA ESPECÍFICA para o desenvolvimento de projetos de interiores? (Por exemplo, algum livro específico que apresente um passo-a-passo do processo projetual, ou a metodologia de algum escritório?)

Eu desenvolvi o método para a disciplina

Como foram adquiridos os seus conhecimentos acerca dos procedimentos metodológicos a serem adotados no desenvolvimento de projetos de Design de Interiores? (Por exemplo: aprendeu na prática; foi a mesma utilizada na sua graduação; aperfeiçoou com os anos; aprendeu com profissionais com os quais trabalhou; etc)

Minha experiência profissionais nortearam minhas estratégias de ensino

Situação 1: Você ministra a disciplina de projeto de interiores comerciais, na qual os estudantes tem como objetivo o desenvolvimento do projeto de uma loja de calçados. Como você sugere que sejam coletadas as informações que darão subsídio ao programa de necessidades?

Estudo de caso. Dois no mínimo, sendo pelo menos um deles funcional. Ou seja, in loco.

Situação 2: Você ministra a disciplina de projeto de interiores residencial, na qual os estudantes tem como objetivo o desenvolvimento do projeto de uma residência cujos moradores são "um casal com um filho de 6 anos". Como você sugere que os estudantes busquem as informações que darão subsídio ao programa de necessidades?

Estudo de caso funcional in loco. Eles devem entrevistar uma Família similar

Situação 3: Você ministra a disciplina de Projeto de Interiores Institucional, na qual os estudantes tem como objetivo o desenvolvimento de um Centro Geriátrico, mais conhecido como "casa de repouso para idosos". Como você sugere que os estudantes busquem as informações que darão subsídio ao programa de necessidades?

Estudo de caso funcional, in loco e outro estudo de caso de um projeto desenvolvido no exterior

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

## Pesquisa: Gestão de Design e Design de Interiores

Olá professor (a), meu nome é Laura Zimmermann Flores, sou Mestranda do Programa de Pós Graduação em Design da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), e conto com a sua colaboração para responder este pequeno questionário sobre o ensino de projeto em cursos de Design de Interiores. O questionário abaixo é uma das etapas do desenvolvimento da minha dissertação, que aborda os processos de Design de Interiores a partir da ótica da Gestão de Design, sob a orientação da Profa. Dra. Giselle Merino. Desde já agradeço pela contribuição com este trabalho.

Você é do sexo:

- Feminino  
 Masculino

Idade:

28

Qual a sua formação acadêmica? (Curso de Graduação, Instituição e Ano)

Arquitetura e Urbanismo, Unisul, 2013

Caso possua pós graduação, descreva abaixo a área, o nível (especialização, mestrado, doutorado) e a instituição de formação.

Mestrado, UFSC e Especialização, IPOG

Você é docente em um Curso de Design de Interiores

- de Nível Técnico  
 de Nível Superior  
 Ambos

Descreva abaixo as disciplinas de projeto que você já ministrou ou ministra:

Projeto multidisciplinar integrador II, Projeto Residencial e Projeto Comercial e Restaurantes

Conforme a sua didática em disciplinas de Projeto de Interiores, qual seu ponto de partida para dar início ao conteúdo da disciplina? (Por exemplo: o que você trabalha com os alunos nas primeiras aulas para iniciar a abordagem planejada?)

Conceito, briefing, estudos de caso, concept board...

Quais as ETAPAS metodológicas você apresenta aos estudantes como necessárias ao desenvolvimento de projetos de interiores?

Elaboração do briefing, elaboração de um conceito e um painel de referências que chamamos de concept board. Após, partimos para etapas projetuais de estudo preliminar, anteprojeto e detalhamento.

Quais as FERRAMENTAS metodológicas você propõe para que seja possível desenvolver as etapas apresentadas?

Materiais de pesquisa, discussões em grupo, aulas expositivas com imagens para discussão.

Você apresenta alguma METODOLOGIA ESPECÍFICA para o desenvolvimento de projetos de interiores? (Por exemplo, algum livro específico que apresente um passo-a-passo do processo projetual, ou a metodologia de algum escritório?)

Não utilizo metodologia específica. Me baseio na metodologia que utilizo no meu próprio escritório.

Como foram adquiridos os seus conhecimentos acerca dos procedimentos metodológicos a serem adotados no desenvolvimento de projetos de Design de Interiores? (Por exemplo: aprendeu na prática; foi a mesma utilizada na sua graduação; aperfeiçoou com os anos; aprendeu com profissionais com os quais trabalhou; etc)

Aprendi com profissionais com quem trabalhei e aprimorei na prática.

Situação 1: Você ministra a disciplina de projeto de interiores comerciais, na qual os estudantes tem como objetivo o desenvolvimento do projeto de uma loja de calçados. Como você sugere que sejam coletadas as informações que darão subsídio ao programa de necessidades?

Pesquisa de referências e conversa com o proprietário do empreendimento.

Situação 2: Você ministra a disciplina de projeto de interiores residencial, na qual os estudantes tem como objetivo o desenvolvimento do projeto de uma residência cujos moradores são "um casal com um filho de 6 anos". Como você sugere que os estudantes busquem as informações que darão subsídio ao programa de necessidades?

Conversa com a família toda, inclusive com o filho presente e dando sugestões sobre os ambientes que o afetarão diretamente.

Situação 3: Você ministra a disciplina de Projeto de Interiores Institucional, na qual os estudantes tem como objetivo o desenvolvimento de um Centro Geriátrico, mais conhecido como "casa de repouso para idosos". Como você sugere que os estudantes busquem as informações que darão subsídio ao programa de necessidades?

Visita ao local para entender o dia a dia e conversa com os responsáveis e, principalmente, com os idosos.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

## Pesquisa: Gestão de Design e Design de Interiores

Olá professor (a), meu nome é Laura Zimmermann Flores, sou Mestranda do Programa de Pós Graduação em Design da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), e conto com a sua colaboração para responder este pequeno questionário sobre o ensino de projeto em cursos de Design de Interiores. O questionário abaixo é uma das etapas do desenvolvimento da minha dissertação, que aborda os processos de Design de Interiores a partir da ótica da Gestão de Design, sob a orientação da Profa. Dra. Giselle Merino. Desde já agradeço pela contribuição com este trabalho.

Você é do sexo:

- Feminino
- Masculino

Idade:

57

Qual a sua formação acadêmica? (Curso de Graduação, Instituição e Ano)

Arquitetura e Urbanismo UFPEL 1986

Caso possua pós graduação, descreva abaixo a área, o nível (especialização, mestrado, doutorado) e a instituição de formação.

Doutorado Posarq UFSC. Processo de Projeto

Você é docente em um Curso de Design de Interiores

- de Nível Técnico
- de Nível Superior
- Ambos

Descreva abaixo as disciplinas de projeto que você já ministrou ou ministra:

Projetos: residencial, comercial, projeto multidisciplinar integrador I, II, III. Metodologia de projetos.ecodesign

Conforme a sua didática em disciplinas de Projeto de Interiores, qual seu ponto de partida para dar início ao conteúdo da disciplina? (Por exemplo: o que você trabalha com os alunos nas primeiras aulas para iniciar a abordagem planejada?)

Fundamentação. Exposição da situação.



Quais as ETAPAS metodológicas você apresenta aos estudantes como necessárias ao desenvolvimento de projetos de interiores?

Etapas: planejamento do empreendimento, Informacional, conceitual, preliminar, legal, detalhamento, acompanhamento da execução, acompanhamento do uso.

Quais as FERRAMENTAS metodológicas você propõe para que seja possível desenvolver as etapas apresentadas?

Gestão e gerenciamento de projeto.

Você apresenta alguma METODOLOGIA ESPECÍFICA para o desenvolvimento de projetos de interiores? (Por exemplo, algum livro específico que apresente um passo-a-passo do processo projetual, ou a metodologia de algum escritório?)

Modelo de referência GPPIE.

Como foram adquiridos os seus conhecimentos acerca dos procedimentos metodológicos a serem adotados no desenvolvimento de projetos de Design de Interiores? (Por exemplo: aprendeu na prática; foi a mesma utilizada na sua graduação; aperfeiçoou com os anos; aprendeu com profissionais com os quais trabalhou; etc)

Pesquisas, prática profissional, pós graduação.

Situação 1: Você ministra a disciplina de projeto de interiores comerciais, na qual os estudantes tem como objetivo o desenvolvimento do projeto de uma loja de calçados. Como você sugere que sejam coletadas as informações que darão subsídio ao programa de necessidades?

Através das atividades pertinentes a etapa Informacional: briefing, levantamento de dados, pesquisa temática entre outras ações inerentes ao tema.

Situação 2: Você ministra a disciplina de projeto de interiores residencial, na qual os estudantes tem como objetivo o desenvolvimento do projeto de uma residência cujos moradores são "um casal com um filho de 6 anos". Como você sugere que os estudantes busquem as informações que darão subsídio ao programa de necessidades?

Através das atividades pertinentes a etapa Informacional: briefing, levantamento de dados, pesquisa temática entre outras ações inerentes ao tema.

Situação 3: Você ministra a disciplina de Projeto de Interiores Institucional, na qual os estudantes tem como objetivo o desenvolvimento de um Centro Geriátrico, mais conhecido como "casa de repouso para idosos". Como você sugere que os estudantes busquem as informações que darão subsídio ao programa de necessidades?

Através das atividades pertinentes a etapa Informacional: briefing, levantamento de dados, pesquisa temática entre outras ações inerentes ao tema.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

## Pesquisa: Gestão de Design e Design de Interiores

Olá professor (a), meu nome é Laura Zimmermann Flores, sou Mestranda do Programa de Pós Graduação em Design da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), e conto com a sua colaboração para responder este pequeno questionário sobre o ensino de projeto em cursos de Design de Interiores. O questionário abaixo é uma das etapas do desenvolvimento da minha dissertação, que aborda os processos de Design de Interiores a partir da ótica da Gestão de Design, sob a orientação da Profa. Dra. Giselle Merino. Desde já agradeço pela contribuição com este trabalho.

Você é do sexo:

- Feminino  
 Masculino

Idade:

40

Qual a sua formação acadêmica? (Curso de Graduação, Instituição e Ano)

Arquitetura

Caso possua pós graduação, descreva abaixo a área, o nível (especialização, mestrado, doutorado) e a instituição de formação.

Mestrado em Arquitetura

Você é docente em um Curso de Design de Interiores

- de Nível Técnico  
 de Nível Superior  
 Ambos

Descreva abaixo as disciplinas de projeto que você já ministrou ou ministra:

Projeto, conforto, desenho, estudos sociais, interiores

Conforme a sua didática em disciplinas de Projeto de Interiores, qual seu ponto de partida para dar início ao conteúdo da disciplina? (Por exemplo: o que você trabalha com os alunos nas primeiras aulas para iniciar a abordagem planejada?)

Metodologia de Projeto

Quais as ETAPAS metodológicas você apresenta aos estudantes como necessárias ao desenvolvimento de projetos de interiores?

Briefing, referenciais de projeto, estudos de caso, conceitualização, programa de necessidades, estudos de layout, composição de planos verticais, detalhamento

Quais as FERRAMENTAS metodológicas você propõe para que seja possível desenvolver as etapas apresentadas?

Painel semântico, estudos de caso, fluxo organograma, caderno técnico

Você apresenta alguma METODOLOGIA ESPECÍFICA para o desenvolvimento de projetos de interiores? (Por exemplo, algum livro específico que apresente um passo-a-passo do processo projetual, ou a metodologia de algum escritório?)

Referencias bibliograficas atraves de livros e revistas

Como foram adquiridos os seus conhecimentos acerca dos procedimentos metodológicos a serem adotados no desenvolvimento de projetos de Design de Interiores? (Por exemplo: aprendeu na prática; foi a mesma utilizada na sua graduação; aperfeiçoou com os anos; aprendeu com profissionais com os quais trabalhou; etc)

Aperfeiçoei com os anos

Situação 1: Você ministra a disciplina de projeto de interiores comerciais, na qual os estudantes tem como objetivo o desenvolvimento do projeto de uma loja de calçados. Como você sugere que sejam coletadas as informações que darão subsídio ao programa de necessidades?

Estudo dos produtos a serem comercializados e do público alvo

Situação 2: Você ministra a disciplina de projeto de interiores residencial, na qual os estudantes tem como objetivo o desenvolvimento do projeto de uma residência cujos moradores são "um casal com um filho de 6 anos". Como você sugere que os estudantes busquem as informações que darão subsídio ao programa de necessidades?

Entrevista com toda família de clientes.

Situação 3: Você ministra a disciplina de Projeto de Interiores Institucional, na qual os estudantes tem como objetivo o desenvolvimento de um Centro Geriátrico, mais conhecido como "casa de repouso para idosos". Como você sugere que os estudantes busquem as informações que darão subsídio ao programa de necessidades?

Observação do cotidiano de uma casa de repouso, entrevistas com os profissionais envolvidos e conhecimento das limitações físicas dos usuários, bem como todas as atividades a serem desenvolvidas nos ambientes. Consulta às normas técnicas

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

## Pesquisa: Gestão de Design e Design de Interiores

Olá professor (a), meu nome é Laura Zimmermann Flores, sou Mestranda do Programa de Pós Graduação em Design da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), e conto com a sua colaboração para responder este pequeno questionário sobre o ensino de projeto em cursos de Design de Interiores. O questionário abaixo é uma das etapas do desenvolvimento da minha dissertação, que aborda os processos de Design de Interiores a partir da ótica da Gestão de Design, sob a orientação da Profa. Dra. Giselle Merino. Desde já agradeço pela contribuição com este trabalho.

Você é do sexo:

- Feminino  
 Masculino

Idade:

47

Qual a sua formação acadêmica? (Curso de Graduação, Instituição e Ano)

Arquitetura e Urbanismo, UFSC, 1995

Caso possua pós graduação, descreva abaixo a área, o nível (especialização, mestrado, doutorado) e a instituição de formação.

Projeto de Arquitetura, Mestrado, UFSC

Você é docente em um Curso de Design de Interiores

- de Nível Técnico  
 de Nível Superior  
 Ambos

Descreva abaixo as disciplinas de projeto que você já ministrou ou ministra:

Projeto de Mobiliário, Projeto Residencial, Projeto de Serviços e Projeto multidisciplinar.

Conforme a sua didática em disciplinas de Projeto de Interiores, qual seu ponto de partida para dar início ao conteúdo da disciplina? (Por exemplo: o que você trabalha com os alunos nas primeiras aulas para iniciar a abordagem planejada?)

Pesquisas temáticas e fundamentação e conceito

Quais as ETAPAS metodológicas você apresenta aos estudantes como necessárias ao desenvolvimento de projetos de interiores?

Etapa informacional, etapa conceitual, Projeto preliminar e Projeto executivo

Quais as FERRAMENTAS metodológicas você propõe para que seja possível desenvolver as etapas apresentadas?

Pesquisas e estudos em croquis

Você apresenta alguma METODOLOGIA ESPECÍFICA para o desenvolvimento de projetos de interiores? (Por exemplo, algum livro específico que apresente um passo-a-passo do processo projetual, ou a metodologia de algum escritório?)

Não

Como foram adquiridos os seus conhecimentos acerca dos procedimentos metodológicos a serem adotados no desenvolvimento de projetos de Design de Interiores? (Por exemplo: aprendeu na prática; foi a mesma utilizada na sua graduação; aperfeiçoou com os anos; aprendeu com profissionais com os quais trabalhou; etc)

Prática aliada a formação acadêmica

Situação 1: Você ministra a disciplina de projeto de interiores comerciais, na qual os estudantes tem como objetivo o desenvolvimento do projeto de uma loja de calçados. Como você sugere que sejam coletadas as informações que darão subsídio ao programa de necessidades?

Pesquisa temática

Situação 2: Você ministra a disciplina de projeto de interiores residencial, na qual os estudantes tem como objetivo o desenvolvimento do projeto de uma residência cujos moradores são "um casal com um filho de 6 anos". Como você sugere que os estudantes busquem as informações que darão subsídio ao programa de necessidades?

Entrevista com os clientes

Situação 3: Você ministra a disciplina de Projeto de Interiores Institucional, na qual os estudantes tem como objetivo o desenvolvimento de um Centro Geriátrico, mais conhecido como "casa de repouso para idosos". Como você sugere que os estudantes busquem as informações que darão subsídio ao programa de necessidades?

Pesquisa temática e estudos de caso

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários



Quais as FERRAMENTAS metodológicas você propõe para que seja possível desenvolver as etapas apresentadas?

VISITAS A LOJAS E FORNECEDORES. ESTUDO DE TENDÊNCIAS. ESTUDO DE ERGONOMIA.

Você apresenta alguma METODOLOGIA ESPECÍFICA para o desenvolvimento de projetos de interiores? (Por exemplo, algum livro específico que apresente um passo-a-passo do processo projetual, ou a metodologia de algum escritório?)

COMPARTILHO MINHA EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL. ENTREVISTA COM OUTROS PROFISSIONAIS. LIVROS ESPECÍFICOS.

Como foram adquiridos os seus conhecimentos acerca dos procedimentos metodológicos a serem adotados no desenvolvimento de projetos de Design de Interiores? (Por exemplo: aprendeu na prática; foi a mesma utilizada na sua graduação; aperfeiçoou com os anos; aprendeu com profissionais com os quais trabalhou; etc)

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL. PÓS GRADUAÇÃO. COMPARTILHAMENTO COM OUTROS PROFISSIONAIS.

Situação 1: Você ministra a disciplina de projeto de interiores comerciais, na qual os estudantes tem como objetivo o desenvolvimento do projeto de uma loja de calçados. Como você sugere que sejam coletadas as informações que darão subsídio ao programa de necessidades?

ENTREVISTAS COM PÚBLICO ALVO. ESTUDO DE CASO. ENTREVISTAS COM OUTROS PROFISSIONAIS.

Situação 2: Você ministra a disciplina de projeto de interiores residencial, na qual os estudantes tem como objetivo o desenvolvimento do projeto de uma residência cujos moradores são "um casal com um filho de 6 anos". Como você sugere que os estudantes busquem as informações que darão subsídio ao programa de necessidades?

ELABORO BRIEFING FICTÍCIO COM ESPECIFICIDADES PARA CADA COMPONENTE DA FAMÍLIA. ESTAS ESPECIFICIDADES FAZEM COM QUE OS ALUNOS NECESSITEM REALIZAR PESQUISAS SOBRE CADA INDIVÍDUO. EXEMPLO: FILHO CADEIRANTE - ESTUDO SOBRE ACESSIBILIDADE.

Situação 3: Você ministra a disciplina de Projeto de Interiores Institucional, na qual os estudantes tem como objetivo o desenvolvimento de um Centro Geriátrico, mais conhecido como "casa de repouso para idosos". Como você sugere que os estudantes busquem as informações que darão subsídio ao programa de necessidades?

ESTUDO DE CASO COM ENTREVISTAS A FUNCIONÁRIOS DE UMA ILPI E TAMBÉM COM IDOSOS. ESTUDOS SOBRE ACESSIUE PSICOLOGIA AMBIENTAL.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários





Quais as FERRAMENTAS metodológicas você propõe para que seja possível desenvolver as etapas apresentadas?

-----

Você apresenta alguma METODOLOGIA ESPECÍFICA para o desenvolvimento de projetos de interiores? (Por exemplo, algum livro específico que apresente um passo-a-passo do processo projetual, ou a metodologia de algum escritório?)

-----

Como foram adquiridos os seus conhecimentos acerca dos procedimentos metodológicos a serem adotados no desenvolvimento de projetos de Design de Interiores? (Por exemplo: aprendeu na prática; foi a mesma utilizada na sua graduação; aperfeiçoou com os anos; aprendeu com profissionais com os quais trabalhou; etc)

-----

Situação 1: Você ministra a disciplina de projeto de interiores comerciais, na qual os estudantes tem como objetivo o desenvolvimento do projeto de uma loja de calçados. Como você sugere que sejam coletadas as informações que darão subsídio ao programa de necessidades?

-----

Situação 2: Você ministra a disciplina de projeto de interiores residencial, na qual os estudantes tem como objetivo o desenvolvimento do projeto de uma residência cujos moradores são "um casal com um filho de 6 anos". Como você sugere que os estudantes busquem as informações que darão subsídio ao programa de necessidades?

-----

Situação 3: Você ministra a disciplina de Projeto de Interiores Institucional, na qual os estudantes tem como objetivo o desenvolvimento de um Centro Geriátrico, mais conhecido como "casa de repouso para idosos". Como você sugere que os estudantes busquem as informações que darão subsídio ao programa de necessidades?

-----

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários



Quais as FERRAMENTAS metodológicas você propõe para que seja possível desenvolver as etapas apresentadas?

-----

Você apresenta alguma METODOLOGIA ESPECÍFICA para o desenvolvimento de projetos de interiores? (Por exemplo, algum livro específico que apresente um passo-a-passo do processo projetual, ou a metodologia de algum escritório?)

-----

Como foram adquiridos os seus conhecimentos acerca dos procedimentos metodológicos a serem adotados no desenvolvimento de projetos de Design de Interiores? (Por exemplo: aprendeu na prática; foi a mesma utilizada na sua graduação; aperfeiçoou com os anos; aprendeu com profissionais com os quais trabalhou; etc)

-----

Situação 1: Você ministra a disciplina de projeto de interiores comerciais, na qual os estudantes tem como objetivo o desenvolvimento do projeto de uma loja de calçados. Como você sugere que sejam coletadas as informações que darão subsídio ao programa de necessidades?

-----

Situação 2: Você ministra a disciplina de projeto de interiores residencial, na qual os estudantes tem como objetivo o desenvolvimento do projeto de uma residência cujos moradores são "um casal com um filho de 6 anos". Como você sugere que os estudantes busquem as informações que darão subsídio ao programa de necessidades?

-----

Situação 3: Você ministra a disciplina de Projeto de Interiores Institucional, na qual os estudantes tem como objetivo o desenvolvimento de um Centro Geriátrico, mais conhecido como "casa de repouso para idosos". Como você sugere que os estudantes busquem as informações que darão subsídio ao programa de necessidades?

-----

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários



Quais as ETAPAS metodológicas você apresenta aos estudantes como necessárias ao desenvolvimento de projetos de interiores?

Etapas: planejamento do empreendimento, Informacional, conceitual, preliminar, legal, detalhamento, acompanhamento da execução, acompanhamento do uso.

Quais as FERRAMENTAS metodológicas você propõe para que seja possível desenvolver as etapas apresentadas?

Gestão e gerenciamento de projeto.

Você apresenta alguma METODOLOGIA ESPECÍFICA para o desenvolvimento de projetos de interiores? (Por exemplo, algum livro específico que apresente um passo-a-passo do processo projetual, ou a metodologia de algum escritório?)

Modelo de referência GPPIE.

Como foram adquiridos os seus conhecimentos acerca dos procedimentos metodológicos a serem adotados no desenvolvimento de projetos de Design de Interiores? (Por exemplo: aprendeu na prática; foi a mesma utilizada na sua graduação; aperfeiçoou com os anos; aprendeu com profissionais com os quais trabalhou; etc)

Pesquisas, prática profissional, pós graduação.

Situação 1: Você ministra a disciplina de projeto de interiores comerciais, na qual os estudantes tem como objetivo o desenvolvimento do projeto de uma loja de calçados. Como você sugere que sejam coletadas as informações que darão subsídio ao programa de necessidades?

Através das atividades pertinentes a etapa Informacional: briefing, levantamento de dados, pesquisa temática entre outras ações inerentes ao tema.

Situação 2: Você ministra a disciplina de projeto de interiores residencial, na qual os estudantes tem como objetivo o desenvolvimento do projeto de uma residência cujos moradores são "um casal com um filho de 6 anos". Como você sugere que os estudantes busquem as informações que darão subsídio ao programa de necessidades?

Através das atividades pertinentes a etapa Informacional: briefing, levantamento de dados, pesquisa temática entre outras ações inerentes ao tema.

Situação 3: Você ministra a disciplina de Projeto de Interiores Institucional, na qual os estudantes tem como objetivo o desenvolvimento de um Centro Geriátrico, mais conhecido como "casa de repouso para idosos". Como você sugere que os estudantes busquem as informações que darão subsídio ao programa de necessidades?

Através das atividades pertinentes a etapa Informacional: briefing, levantamento de dados, pesquisa temática entre outras ações inerentes ao tema.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários





Situação 3: Você ministra a disciplina de Projeto de Interiores Institucional, na qual os estudantes tem como objetivo o desenvolvimento de um Centro Geriátrico, mais conhecido como "casa de repouso para idosos". Como você sugere que os estudantes busquem as informações que darão subsídio ao programa de necessidades?

Estudo de antecedentes ( projetos de referência) + APO ( pesquisas acadêmicas com metodologia de avaliação pós- ocupação de ambientes afins) + Visitas em ambientes semelhantes ou voltados para público-alvo + Entrevista com usuários do espaço ( trabalhadores, idosos e seus familiares) + Pesquisa em normas e livros

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários







Situação 3: Você ministra a disciplina de Projeto de Interiores Institucional, na qual os estudantes tem como objetivo o desenvolvimento de um Centro Geriátrico, mais conhecido como "casa de repouso para idosos". Como você sugere que os estudantes busquem as informações que darão subsídio ao programa de necessidades?

Entrevista com proprietário ou gestor do local/Qual o objeto central do projeto/Localização x espaço físico/Pesquisa de campo: vivenciando o dia a dia dos idosos/Abordagem sob forma de pesquisa qualitativa sobre os aspectos que poderiam contribuir na qualidade de vida e bem estar dos idosos/pesquisa sobre o tema através de sites e casos/ Observar medidas e normatizações da arquitetura inclusiva e desenho universal/

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários



Quais as FERRAMENTAS metodológicas você propõe para que seja possível desenvolver as etapas apresentadas?

Apresentação física e digital, montagem de painéis conceituais, maquetes físicas .

Você apresenta alguma METODOLOGIA ESPECÍFICA para o desenvolvimento de projetos de interiores? (Por exemplo, algum livro específico que apresente um passo-a-passo do processo projetual, ou a metodologia de algum escritório?)

Depende do conteúdo da disciplina. Há pouca bibliografia com qualidade.

Como foram adquiridos os seus conhecimentos acerca dos procedimentos metodológicos a serem adotados no desenvolvimento de projetos de Design de Interiores? (Por exemplo: aprendeu na prática; foi a mesma utilizada na sua graduação; aperfeiçoou com os anos; aprendeu com profissionais com os quais trabalhou; etc)

Experiência profissional.

Situação 1: Você ministra a disciplina de projeto de interiores comerciais, na qual os estudantes tem como objetivo o desenvolvimento do projeto de uma loja de calçados. Como você sugere que sejam coletadas as informações que darão subsídio ao programa de necessidades?

Visita a locais com programas semelhantes e experiência como usuários.

Situação 2: Você ministra a disciplina de projeto de interiores residencial, na qual os estudantes tem como objetivo o desenvolvimento do projeto de uma residência cujos moradores são "um casal com um filho de 6 anos". Como você sugere que os estudantes busquem as informações que darão subsídio ao programa de necessidades?

Estabelecer perfil da família (atividades e hobbies)

Situação 3: Você ministra a disciplina de Projeto de Interiores Institucional, na qual os estudantes tem como objetivo o desenvolvimento de um Centro Geriátrico, mais conhecido como "casa de repouso para idosos". Como você sugere que os estudantes busquem as informações que darão subsídio ao programa de necessidades?

Estudos de caso e visita a locais com programa semelhante.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários



Quais as ETAPAS metodológicas você apresenta aos estudantes como necessárias ao desenvolvimento de projetos de interiores?

Inicia-se pelo estudo da problemática que eles terão que trabalhar, briefing, programa de necessidades, estudo de casos, lançamento inicial de ideias para após, aperfeiçoamento do projeto e detalhamento das decisões.

Quais as FERRAMENTAS metodológicas você propõe para que seja possível desenvolver as etapas apresentadas?

Pesquisa em livros, internet e visitas in loco. Para lançamento de ideias, desenhos à mão inicialmente e Pinterest para busca de repertório. Após, inicia-se a utilização de ferramentas gráficas digitais.

Você apresenta alguma METODOLOGIA ESPECÍFICA para o desenvolvimento de projetos de interiores? (Por exemplo, algum livro específico que apresente um passo-a-passo do processo projetual, ou a metodologia de algum escritório?)

Busco utilizar uma metodologia ativa/ participativa indo ao encontro de como ocorre no dia a dia do profissional, vinculando a ideia de trabalhabilidade. Trabalhos em equipe em algumas etapas também são abordadas com o mesmo intuito, ou seja, aprender a trabalhar em equipe, como em um escritório real. Muito dessa metodologia é encontrada em bibliografias, mas de imediato não me recordo de um livro específico.

Como foram adquiridos os seus conhecimentos acerca dos procedimentos metodológicos a serem adotados no desenvolvimento de projetos de Design de Interiores? (Por exemplo: aprendeu na prática; foi a mesma utilizada na sua graduação; aperfeiçoou com os anos; aprendeu com profissionais com os quais trabalhou; etc)

Através de uma união de formas, houve pesquisas sobre o assunto de abordagem metodológica para disciplinas de projetos somado ao conhecimento prático da área de projeto de interiores e claro, tudo sendo aperfeiçoado semestre após semestre, ajustando e melhorando pontos frágeis da metodologia, sem contar a necessidade de ajustes para cada turma com a qual se está trabalhando no momento. Portanto, é possível englobar o aperfeiçoamento com os anos.

Situação 1: Você ministra a disciplina de projeto de interiores comerciais, na qual os estudantes tem como objetivo o desenvolvimento do projeto de uma loja de calçados. Como você sugere que sejam coletadas as informações que darão subsídio ao programa de necessidades?

Após entender a situação problema do projeto (onde será implantado, público alvo, etc.) é importante instigar a realização de visitas in loco em lojas próximas a realidade apresentada, entrevista com vendedores e principalmente com o público consumidor, e estudo de casos diversos de fora da cidade ou país, com a intenção de aumentar o repertório do alunos sobre o assunto e a busca de diferenciais para o projeto.

Situação 2: Você ministra a disciplina de projeto de interiores residencial, na qual os estudantes tem como objetivo o desenvolvimento do projeto de uma residência cujos moradores são "um casal com um filho de 6 anos". Como você sugere que os estudantes busquem as informações que darão subsídio ao programa de necessidades?

Um briefing bem realizado e completo, preferencialmente e importante a presença da criança para compreensão sobre o seu comportamento e seus gostos. No briefing utilizar perguntas sobre anseios, desejos, gostos, segurança, alergias, etc. Pesquisa sobre itens importantes para as necessidades da família.

Situação 3: Você ministra a disciplina de Projeto de Interiores Institucional, na qual os estudantes tem como objetivo o desenvolvimento de um Centro Geriátrico, mais conhecido como "casa de repouso para idosos". Como você sugere que os estudantes busquem as informações que darão subsídio ao programa de necessidades?

Busca por locais com o mesmo uso para conhecimento das necessidades a partir de visitas in loco, pesquisas técnicas a respeito das necessidades, cuidados, fragilidades, ergonomia e segurança para pessoas idosas, mas sem esquecer da ergonomia e segurança também para as pessoas que trabalham no centro geriátrico. Pesquisas de repertório e estudos de casos já existentes a fim de entender pontos positivos e negativos de cada caso, o que irá gerar tópicos a adotar ou melhorar no projeto a ser desenvolvido.

